

Mara Rosane Coelho Teixeira

**EM RODA DOS MENINOS:** Um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá / AM – 2003.

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós Graduação em Educação – CED  
Documento parcial do requisito para obtenção do título de Mestre  
Linha de pesquisa Movimentos Sociais e Educação  
Orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Cristiana Tramonte

Florianópolis, maio de 2004

## **OFEREÇO...**

Às crianças da Vila Céu do Mapiá,  
que me ensinaram  
a respeitar o seu jeito de ser.

## **AGRADEÇO...**

A construção deste estudo foi compartilhada com muitas pessoas especiais, às quais chegou a hora de agradecer pelas cumplicidades vivenciadas para a realização desse grande desafio.

A Cristiana Tramonte, orientadora e amiga, por ter confiado na possibilidade de concretizar o estudo, desde o nosso primeiro encontro, e por seu rigor e exigência, compreensão e sabedoria.

A Maristela Fantin, Sonia Beltrame e Reinaldo Matias Fleuri, professores do Mestrado, por me terem apontado o rigor acadêmico presente na análise dos Movimentos Sociais.

A Maria Teresa Cunha, Reinaldo Matias Fleury e Alexandre Vaz, professores que, no momento da Banca de Qualificação, contribuíram com sugestões valiosas para essa pesquisa.

Ao Padrinho Sebastião, “in memoriam”, por me conceder a inspiração divina para construir essa pesquisa.

Aos moradores e moradoras da Vila Céu do Mapiá pelo seu acolhimento, amizade e carinho que sempre me receberam, especialmente ao Padrinho Alfredo, Padrinho Valdete, Madrinha Rita, Madrinha Cristina e Madrinha Júlia. De modo particular, destaco as pessoas que concederam entrevistas relevantes para esse

estudo: Padrinho Alfredo, senhoras Francisca Corrente e Maria Sebastiana Cordeiro e ao senhor Ivan Lessa.

Ao Enio e a Nena, meus pais, que me ensinaram com sabedoria os valores necessários para estar no mundo, a honestidade, a responsabilidade, a persistência, a sensibilidade.

Ao Carlos Pagano, companheiro amoroso de muitas jornadas, que acreditou nessa pesquisa sempre, apoiando-me em todos os momentos com palavras confortantes e desafiadoras.

A Brisa, ao Pedro e ao Francisco, meus filhos, por seu amor e carinho e por tentarem compreender minhas ausências durante o desenvolvimento dessa investigação.

A Rosimere Teixeira, minha irmã, que muitas vezes supriu com carinho e atenção minhas ausências no cuidado das crianças.

Ao Olívio Teixeira, meu irmão, pelas primeiras dicas acadêmicas e caminhos a serem tecidos na elaboração desse estudo, juntamente com ajuda na língua francesa.

Ao Daniel Teixeira, meu sobrinho, que me emprestou sua câmara fotográfica digital para que as imagens, nesse estudo, estivessem presentes.

A Irene Villarreal, amiga, que me acolheu no aconchego de sua família, na Vila Céu do Mapiá, durante o período da pesquisa de campo.

A Vera Lucia Gall, amiga de muitas conversas e cúmplice de tantos momentos vivenciados na doutrina, muito contribuiu para essa pesquisa com suas memórias.



A Maria Conceição Coppete, amiga dessa jornada acadêmica, sensível na escuta de tantos momentos, prestando devolutivas com palavras carinhosas e competentes.

A Aucy Braga, aluna e amiga, pelas preciosas referências bibliográficas sobre o universo da infância.

A Anaruez Moraes, pelos diálogos acadêmicos realizados no momento da pesquisa de campo e por me conceder seu texto da Qualificação do Doutorado.

A Isabela Bernardo pelos empréstimos literários acerca do tema da doutrina.

A Maria Elisabete Moreira, por me proporcionar o acesso à dissertação de Fernando La Roque Couto.

A Rosangela, a Lúcia, ao Ivan, a Lóri, a Fernanda, ao Frank, a Vera, colegas do Mestrado na linha de pesquisa dos Movimentos Sociais, por partilharem comigo experiências, angústias, conhecimentos, amizade e respeito.

A UDESC-CEAD, instituição em que exerço minhas atividades profissionais, por possibilitar minha saída ao campo de pesquisa.

Aos alunos do Curso de Pedagogia da UDESC, na modalidade à distância, turma 02, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, que me apoiaram nessa caminhada, compreendendo a minha ausência no momento da pesquisa de campo.

Aos colegas de trabalho da UDESC/CEAD, pelo apoio e incentivo no caminhar dessa pesquisa.

Ao Enio Staub e Ivana Duarte, que abriram as portas de sua casa para eu conhecer a doutrina do Santo Daime.

Agradeço de coração a todos os que, de alguma forma, colaboraram na realização da presente pesquisa. Muito Obrigada!

## **RODA DOS MENINOS<sup>1</sup>**

Eu sou pequenininho  
Mas trago os meus ensinios  
Eu canto é bem baixinho  
Em roda dos meninos.

Canta, canta os meninos  
Para todos se alegrar  
Que nós somos todos filhos  
E é preciso nós rezar.

É de grande a pequeno  
É para todos dar valor  
Que nós estamos na doutrina  
Do nosso Pai Criador.

---

<sup>1</sup> O Título da Dissertação foi inspirado no Hino número 10 do Hinário de Maria Marques Vieira conhecida popularmente como Maria Damião, que elucida as crianças e os ensinamentos que trazem consigo. No norte do país a palavra menino refere-se a criança.

***Em memória a Maria Marques Vieira  
pelos ensinamentos transmitidos no seu Hinário  
e pelo seu espírito de luta diante da vida.***

Maria Marques Vieira nasceu em Belém do Pará, em 1917. Ainda muito jovem transferiu-se com a família para Rio Branco – Acre, onde conheceu Mestre Raimundo Irineu Serra, no início da década de 30. Maria Damião, como passou a ser conhecida, casou-se e teve sete filhos (um adotivo), perdendo o marido logo em seguida. Enfrentou muitas dificuldades, tanto na vida material como nos trabalhos com Santo Daime. Maria Damião viveu como “uma irmã desvalida”, e legou um hinário de grande beleza. Trabalhou duramente na agricultura e na preparação do carvão, sustentando toda a família. Vitimada pela pneumonia, faleceu no dia três de abril de 1949, com a idade de trinta e dois anos.

## **RESUMO**

Esse estudo tem por objetivo compreender a visão de mundo que as crianças constroem na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, no Estado do Amazonas, a partir das experiências que vivenciam no espaço das brincadeiras, na elaboração dos saberes e nas práticas religiosas ritualísticas denominadas “Trabalhos Espirituais”. A pesquisa focaliza a relação dialógica como elemento central de contato com o sujeito – a criança. Desse modo, parto da empiria, buscando os recortes teóricos necessários para ressignificá-la, utilizando as categorias conceituais de análise que possibilitam a compreensão dos significados, valores, sentidos que são fundamentais na vida dessas crianças. Os dados analisados foram obtidos através do exercício etnográfico, em um processo metodológico de estranhamento e familiarização, considerando o olhar, o ouvir e o escrever. A interpretação dos dados permitiu perceber que as crianças da pesquisa vivenciam sua infância, constroem saberes significativos, ao mesmo tempo em que participam das práticas religiosas que edificam a sua visão de mundo.

## **RÉSUMÉ**

L'objectif de cet étude est de comprendre la vision de monde que les enfants se font construire dans le quotidien de la doctrine du Santo Daime, au Village Céu do Mapiá, dans l'état de l'Amazonas au Brésil. Il est basé sur les expériences que les enfants vivent dans l'espace des jeux, de l'élaboration des savoirs et des pratiques religieuses ritualistes dénomées "Travaux de l'esprit". La recherche met en relief le rapport dialogique en tant qu'élément central de contact avec le sujet – l'enfant. On part ainsi d'études empiriques, tout en cherchant les découpages théoriques nécessaires pour les entendre et s'utilisant des catégories conceptuelles d'analyse qui ont rendu possible la compréhension des signifiés, des valeurs et des sens fondamentaux dans la vie de ces enfants. Les données analysées ont été obtenues à partir d'un exercice ethnographique, dans un processus méthodologique d'étonnement et de familiarité, considérant le regard, l'entendre et l'écrire. L'interprétation des données a permis de percevoir que les enfants qui ont été recherchés contruisent des savoirs signifiés, au même temps qu'ils participent des pratiques religieuses qui édifient leur vision de monde.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. O CONTEXTO DA FLORESTA .....</b>	<b>19</b>
1.1. A Vila Céu do Mapiá e a doutrina do Santo Daime.....	22
1.1.1. Desponta a liderança de Padrinho Sebastião.....	31
1.1.2. A fundação da Vila Céu do Mapiá.....	41
1.1.3. Novos desafios para os moradores da Vila Céu do Mapiá.....	43
1.2. O movimento do Padrinho Sebastião.....	51
1.3. O Santo Daime e seu ritual.....	58
1.4. O preparo da bebida Santo Daime.....	64
1.5. A doutrina do Santo Daime.....	67
1.6. Aproximações conceituais do ritual.....	70
<b>2. O ENCONTRO NA FLORESTA.....</b>	<b>78</b>
2.1. No encontro com a infância.....	80
2.2. No encontro com a criança, o exercício de alteridade.....	103
<b>3. OS SABERES DA FLORESTA – diferentes aspectos da</b>	
<b>“visão de mundo” das crianças.....</b>	<b>112</b>
3.1. “Estou aprendendo!” – A educação na Escola Cruzeiro do Céu.....	113
3.1.1. A arquitetura e espacialidade da Escola Cruzeiro do Céu.....	124
3.1.2. As mediações com os profissionais da escola.....	125
3.1.3. As crianças falam da escola.....	130
3.1.4. A Festa Junina – momentos de lazer e cultura.....	134

3.1.5. O papel pedagógico do hino.....	136
3.2. Plantas e remédios – Centro Medicina da Floresta.....	141
3.3. Entre linhas e fios – a Tecelagem.....	149
3.4. “O Daime ensina a gente!” – A doutrina, fonte de conhecimento.....	154
3.4.1. O significado dos festejos juninos para as crianças.....	162
3.4.2. O sentido da ingestão do Santo Daime.....	168
3.4.3. As mensagens dos hinos.....	177
 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	188
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
 ANEXOS.....	201

## INTRODUÇÃO

Meu projeto de pesquisa nasceu da experiência em trabalhar como professora nos anos de 1997 e 1998 na Escola Cruzeiro do Céu, na Vila Céu do Mapiá, no Estado do Amazonas. E por que fui me embrenhar na floresta? O que me atraiu para ser professora em uma escolinha no interior da Amazônia? O motivo maior que me moveu para tanto, juntamente com minha família, foi conhecer, vivenciar, celebrar as práticas ritualísticas da doutrina do Santo Daime, na qual estamos envolvidos na igreja de Florianópolis, desde 1989.

Meu trabalho diário, na Escola Cruzeiro do Céu, e a convivência como moradora, na Vila Céu do Mapiá, me levaram a observar as crianças que se encontravam inseridas numa comunidade religiosa encravada no seio da floresta Amazônica, cujo espaço social girava ao redor das brincadeiras, da escola e das práticas ritualísticas chamadas “Trabalhos Espirituais”.

Eu não sabia, nessa época, que essa doutrina, de alguma forma, estaria relacionada com o recorte da pesquisa, as crianças. Optei por trabalhar com as crianças. Para tanto "(...), falo das crianças como sujeito, como ser social situado no tempo e no espaço". (LEITE, 1996: 76) Como pesquisadora, as crianças a que faço referência não foram apenas objeto de investigação, mas as considero sujeitos com vida, repletas de peculiaridades, que partilham do universo cultural e simbólico do Santo Daime.



Na contemporaneidade, a infância torna-se um tema relevante, uma preocupação tanto no campo da pesquisa empírica, quanto para os estudos teóricos. Buscar entender a compreensão dos mundos da infância, das vidas das crianças, retirando-as da sua condição de invisibilidade, passou a ser uma necessidade para ressignificá-la em um novo conceito. Diante desse novo conceito, os estudos da infância privilegiam que se fale das crianças a partir do ponto de vista delas, como profundas conhecedoras de seus mundos. Investigar as crianças sob a luz dessa abordagem é considerá-las como atores e parceiros, com suas próprias perspectivas, quanto ao que é importante em sua vida, como a estruturam e também pelas atividades que desenvolvem. Uma pesquisa centrada na criança tem como aspecto relevante a ser levado em conta o compartilhar do mesmo mundo que as outras pessoas. Nessa condição, focalizo-as como seres sociais, como sujeitos concretos num tempo e lugar, mediados por relações culturais específicas e que possam dar visibilidade à alteridade da criança, num movimento de encontro com o outro.

Minha postura metodológica nessa investigação foi iluminada pela obra de José Sousa Martins (1993), quando pede que se dê a palavra à criança - a fala das crianças. O que pretendi foi dar espaço a elas, trazer em evidência a voz das próprias crianças, para compreender a visão de mundo que constroem na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, na tentativa de estabelecer um diálogo com a teoria, como parte da trama textual.

O fato de tomar a bebida Santo Daime e participar de seus rituais possibilitaram penetrar mais a fundo nessa realidade pelos caminhos da sensibilidade e da intuição. Segundo a perspectiva anti-etnocêntrica de Roger Bastide (1979), o subjetivismo é considerado como verdadeira fonte de conhecimento, através da observação

participante, promovendo uma relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social em estudo. Assim, cabe relativizar as diferenças como meta para conseguir aprimorar a humanidade.

O paradigma da complexidade traduzido no pensamento de Edgar Morin (2000, 2001-b) desmistifica o dogmatismo científico e abre novas bases de reflexão acerca do fazer científico, do conhecimento para enfrentar a incerteza. Sustentado nesse pressuposto, cria-se um elo entre a subjetividade e a objetividade, como um movimento dinâmico de uma espiral, portanto, e processo recursivo, a cientificidade “(...) é a parte emersa de um grande iceberg profundo de não cientificidade”. (SPINK, 2000: 104) Coloca-se o desafio de repensar o critério de verdade. Para tanto,

(...) estou convencida de que a fecundidade dos debates, da conversação, não está em chegar a um consenso sobre o certo ou errado, mas está sim, na ampliação da nossa capacidade de admitir que a verdade é deste mundo e que todos os lugares são lugares de produção de verdade; está na flexibilização de nossa aceitação das diferenças, na abdicação do sonho das certezas, em nome da pluralidade e da tolerância. (FLEURI e COSTA, 2001: 36)

O olhar etnográfico nessa pesquisa exigiu um processo metodológico de familiarização e estranhamento. Uma vez que estranhar o familiar é condição essencial para apreender aquilo que é diferente de mim e que pode me ensinar algo de novo, e tornar familiar o que é diferente para compreendê-lo. Isso significou em relação às crianças da pesquisa ter, ao mesmo tempo, um olhar consideravelmente próximo, para entendê-las e consideravelmente distante, para analisá-las.

A abordagem etnográfica, adotada nesse estudo, a considero apropriada, dada a complexidade do contexto e a teia de sentidos produzidas pelas crianças na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na qual a investigação se edifica e tem por orientação três aspectos relevantes, segundo Oliveira (2000), o olhar, o ouvir e o escrever.

A etnografia permite ao pesquisador considerar o campo como um espaço em movimento de múltiplas interações. Acompanhar o movimento das crianças na Vila Céu do Mapiá contou com dois elementos importantes na ida ao campo, o período escolar e os festejos juninos.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de maio e junho de 2003, nos diversos momentos de encontros com as crianças na Vila Céu do Mapiá. Esses momentos foram de visitas, caminhadas, passeios, banhos de igarapé, festas de aniversários, brincadeiras, idas à escola e os Trabalhos Espirituais, procurando entender o lugar das crianças, uma vez que, em tudo que acontecia na Vila, elas marcavam presença. Toda a movimentação das crianças foi acompanhada pelo método de pesquisa da observação participante e registrados no diário de campo, que foi o grande aliado, no momento em que os dados foram rememorados e analisados para a textualização do trabalho.

As crianças, com suas diversas expressões, demarcavam a multiplicidade de sentidos contidos em suas falas. Trago os diálogos realizados nesse processo de movimentação das crianças e que denominei “conversas gravadas”, mantendo a mesma estrutura de construção de frase e o vocabulário por elas utilizado.

A novidade para as crianças era a câmera de fotografias digital que levei comigo para a Vila Céu do Mapiá. Muitas vezes a cena que procurava registrar desfazia-se logo

que se insinuava o gesto para tal e restava a “pose”. Mesmo assim foi possível, com paciência e sutileza, registrar algumas imagens.

O registro fotográfico que consegui captar não expressa a totalidade das experiências, das atividades do que observei em campo. Mas, algumas dessas imagens podem propiciar ao leitor e à leitora, o universo no qual a criança mapiense está contida. Afinal, são elas as protagonistas dessa investigação. É intencional a ausência de legendas junto às fotografias, pretendo evitar que palavras minhas traduzam significados, mas que cada um possa absorver a intensidade do movimento das crianças na Vila Céu do Mapiá.

A redação do texto da pesquisa foi organizado em três capítulos No primeiro, que chamo de Contexto da Floresta, procuro recuperar as circunstâncias históricas, culturais e sociais que levaram à fundação da Vila Céu do Mapiá e o surgimento da doutrina do Santo Daime, como movimento religioso típico da região Amazônica. Nesse processo, destaco a presença dos líderes Raimundo Irineu Serra - Mestre Irineu e de Sebastião Mota de Melo - Padrinho Sebastião, que consagram em seus rituais a bebida Santo Daime. Procuro abordar categorias de análise, como ritual e messianismo, com o intuito de dialogar com os dados históricos, os depoimentos, assim como os vários autores.

No segundo capítulo, encontra-se a primeira leitura que faço das crianças no Encontro da Floresta, tentando conjugar as observações de campo e as falas das mesmas com as preocupações teóricas. Procuro destacar questões importantes - sob o ponto de vista conceitual - que se atribuí ao universo da infância, presentificadas através das brincadeiras, do trabalho e das práticas religiosas. Indico ser necessário a construção de um olhar que evidencie a alteridade da infância como lugar de encontro com o outro no reconhecimento das diferenças.

O terceiro capítulo explicita os Saberes da Floresta. Minha intenção é mostrar que os diferentes aspectos da visão de mundo das crianças na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, perpassam a construção dos saberes. Com isso, são apontadas as trajetórias de experiências concretas, que as crianças tecem pelas várias dimensões do conhecimento que compartilham nesse contexto singular, permeado de ambivalências e contradições. Porém, a rede de saberes e fazeres na qual as crianças encontram-se envolvidas na Escola Cruzeiro do Céu, no Centro Medicina da Floresta, no Projeto de Tecelagem e nos Trabalhos Espirituais, oportunizam às mesmas “(...) estar sendo uma presença no mundo”. (FREIRE, 2000: 114)

Espero assim que essa investigação contribua para um novo olhar para infância e a criança, incluindo seu saber, sua espiritualidade, sua cultura, seus sonhos, suas necessidades, seus desafios, mediadas por um contexto religioso. Por isso, caro leitor e leitora, não encontram respostas prontas, mas uma reflexão teórico-prática sobre essa temática.



## 1. O CONTEXTO DA FLORESTA

É de grande a pequeno

É para todos dar valor

Que nós estamos na doutrina

Do nosso Pai Criador.

Hino número 10  
Hinário de Maria Marques Vieira

## O CONTEXTO DA FLORESTA

Quando nos referimos à Amazônia, predomina o entendimento de algo muito grande, exuberante, folclore de muitas lendas, riqueza em sua biodiversidade. Concebemos, muitas vezes, apenas a paisagem natural e nos esquecemos de quem habita nesse espaço. Perceber a territorialidade da Amazônia implica considerar também as relações sociais que constroem e destroem; os conflitos; as contradições; a luta dos Povos da Floresta, expresso no movimento de resistência de caráter social, cultural e ecológico de Chico Mendes. Na Amazônia convivem índios, posseiros, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, castanheiros. Isso significa reconhecer sua condição de sujeitos excluídos, que inventam formas de sobrevivência, populações tradicionais que dependem da floresta para sobreviver. Por outro lado, encontra-se a presença de grupos econômicos internacionais, latifundiários, com objetivo de domínio da natureza, implantação de grandes projetos de caráter científicos e muitos outros.

A floresta Amazônica tem colocado o Brasil no cenário internacional, frente ao mundo em crise ambiental. Recentemente, essas imagens apareceram na mídia, quando o Brasil participou do Fórum Econômico Mundial na Europa<sup>1</sup>, com exposições do artesanato indígena, através da arte plumária, fotos da Amazônia, feitas por Arthur Omar e, ainda, esculturas de Franz Krajberg, que utiliza madeira encontrada depois das queimadas da floresta. Com isso,

---

<sup>1</sup> O Fórum Econômico Mundial, a que me refiro, ocorreu em janeiro de 2004, em Davos, na Suíça.

Poucos países no mundo têm tanta responsabilidade com a preservação das biodiversidades regionais quanto o Brasil. Por termos herdado grandes espaços físicos e ecológicos, de máxima riqueza em matéria de diversidade biológica, além do fato de termos podido manter, praticamente intactas, até a década de 60<sup>2</sup>, nossas grandes florestas tropicais úmidas do Norte do país, temos o privilégio e o peso de uma herança que ultrapassa o nível de percepção de nossas elites políticas e dos tecnocratas. (AB' SABER, 1996: 146 apud MORAIS, 2003: 08)

As relações sociais e de produção impostas para Amazônia estabelecem novas formas de organização, instituindo o novo e destruindo a natureza, as culturas e os modos singulares de vida. Em decorrência desse processo que ocorre com avanço do capitalismo, estabelecem na região mudanças significativas no espaço que os sujeitos ocupam, desterritorializando-os, e que acabam reterritorializados<sup>3</sup>, a partir das necessidades impostas pela sobrevivência.



As territorialidades são produzidas socialmente num determinado tempo e lugar. É necessário compreendê-las como resultado das difíceis condições de vida, como também da resistência para a construção de uma outra vida, que retrata o vivido de quem as constrói, as ocupações dos “(...) grupos locais e internalizados na floresta, que criam espaços e movimentos sociais peculiares, ora resistindo, ora submetendo-se, ora equilibrando-se na rede Amazônica”. (MORAIS, 2003: 09)

<sup>2</sup> Este trabalho não tem por objetivo percorrer historicamente a ocupação na Região Amazônica; consultar em Silva (2001).

<sup>3</sup> Nestor Garcia Canclini (2000: 309) refere-se às tensões entre desterritorialização e reterritorialização como dois processos em que ocorre a perda natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas.



Falar em Amazônia é referir-se ao seu amplo espaço territorial e cultural, às sete fronteiras que limita entre os estados nacionais, à maior concentração de comunidades autóctones pertencentes a várias nações representadas com idiomas e culturas diferentes, que ainda não adentraram no mundo das trocas do capitalismo tardio, mas sofrem os efeitos desse modo de produção, em que se processam muitas transformações que a configuram como fronteira.

É preciso compreender a fronteira Amazônica como possibilidade de reconstrução, que ocorre a partir da resistência. Por isso, surgem

(...) formas ideologicamente alternativas à ocupação e ao uso da terra pelo sistema mundo tardo capitalista. Ocupações não exterminatórias, não exploratórias e sustentáveis deste espaço ecológico parecem criar condições para o aparecimento de focos de resistência e forças anti-sistemáticas. É desse ponto que se percebe a constituição da Vila Céu do Mapiá, seu povo e sua inserção no contexto contemporâneo. (MORAIS, 2003: 10)

### 1.1. A Vila Céu do Mapiá e a doutrina do Santo Daime



A Vila Céu do Mapiá<sup>4</sup> foi fundada em janeiro de 1983, por um grupo de 60 famílias de colonos e seringueiros assentados em terras indicadas pelo INCRA, nas cabeceiras do igarapé Mapiá afluente, da margem esquerda do rio Purus, que corre suas águas em direção do rio Solimões, com área aproximada de 37.000 hectares no município de Pauini - AM. Em julho de 1988, foi criada, por Decreto Presidencial, a Floresta Nacional do Purus

<sup>4</sup> A localização geográfica da Vila Céu do Mapiá encontra-se situada no mapa do Brasil, em anexo.

- FLONA<sup>5</sup>, com aproximadamente 250 mil hectares, que passou a integrar uma Unidade de Conservação Federal<sup>6</sup>.



Para se chegar a Vila Céu do Mapiá, é necessário chegar à capital do Estado do Acre, a cidade de Rio Branco, cujo percurso pode ser rodoviário ou aéreo. A cidade mais próxima da Vila é Boca do Acre no Amazonas, distante 208 km de Rio Branco, por estrada de terra. O acesso à Vila é percorrido por via fluvial, em pequenas canoas com motor de rabeta<sup>7</sup> ou botes de voadeira<sup>8</sup>, subindo à leste no rio Purus e, a oeste, o igarapé Mapiá. No período das águas, o inverno na Amazônia, a viagem costuma ser de seis a doze horas e, na época da seca, pode durar de dois a três dias.

A Vila Céu do Mapiá ocupa a posição central da doutrina do Santo Daime - CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) e do IDA (Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra) - CEFLURIS/IDA. O fato de esta ser uma comunidade religiosa abre precedente para caracterizá-la como foco de resistência à estrutura social existente hoje no país, como demonstrarei, a seguir, no seu contexto histórico.

<sup>5</sup> FLONA, uma Floresta Nacional é, segundo a lei “(...), uma área com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e tem como objetivo básico o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para a exploração sustentável de florestas nativas”. (Morais, 2003: 47)

<sup>6</sup> Segundo Moraes (2003: 36), as Unidades de Conservação Nacionais são porções delimitadas do território nacional, especialmente protegidas por lei e pelo fato de conterem elementos naturais de importância ecológica ou ambiental. Na definição de uma área a ser protegida são observadas suas características naturais e estabelecidos os principais objetivos de conservação e o grau de restrição à intervenção antrópica. Esta área será, então, denominada segundo uma das categorias de Unidade de Conservação Nacional, prevista por lei. Com a lei número 9.985, de 1º de junho de 2000, o Governo Federal criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da natureza - SNUC, que estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

<sup>7</sup> Motor de rabeta é uma adaptação encontrada para navegar nos igarapés amazônicos.

<sup>8</sup> Voadeira é o nome utilizado para os motores de lancha que desenvolvem velocidade rápida.

Em termos iniciais, a doutrina do Santo Daime poderia ser definida como: “Um movimento eclético de caráter espiritualista, na qual o grupo, utilizando-se dos conhecimentos acumulados gradativamente pela experiência do uso do Daime<sup>9</sup> constrói um caminho de autoconhecimento e de desenvolvimento espiritual” (GROISMAN, 1991: 23). Uma outra abordagem considera como uma “(...) significativa manifestação de religiosidade popular da Amazônia”, uma religião da floresta. (COUTO, 1989: 12) De toda forma do pensar na doutrina do Santo Daime significa compreender uma das correntes religiosas que fazem parte das tradições culturais da Amazônia, que se filia a duas correntes da região: “(...) o vegetalismo amazônico e o antigo catolicismo popular”. (LABATE, 2002: 234)

O surgimento dessa doutrina<sup>10</sup> remonta à primeira década do século XX, quando Raimundo Irineu Serra, nascido em 15 de dezembro de 1892 em São

---

<sup>9</sup> O Daime é uma bebida preparada a partir de plantas de origem imemorial, para uso ritualístico entre as populações que habitam a Floresta Amazônica e regiões vizinhas. O uso do Daime foi investigado por especialistas do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) e por uma comissão interministerial que visitou os Centros de Daime na região. As resoluções concluídas por esse Grupo de Trabalho estão expressas no Relatório Final no ano de 1987. A Ata da 5ª reunião ordinária do Conselho Federal de Entorpecentes, realizada no dia 02 de junho de 1992, recomenda que a ayahuasca, cujo nome brasileiro é Santo Daime e Vegetal, deva permanecer excluída das listas da DIMED. As entidades daimistas e ayahuasqueiras firmaram há mais de dez anos uma Carta de Princípios, estabelecendo o uso religioso da bebida. Atualmente, a Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD - está coordenando um Grupo de Trabalho com o objetivo de estabelecer normas de controle social e procedimentos que preservem a manifestação cultural religiosa consagrada pelos diversos grupos que utilizam a ayahuasca, bebida de origem indígena, mais conhecida no país como Santo Daime. A resolução assinada pelo General Alberto Cardoso, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, foi publicada na primeira edição do Diário Oficial da União em 2003. Na resolução, a SENAD considera que o uso ritualístico da ayahuasca se constitui em manifestação cultural e religiosa regional, reconhecida há muito tempo pela sociedade brasileira. O Grupo de Trabalho da SENAD será constituído pelas seguintes instituições e organizações sociais, com mandato para deliberar ou interesse sobre o assunto: SENAD, Ministério da Justiça, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Departamento de Polícia Federal, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Ibama, Funai, OAB, Associação Médica Brasileira, Associação Brasileira de Psiquiatria, as confissões religiosas usuárias do chá ayahuasca e outras que venham a ser consideradas apropriadas. De acordo com a resolução, a proposta de medidas de controle social e outras sugestões que se façam oportunas, visa à necessidade de trazer para a prática pela sociedade, dentro do princípio da responsabilidade compartilhada, normas e procedimentos que preservem a manifestação cultural religiosa consagrada na região, observados os objetivos e normas estabelecidas pela Política Nacional Antidroga e pelos diplomas legais pertinentes.

<sup>10</sup> Os dados históricos do Santo Daime presentes nesse trabalho encontram sua referência nas obras dos autores, Alverga (1992), Couto (1989), Groisman (1991), Labate (2002), Mortimer (2000), Revista do Centenário (1992) e em uma infinidade de artigos divulgados pela imprensa acreana a partir do

Vicente do Ferrer, no Maranhão, atraído pela expansão econômica da borracha, embarca para o território do Acre e chega a Vila de Xapuri<sup>11</sup>.

Em 14 de março de 1912, no agitado porto da pequena cidade de Xapuri, onde carregadores descem e sobem o barranco com borracha, castanha, gêneros alimentícios, um vulto se destaca. Um jovem de pele negra, estatura gigantesca, desembarca e olha a cidade. Seu nome é Raimundo Irineu Serra, e vai se tornar uma das figuras mais importantes da história da terra que acaba de pisar pela primeira vez. (O Rio Branco<sup>12</sup>, 06 de julho de 1984, Nº 2295, p. 01).

No final do século XIX, a penetração de correntes migratórias de nordestinos é fortemente marcada no Acre, quando as frentes extrativistas adentram em seu território, ocupando a bacia dos rios Purus, Acre e Juruá, região abundante de seringueiras nativas.

Em 1877, saíram do Ceará mais de 14.000 pessoas rumo à Amazônia. No ano seguinte, houve um verdadeiro êxodo, e a corrente migratória atingiu a enorme cifra de 54.000 indivíduos. E não mais parou a onda povoadora. O Ceará despovoava-se em benefício da Amazônia. (COSTA, 1998: 37 apud ALMEIDA, 2002: 45)

As correntes migratórias produziram marcas nas matas do Acre com as armas de fogo à procura dos seringais, causando grande dizimação dos povos indígenas da região.

Momentos significativos ocorreram na história da Amazônia brasileira ,no final do século XIX, os ciclos da borracha. Os ciclos da borracha atraíram grande número de imigrantes do nordeste, que buscavam novas perspectivas de vida. A primeira

---

início da década de 70, encontram-se arquivados no Museu da Borracha, localizado na Avenida Ceará, número 1441, em Rio Branco/AC.

<sup>11</sup> Curioso Raimundo Irineu Serra irá desembarcar em Xapuri, local que mais tarde será expressão do movimento ecológico Chico Mendes.

<sup>12</sup> O Rio Branco, jornal de circulação na capital do Acre, em Rio Branco.

corrente migratória ocorreu devido à demanda emergente da indústria automobilística por matéria prima, e a segunda, por volta de 1940, durante a segunda guerra mundial, quando os Estados Unidos celebraram acordo com o Governo Getúlio Vargas para que o Brasil fornecesse matéria prima, a borracha, para a indústria americana, devido ao bloqueio da Malásia. Com isso, no território do Acre,

(...) imensas propriedades formaram-se em fins do século passado para a exploração da borracha a partir de um barracão de pranchas, na beira da água, único ponto de comunicação com o resto do mundo, “caminhos” que de caminhos só tinham nome, serpeavam na floresta, ligando as árvores de borracha entre si, ao longo deles, o caboclo do Ceará, imigrado e transformado em seringueiro. (BASTIDE, 1973: 48)

É nesse contexto que Raimundo Irineu Serra foi inserido no Acre, permaneceu em Xapuri por dois anos, em seguida, foi para Brasiléia, onde viveu durante três anos e, no dia 03 de janeiro de 1920, chegou em Rio Branco. Nesse mesmo mês foi incluído no estado efetivo da Polícia Militar, submetendo-se a concurso para acesso ao posto de cabo, para trabalhar na Guarda Territorial.

Uma das passagens mais importantes na sua vida, neste período, é o trabalho junto à Comissão de Limites, encarregada pelo Governo Federal da fixação das fronteiras do novo Território. (O Rio Branco, 11 de julho de 1984, Nº 2299, p. 04)

Durante suas andanças nas selvas fronteiriças do Acre, na Comissão dos Limites, Raimundo Irineu Serra aprofundou seu conhecimento das matas acreanas, assim:

O trabalho na Comissão dos Limites lhe propiciou conhecimento sobre a terra acreana, a floresta, os rios, as diversas localidades indígenas e seringais, numa época em que as maiores cidades acreanas não passavam de pequenos vilarejos no meio da mata. Nas suas viagens pelos seringais, Irineu esteve no Peru, onde conheceu uma misteriosa bebida de origem indígena, conhecida por uma variedade de nomes: ayahuasca, mariri, cipó...(O Rio Branco, 11 de julho de 1984, Nº 2299, p. 04)

Irineu Serra vai tomando contato com a ayahuasca, aprende a reconhecer o cipó Jagube e a folha chacrona – Rainha da Floresta, sendo que o uso da bebida faz parte das tradições xamânicas de toda a região da Amazônia Ocidental. O preparo da bebida provavelmente foi iniciado pelos companheiros André Costa e Antônio Costa, na região de Brasiléia<sup>13</sup>, como afirma a notícia seguinte na imprensa acreana:

Mas, já em 1914, em Brasiléia, havia uma entidade religiosa organizada e dirigida pelos irmãos André e Antônio Costa, que se utilizava da ayahuasca. A primeira entidade organizada no Acre é de uasqueiros. (O Rio Branco, 11 de julho de 1984, Nº 2299, p. 04)

Segundo relatos<sup>14</sup>, foi numa noite de lua cheia que apareceu a Irineu Serra uma mulher chamada Clara, que se identificou como a Virgem da Conceição - Rainha da Floresta. Seguindo as instruções da Virgem, Irineu Serra recebeu a patente de chefe de um Império - o Império de Juramidam, os preceitos doutrinários que passam a orientar os rituais daimistas. Nesse movimento, a bebida é rebatizada por Irineu Serra com o nome de Daime<sup>15</sup>. A origem da palavra Daime se deu por intermédio da Rainha da Floresta, numa espécie de rogativo do fiel ao comungar a

---

<sup>13</sup> Brasiléia é município do Estado do Acre.

<sup>14</sup> Um dos relatos é do Senhor Sebastião Jacoud, em 14 de maio de 1975, publicado no Jornal O Rio Branco, na coluna que se intitulava Páginas do Folclore Evangélico.

<sup>15</sup> Na Revista do Centenário (1992: 11), encontra-se o depoimento do Senhor Luis Mendes do Nascimento, companheiro de Irineu Serra, que relata a iniciação desse com a bebida.

bebida: “Daime amor, Daime luz, Daime força, são expressões características da doutrina do Santo Daime”. (FERNANDES, 1986: 22)

A doutrina do Santo Daime tornou-se uma significativa manifestação da religiosidade do Acre, onde Irineu Serra passou a atender os necessitados que o procuravam por diversos motivos e passou a ser conhecido como Mestre Irineu, focalizado no artigo a seguir.

Durante mais de meio século, ele instruiu e organizou centenas de pessoas nos mistérios revelados, mediante bebida herdada dos índios. A ayahuasca aí muda de nome, passa a ser conhecida como Santo Daime e preparada em grande quantidade para atender ao grande número de adeptos que passaram a participar de inúmeros festejos, solenidades, sessões para cura de doenças e outras atividades comandadas por Irineu. (O Rio Branco, 06 de julho de 1984, N° 2295, p. 01)

Mestre Irineu, no início da década de 30, vai fixar sua residência na cidade de Rio Branco, na Vila Ivonete, onde começou a fazer os trabalhos espirituais em sua casa, com um grupo de amigos. Em 1945, muda-se para a estrada Custódio Freire, zona rural de Rio Branco, abrindo uma colônia agrícola e funda a primeira igreja daimista, que passa a ser denominada de Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Alto Santo<sup>16</sup> - CICLU. Foi no Alto Santo que Mestre Irineu desenvolveu sua doutrina, utilizando as plantas da floresta.

---

<sup>16</sup> A Dissertação de Almeida (2002: 62) discute a denominação dada ao lugar onde Mestre Irineu habitava com sua família - Alto Santo. Nesse trabalho, a autora sugere que as influências da Encantaria Maranhense - folclore maranhense presente no ritual daimista como possibilidade de constituir-se uma reverberação, uma arte, uma recriação artística de Irineu Serra à terra natal. A denominação Alto Santo, segundo Fátima Almeida, pode ser uma reverberação de Mãe Alta, forma como são chamadas algumas mulheres mãe-de-santo do Candomblé maranhense.

O depoimento de Percília Matos da Silva<sup>17</sup>, que trabalhou trinta e sete anos ao lado do Mestre, relata que ele foi o primeiro líder que existiu em Rio Branco, era considerado o juiz, advogado, conselheiro. O reconhecimento da figura pública do Mestre era destacado pelas autoridades locais, que o visitavam ocasionalmente, mas jamais tomaram Daime. A área territorial pertencente à colônia Custódio Freire foi doada pelo Governador do Acre, o Senhor Guimard Santos, um dos políticos mais influentes do Acre, no referido período. O Mestre Irineu dividiu-a entre os freqüentadores do centro, e sua exploração se deu em regime de mutirão, sob a forma de organização de uma fraternidade.

O legado do Mestre Irineu, se é que pode ser sintetizado em algumas palavras, compreende certamente uma das manifestações culturais e religiosas mais genuína de toda a Amazônia. (O Rio Branco, 15 de dezembro de 1992, Nº 4236, p. 01)

Segundo a notícia referida e divulgada, Mestre Irineu vai ocupar lugar de destaque na sociedade acreana, que o reconhecem como líder espiritual, conferindo respeitabilidade. “Irineu Serra é um expoente da cultura acreana e a área onde residiu, transformada em Vila Irineu Serra”. (ALMEIDA, 2002: 55)

Entre os anos de 1929 e 1940, ocorre grande refluxo da exploração da borracha na Amazônia, e verifica-se também, nesse período, a intensificação da urbanização no Brasil. Como consequência desse processo ocorrem transformações, no meio rural, de caráter econômico, social e cultural, quando muitos seringueiros abandonam a atividade de extração e migram para os centros urbanos. O grupo inicial que formou a doutrina do Santo Daime era composto por ex-

---

<sup>17</sup> O relato do depoimento encontra-se na Revista do Centenário, citada nas referências bibliográficas.



seringueiros, inclusive Mestre Irineu, que foi seringueiro por vários anos. Abandonam as áreas extrativistas, devido ao declínio da borracha, deslocando-se para Rio Branco e passando a viver como pequenos colonos na periferia rural da cidade. O processo de organização desse grupo religioso, segundo Sandra Goulart “(...), remete às transformações sociais e culturais do meio rústico brasileiro”. (2002: 317) No movimento de sistematização da doutrina, os daimistas vão recuperar e se estruturar com base nas antigas práticas da cultura rústica brasileira, que encontram edificadas no trabalho de mutirão, na congregação de famílias vizinhas, pelos laços de compadrio, e na convivência de atividades religiosas coletivas nas festas dos santos cristãos. A caracterização desse movimento é demarcada pela presença do espírito de solidariedade vicinal.

O fundador da doutrina do Santo Daime é reconhecido como Mestre ou Padrinho Irineu pelos seus seguidores. Com relação a essa designação, Maria Isaura Pereira de Queiros pontua que “(...) no mundo rústico tradicional, agentes como penitentes, beatos, milagreiros ou santos eram, muitas vezes, tidos como padrinhos da população desamparada”. (QUEIROZ, 1978: 138 apud GOULART, 2002: 320)

O Centro de Iluminação Cristã Luz Universal conhecido como a igreja do Alto Santo, com o passar dos anos ramifica-se em três correntes doutrinárias. A linha do Alto Santo, fundada por Mestre Irineu; a linha das Barquinhas, organizada por Daniel Pereira de Matos, discípulo do Mestre e que utilizará o Daime com rituais de religiões afro-brasileiras e a linha do Santo Daime, conhecida como a linha do Padrinho Sebastião.

O falecimento do Mestre Irineu, em 07 de julho de 1971, provocou problemas de ordem de sucessão no comando da igreja do Alto Santo. Nesse período havia se

projetado, do ponto de vista social e espiritual, recebia muitos hinos e o poder de Sebastião Mota de Melo era grande.

### **1.1.1.Desponta a liderança de Padrinho Sebastião**

Sebastião Mota de Melo nasceu no Seringal Monte Lígia, no Estado do Amazonas, em 06 de outubro de 1920, no município de Eurinepé, às margens do caudaloso rio Juruá. Desde muito cedo estava em contato com as atividades da floresta, era caçador, seringueiro, mateiro e construtor de canoa, um homem simples e de poucas letras. Por aqueles seringais constitui família com Rita Gregório, recém-chegada nas levas de migrantes nordestinos, que rumaram para Amazônia para trabalhar na extração da seringa, face ao momento social e político que o Brasil se encontrava. O Presidente Getúlio Vargas determinará a reabertura dos seringais nativos, contando com a força de trabalho dos nordestinos, que foram coagidos pela pressão do serviço militar, e optavam em trabalhar como seringueiro nas frentes extrativistas, recebendo a denominação de “Soldados da Borracha”, ou iam lutar na guerra. Momento em que os países aliados na Segunda Guerra Mundial precisavam de borracha, os trabalhadores nordestinos tornam-se seringueiros, submetendo-se à exploração dos empresários seringalistas, conhecidos como os “Coronéis de Barranco”.

Sebastião, na sua infância, tinha experiências mediúnicas, ouvia vozes, tinha visões. Já adulto, conheceu Mestre Osvaldo, paulista, e não se tem notícia de como foi parar no vale do Juruá, trabalhava na linha espírita Kardecista, recebendo doentes e receitando ervas. Foi ele o responsável de introduzir Sebastião nessa linha de trabalho espiritual.

Em 1957, dadas as difíceis condições econômicas em que se encontravam os seringueiros com a queda da borracha, por conta da crise no mercado internacional, Sebastião muda-se com a família para os arredores de Rio Branco. Uma viagem que durou muitos dias pelos igarapés, até chegar à cidade mais próxima, Cruzeiro do Sul. O percurso de Cruzeiro do Sul a Rio Branco foi realizado em uma carona que a família recebeu no avião da FAB - Força Aérea Brasileira, que fazia quinzenalmente a rota Manaus - Rio Branco, passando por Cruzeiro do Sul<sup>18</sup>.

Ao chegar a Rio Branco, Sebastião e a família se dirigem à Colônia Cinco Mil<sup>19</sup>, um minifúndio há nove quilômetros da capital, que pertencia à família de Rita; adquiriram a terra no momento em que deixaram os seringais da Amazônia. Sebastião passou a ter uma vida de colono, mantinha o atendimento espiritual aos doentes de sua parentela e conhecidos, em função da raridade de serviços médicos na redondeza. Ficou conhecido como “(...) o amazonense do Juruá que sabia rezar e curar”. (MORTIMER, 2000: 45)

Por volta dos anos 60, Sebastião, desenganado pelos médicos por uma doença que não encontrava cura, recorre a ajuda de Mestre Irineu, que já desenvolvia seu trabalho espiritual há mais de trinta anos no Alto Santo. Participa de um trabalho espiritual com Mestre Irineu e seu grupo de seguidores, sendo curado nessa primeira sessão com o Daime. A partir desse episódio, passa a freqüentar os trabalhos espirituais e aprofunda-se nos estudos da doutrina do Santo Daime.

Com o falecimento de Mestre Irineu, a igreja do Alto Santo entra em confronto pela disputa espiritual do comando do trabalho, lugar que o Mestre ocupava. Sebastião declarou ser ele o sucessor do Mestre, como mostrava seu hino Sou Eu a

---

<sup>18</sup> Mais elementos da viagem inusitada de Sebastião e sua família, consultar Mortimer (200:31).

<sup>19</sup> A Colônia Cinco Mil resultou da união de alguns lotes desmembrados do Seringal Empresa, de doze e meio hectares, essa denominação foi devido ao valor, o preço de cada lote, que valia cinco mil cruzeiros. O baixo custo da borracha determinará o fim dos seringais e a atividade dos extratores voltava agora para a terra, fazer lavoura, criar gado, ser colono.

seguir, criando desconfiança e rivalidade entre os daimistas, os seguidores mais antigos do Mestre, que não aceitavam que um novato viesse substituí-lo.

### **Sou Eu**

Sou eu, sou eu, sou eu  
E posso afirmar,  
O Mestre me chamou  
Para eu me declarar.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> O complemento do hino trago em nota de rodapé, para proporcionar melhor entendimento do seu significado.

Vamos todos, meus irmãos,  
Compreender este a,b,c,  
Que muitos são os que olham  
E poucos são os que vêem.

A minha mãe é tão formosa  
E mandou eu declarar  
Que o Mestre está em mim  
E é preciso eu me calar.

Meus irmãos vou ensinar  
Como se lê o a,b,c,  
Muitos vão assoletrar  
E não sabem compreender.

Meus irmãos vou lhes dizer  
Para todos aprenderam  
Que de baixo da minha ordem  
É que agora eu quero ver.

Sou eu, sou eu, sou eu  
O mestre me afirmou  
Olha o relho na minha mão  
Onde está o chiquerador.

Meus irmãos venho avisando  
Para todos compreender  
Que o dia da audiência  
É que vão gostar de ver.

Agora vou declarar  
Como foi que se passou  
No Rio de Jordão  
O batizado se traçou.

A minha mãe é tão formosa  
E o meu mestre também é  
Ele é filho de Maria

A separação da igreja do Alto Santo aconteceu em 1974, quando Sebastião Mota, acompanhado aproximadamente de cem pessoas, funda o CEFLURIS, entidade sem fins lucrativos, responsável pelo trabalho espiritual, e passa a realizar os trabalhos espirituais em sua casa, na Colônia Cinco Mil, iniciando assim sua proposta de vida comunitária.

O grupo de seguidores de Sebastião Mota era composto por pequenos agricultores da vizinhança e moradores de Rio Branco, que passam a chamá-lo de Padrinho Sebastião, muitos dos quais já tomavam Santo Daime com Mestre Irineu, como podemos observar nos depoimentos<sup>21</sup> seguintes:

*Nós conhecemos o Padrinho lá na Cinco Mil e nós morava em outra colônia de Rio Branco. Ai viemos, deixemos tudo lá, vendemos as coisas, ajeitemos tudinho e viemos embora. E nós fica morando junto com o Padrinho. Trabalhava assim no roçado, lá era comunidade nesse tempo, todo mundo trabalhava unido, trabalhava com o Padrinho. (Maria Sebastiana Cordeiro<sup>22</sup>, 52 anos)*

---

E eu sou filho de Isabel.

Meus irmãos já declarei  
Não tem mais o que dizer  
Quem dizer que o procure  
Para poder compreender.

Hinário do Padrinho Sebastião  
O Justiceiro  
Hino número 28.

<sup>21</sup> Os depoimentos das senhoras Maria Sebastiana Cordeiro e Francisca Corrente e do senhor Ivan Lessa foram concedidos à pesquisadora no período em que foi realizada a pesquisa de campo na Vila Céu do Mapiá.

<sup>22</sup> Maria Sebastiana Cordeiro acompanhou a trajetória do Padrinho Sebastião desde a Colônia Cinco Mil, hoje reside na Vila Céu do Mapiá.

Padrinho Sebastião tinha por objetivo reunir seus seguidores para construir uma igreja do Santo Daime. Essa união deveria ser selada por uma proposta de vida em comunidade.

*Nós morava na colônia Jarbas Passarinho que era vizinho da Cinco Mil, trabalhava lá e tomava Daime no Alto Santo com Mestre Irineu. Ai nós começa a fazer trabalho lá no Padrinho, que era mais perto. Nessa época cada um tinha sua colônia, tinha nossa agricultura, tinha as terras tudo legalizada. Depois o Padrinho resolveu fazer a comunidade, juntar um povo, trabalhar junto para melhorar a situação, todo mundo junto, a união. O Padrinho chamou nós pra seguir com ele. Eu vendi minha terra, tinha um americano que trocou a terra pela máquina que ele tinha de fazer concentrado<sup>23</sup>, que na comunidade a gente precisava de uma granja. Nós não compra outra colônia, vai mora nas terras do Padrinho Sebastião.*  
(Francisca Corrente<sup>24</sup>, 57 anos)

O Daime era o principal elo da união das famílias que fundaram a Colônia Cinco Mil e tinham uma história de vida em comum. Quase todos passaram pelo processo de migração e todo tipo de necessidades a que eram submetidos os trabalhadores dos seringais, contando apenas com seus próprios recursos e que aprenderam a sobreviver na floresta. E o Padrinho Sebastião possibilitou a concretização, para essas famílias, de um ideal, de realizarem a união através da organização de uma vida comunitária.

No final da década de 70, na Colônia Cinco Mil ocorre o encontro das populações com características da cultura rústica com os jovens de família urbana. Em decorrência, inicia-se um processo de mescla intercultural nesse grupo, a imprensa divulga esse acontecimento, como veremos a seguir.

<sup>23</sup> Concentrado é o nome que se usa na região para a ração para animais, obtido, na máquina.

<sup>24</sup> Francisca Corrente, juntamente com sua família, acompanhou o Padrinho desde a Colônia Cinco Mil e hoje reside na Vila Céu do Mapiá.

Estes nada mais eram do que “hipies”(sic), que viajavam de mochilas por esse mundo afora e, chegando na Cinco Mil, deixaram a vida de andarilhos e passavam a trabalhar na agricultura, aumentando o povo do Padrinho Sebastião. Desses, raros foram os que mudaram de rota outra vez. A maioria permanece até hoje ligados a ele. Não fosse o Padrinho Sebastião, os mochileiros jamais teriam permanecido na doutrina do Santo Daime, isso porque, no Alto Santo, as regras de conduta sempre foram muito rígidas. Sebastião Mota, ao contrário, acolheu inúmeros jovens que haviam abandonado suas casas, partindo para um mundo em busca da verdade.(O Rio Branco, 22 de dezembro de 1988, Nº 3590, p. 02)

Vindos de centros urbanos, os novos seguidores passam a ser inseridos no grupo e provocam uma redefinição dos valores da doutrina, apontando para uma organização comunitária estruturada na coletividade. Os valores humanistas, como caridade, justiça e igualdade passam a ser o alicerce de sustentação social do grupo. É com base na coletividade que se constroem as novas relações de trabalho, de produção, e a forma de distribuição da produção reside nas necessidades de cada família.

*Entrava na comunidade, a gente recebia a feira todos os meses, aquela feira comunitária, a gente trabalhava a respeito daquela história e ganhava a feira. (Francisca Corrente, 57 anos)*

A organização comunitária da Colônia Cinco Mil caracterizava bases consideradas alternativas, tendo em vista a experiência de vida e de trabalho das famílias, anteriormente nos seringais, que estavam estruturadas no patronato. Os seringalistas mantinham o sistema de barracão, espécie de armazém, onde os

gêneros alimentícios eram vendidos em troca de borracha ou castanha. Essa forma de relação de trabalho mantinha o seringueiro sempre em débito com o seringalista.

No final dos anos 70 assiste-se, a um grande êxodo rural, provocado pela venda dos seringais nativos para os pecuaristas do centro-sul, atraídos inclusive por incentivos do governo do Acre para desmatar e instalar esse sistema na região. Transformar em pasto para bois a floresta nativa: “(...) satélites artificiais constataram, em 1977, a destruição de 20 milhões de hectares pelo fogo na região Amazônica”. (MAGALHÃES, 1990: 50 apud ALMEIDA, 2002: 74) Padrinho Sebastião já observava as mudanças que ocorriam nas proximidades da Colônia Cinco Mil, alertando para os problemas que enfrentariam, e essa preocupação é traduzida na imprensa.

O alerta de Sebastião coincidiu com a época em que os seringais acreanos estavam sendo vendidos aos pecuaristas que os transformavam em pastos para a pecuária, fazendo Rio Branco e, em consequência, a Colônia Cinco Mil, inchar com legiões de seringueiros despejados. (O Rio Branco, 10 de julho de 1986, Nº 2882, p. 01)

A imprensa acreana acompanhava o processo de desestruturação dos seringais, devido principalmente ao desmatamento de suas florestas, divulgando os dados.

O programa de monitoramento da cobertura florestal do IBDF, efetuado através da interpretação de dados e imagens obtidos por satélites da série LANDSAT e divulgados pela Folha do Acre de 23/09/83 dão conta de um alto nível de desmatamento superior a 50 mil hectares por grau geográfico, no município de Rio Branco. (Folha do Acre<sup>25</sup>, 30 de setembro de 1983, Nº 115, p. 09)

---

<sup>25</sup> Folha do Acre, jornal de circulação na capital Rio Branco.



Os seringais apresentavam uma situação cada vez mais precária, em virtude do desmatamento progressivo provocado pela constituição de projetos governamentais<sup>26</sup>, representados pela SUDAM<sup>27</sup>, que objetivava a implantação da pecuária em áreas de mata nativa. Nesse período, o INCRA adota a política de reforma agrária na Amazônia, concedendo 21 milhões de hectares de terras da União para as grandes empresas nacionais e estrangeiras. Assiste-se também à venda de terras acreanas, seringais pertencentes a proprietários endividados com o BASA<sup>28</sup>, para compradores do sul do país, a baixo custo, que tinham por objetivo a extração e comercialização de madeiras nobres. Com isso, muitos seringais e castanhais desapareceram, culminando na expulsão das terras dos seringueiros e posseiros da região, que partem para as cidades. Dessa forma, presencia-se o êxodo rural para Rio Branco, um grande número de desempregados se dirigem para a periferia da cidade.

É nesse contexto de desmatamento e do processo de urbanização dos arredores da Colônia Cinco Mil que Padrinho Sebastião retira-se, com seu povo, para o interior da floresta virgem nas terras amazônicas, com aproximadamente trezentas pessoas. A localização fica às margens do rio Indimari, afluente do rio Ituchi, que deságua no Purus, que ele denominou Seringal Rio do Ouro, por causa dos reflexos do sol nas águas do igarapé e parecia luzir de ouro. Ainda permanece um grupo de pessoas na Colônia Cinco Mil, para mantê-la funcionando, até estruturarem o novo lugar.

---

<sup>26</sup> Os dados relativos às instituições governamentais que, de alguma maneira, contribuíram para o desmatamento progressivo da floresta Amazônica no território do Acre, podem ser encontrados em Fernandes (1995).

<sup>27</sup> SUDAM: Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

<sup>28</sup> BASA: Banco da Amazônia Sociedade Anônima.

O Incra e o Instituto de terras do Amazonas ofereceram à comunidade da Colônia Cinco Mil o Seringal Rio do Ouro no município amazonense de Boca do Acre, para onde a maior parte dos colonos foi transferida em 1980, carregando seus pertences nas próprias costas, através de varadouros<sup>29</sup>. (O Rio Branco, 10 de julho de 1986, Nº 2882, p. 01)

No Rio do Ouro, a comunidade enfrentou muitas dificuldades para a ocupação do seringal, como epidemia de malária, a falta de equipamentos para o trabalho e de gêneros de primeira necessidade, propriamente alimentação, transporte precário, sendo os produtos transportados nas costas.

*Eu fui, na primeira turma, na abertura, construir, abrir estrada, não tinha nada. Abrimos colocação, estrada de seringa<sup>30</sup>, fizemos acho que foi cento e tantas, cada estrada tinha de trezentas a quinhentas (árvores). No começo foi a borracha que salvou nós, mas tinha muita fartura, peixe, caça, muito açaí, patuá. Nesse tempo a gente comprava mercadoria em Lábrea<sup>31</sup>, maior dificuldade, atravessava sete cachoeiras, ia de barco e depois carregava nas costas lata de querosene, saco de açúcar e farinha. Mas tinha aquela força do Padrinho que sustentava a gente, a gente fazia animado. (Ivan Lessa<sup>32</sup>, 55 anos)*

Diante das dificuldades materiais para enfrentar o dia-a-dia no Rio do Ouro, o Padrinho, juntamente com o Daime, constituem a razão da existência comunitária, o ponto de ligação entre todos, demonstrando que o desenvolvimento comunitário está intimamente relacionado ao trabalho doutrinário. O Padrinho Sebastião dirige seu povo de volta à floresta, uma vez que a natureza é que fornece a matéria prima da

<sup>29</sup> Varadouro é um caminho, uma espécie de atalho até encontrar a próxima estrada de seringa dentro da mata.

<sup>30</sup> Estrada de seringa são caminhos abertos na mata para a extração do látex das seringueiras.

<sup>31</sup> Lábrea, município do Estado do Amazonas.

<sup>32</sup> O senhor Ivan Lessa foi um dos tantos seguidores que acompanhou o Padrinho Sebastião e hoje reside na Vila Céu do Mapiá.

bebida que o grupo comunga em seus rituais religiosos. O relato de Francisca enfatiza justamente a importância da presença do Padrinho Sebastião para enfrentar o apuro da vida.

*Daí o Padrinho foi olhar as terras e achou bonito o lugar, farto, tinha muita castanha, muito açaí, patoá, buriti, a seringa era boa, era bom de caça, era um lugar tão bonito, parece encantado. Foi todo mundo morar pra lá, dentro da selva mesmo, dentro das matas mesmo. Nessa época tinha o Padrinho do lado da gente que conversava, aquilo passou que eu quase não vi, agora que to refletindo o que foi que aconteceu.(Francisca Corrente, 57 anos)*

O Seringal Rio do Ouro exigiu um trabalho intenso para a sua implantação, o assentamento não chegou a durar três anos, a área que foi indicada pelo INCRA e legalizadas através de documento chamado L. O. - Licença de Ocupação, já possuía dono, um empresário paranaense, que tinha um título definitivo no ITERAM<sup>33</sup> e reclamou na justiça seu direito pelas terras. A comunidade foi obrigada a retirar-se, deixando para trás grandes benfeitorias realizadas, roçados, horta, fruteiras, moradias, animais domésticos, estradas de seringa, etc.

Mais uma vez a imprensa acreana divulgou notícias do movimento do Padrinho Sebastião.

Três anos depois da mudança das 300 pessoas da comunidade rural do CEFLURIS pertencente ao especulador Rômulo Bonalume e ao deputado federal do Paraná Otavio Cezário Pereira Jr. para o seringal Mapiá, no Amazonas, as indenizações pelas benfeitorias criadas em três anos de trabalho não foram pagas. Em avaliação feita pelo INCRA, ficaram no seringal inicialmente ocupado benfeitorias no valor de 17 milhões, que devem ser acrescentadas aos custos com a abertura de estradas de seringa orçadas na época no valor de cr\$ 172.961.000,00.(Repique<sup>34</sup>, 25 a 31 de março de 1985. N° 10)

<sup>33</sup> ITERAM: Instituto de Terras do Amazonas.

<sup>34</sup> Repique é um periódico com distribuição na capital Rio Branco.

### 1.1.2. A fundação da Vila Céu do Mapiá



Com os problemas que se apresentaram em relação à posse das terras no Seringal Rio do Ouro, Padrinho Sebastião foi em busca de uma nova área para estabelecer a comunidade daimista, e foram travadas novamente negociações com o INCRA, para que fosse encontrada uma solução. “Desgostoso com os problemas fundiários da região, continuou sua saga até chegar às margens do igarapé Mapiá, onde hoje se encontra instalada a comunidade-mãe”. (ALVERGA, 1992: 13)

É importante ressaltar que no processo de transferência do Seringal do Rio do Ouro para a ocupação da área do Igarapé Mapiá o grupo dispôs apenas de sua força de trabalho, sem ajuda de financiamentos bancários e instituições. A ocupação da área do Igarapé Mapiá não se identificava com os padrões tradicionais dos assentamentos instituídos e organizados sob a tutela do INCRA. Essa área é seringal nativo, estava cadastrada como área devoluta da União.

Em janeiro de 1983 é organizada uma expedição comandada por Padrinho Sebastião, sendo composta por aproximadamente vinte e cinco pessoas, entre homens, mulheres e jovens, com o objetivo de conhecer e abrir o novo seringal às margens do alto do igarapé Mapiá. No dia 23 de janeiro, após uma longa viagem de canoa, o grupo desembarca na floresta, inicia a limpeza do local e a construção do primeiro abrigo, fundando assim a Vila Céu do Mapiá. Os relatos dos moradores

contam as grandes dificuldades que enfrentaram com relação à aquisição de alimentos, à abertura das estradas de seringa, à construção das casas, à feitura dos roçados, ao combate aos carapanãs (mosquitos transmissores da malária). Aos poucos, os demais membros da irmandade foram chegando, e o ano de 1984 marcou a definitiva desocupação do Rio do Ouro. O natal de 1984 foi comemorado com toda a comunidade reunida na Vila Céu do Mapiá.

*Ai saiu o Padrinho e uma equipe e eu era a cozinheira. Não tinha nada de jeito nenhum, o igarapé era ruim que só, meio fechado, foi uma luta, precisava descer e tirar de terçado, de machado os paus caídos, abrir o caminho. Era muito ruim, não viajava ninguém nessas terras. (Maria Sebastina Cordeiro, 52 anos)*

As palavras de Francisca Corrente demonstram as infinitas dificuldades de toda ordem, que o povo do Padrinho Sebastião passou para se estabelecer às margens do igarapé Mapiá, no interior da floresta, em busca de um ideal de vida, afastado dos centros urbanos:



*Final de 84 veio todo mundo pra passar o Natal, vinha por família, vinha três famílias, depois mais três até terminar. O Padrinho falava pra nós vim pra dentro das matas, pra nós poder viver tranquilo, pra nós viver folgado, a gente pode trabalhar, ter as terras boas pra gente trabalhar, pra não viver nesse sufoco que a gente vive em cidade né, ir pras matas, no meio da floresta que nós vais fica. Mas era difícil mesmo, porque você imagine chega dentro da floresta, sem ter nada e nem muito pra gente comer. Eu apanhava arroz, batia, torrava, eu ia na mata catava castanha, quebrava castanha, ralava e fazia leite misturava com aquele arroz, cozinhava macaxeira, comia com arroz e ficava feliz da vida, no outro dia era a mesma história. (Francisca Corrente, 57 anos)*

As crianças da Vila Céu do Mapiá conhecem a história do seu lugar, contam como ocorreu esse processo e o papel que o Padrinho Sebastião teve na ocupação da terra.

*Quando eles chegaram aqui não tinha nada, nenhuma casa, eles foram começando a construir, a limpar tudinho, a fazer a Vila Céu do Mapiá. Morava no mato, derribaram o mato e construíram casa, foram fazendo. Chegaram aqui com uma canoa e agora já tem um monte de canoa e de motor. Eles trouxeram de bom pra todo mundo que veio com o Padrinho que foi o Daime. (Radarane<sup>35</sup>, 12 anos)*

A forma de organização social e econômica do grupo era demarcada pelo associativismo comunitário, alicerçados em práticas religiosas, que evidenciam seu caráter ecológico, sendo em seu meio estabelecido um forte “(...) espírito de reciprocidade e solidariedade” (COUTO, 1989: 63), o grupo foi crescendo e agregando os vizinhos das localidades próximas.

### **1.1.3. Novos desafios para os moradores da Vila Céu do Mapiá**

É no final da década de 80 que a doutrina do Santo Daime passa a ser divulgada e veiculada na mídia nacional. E, nesse momento, artistas da Rede Globo de televisão tornam-se adeptos da doutrina. Dentre eles destaca-se a presença de Lucélia Santos, chegando a produzir um vídeo, Guardiões da Floresta, que tem como tema central a doutrina e a Vila Céu do Mapiá. Essa divulgação, através dos

---

<sup>35</sup> Radarane é uma das meninas da pesquisa, sua fala terá análise sobre outros pontos, nos capítulos seguintes.

meios de comunicação, possibilitou que o Brasil conhecesse uma outra forma de religião, nascida na floresta Amazônica. A entrada do Santo Daime na visibilidade foi marcada pela presença do Padrinho Sebastião, em defesa do movimento de retorno à natureza.

Com o falecimento do Padrinho Sebastião, em janeiro de 1990, a representação espiritual da doutrina do Santo Daime passou ao comando do seu filho, Alfredo Mota de Melo. Padrinho Alfredo consolida a união da irmandade, e a década de 90 se constitui num momento de expansão internacional da doutrina, que fora precedido pela expansão nacional na década de 80. Segundo estimativas do CEFLURIS, hoje existem cerca de 2500 pessoas filiadas ao centro.



Os primeiros indícios de desenvolvimento comunitário na Vila Céu do Mapiá exigiram uma organização de caráter mais institucional por parte dos moradores, no que se refere ao processo de legalização das terras. Em 06 de abril de 1987, foi criada a AMVCM - Associação

dos Moradores da Vila Céu do Mapiá, a qual foi declarada de caráter público em 21 de junho de 1989, conforme decreto número 19077 do Governo do Estado do Amazonas. É através dessa instituição administrativa e política que acontece o gerenciamento do dia-a-dia mapiense.

Atualmente, a Vila Céu do Mapiá com uma população de mil moradores, sendo aproximadamente cerca de cento e cinquenta famílias, é integrada por diversos seguimentos sociais: as populações tradicionais da área, os



caboclos amazonenses, trabalhadores e profissionais vindos dos grandes centros urbanos. Devido ao nível de vida considerado relativamente bom para os padrões amazônicos, a Vila é considerada o segundo núcleo urbano no município de Pauini. Dispõe de posto de saúde, com atendimento da medicina básica (alopatia, homeopatia e natural) e dentário, escola, rádio comunitária, um armazém comunitário, duas casas de farinha, dois engenhos, uma marcenaria, uma casa de ofícios, dois hortos florestais, três pousadas, uma usina de secagem e produção de frutas tropicais, cozinha geral, escritório, comércio de gêneros de primeira necessidade, comunicação via Embratel com central telefônica através de energia solar, que opera por satélite, e o maior conjunto de placas de energia solar do interior da Amazônia (mais de cento e cinquenta unidades instaladas). Realiza ainda agricultura de subsistência (arroz, macaxeira, feijão, milho), o cultivo de frutas tropicais e hortaliças, criação para consumo de gado bovino e caprino.



A Vila Céu do Mapiá foi ganhando espaço no contexto sócio-político da Amazônia, nos últimos anos, dadas as orientações ecológicas sustentáveis que procura seguir, combatendo as ações de depredação para com a floresta.

Destacou-se no cenário atraindo vários tipos de organizações, governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais, que trouxeram contribuições sócio-econômicas valiosas nos últimos anos. Os moradores da Vila passaram a ter acesso a alguns bens da modernidade: hoje cerca de 40% das casas possuem televisão, mais de vinte linhas de telefone residencial, orelhões públicos, antenas parabólicas, sorvete e coca-cola.



Um novo contexto para os moradores se apresenta hoje na Vila Céu do Mapiá. O conceito de comunidade passou a ser ressignificado com outro olhar, as relações de trabalho estão alicerçadas não mais nas trocas, mas no dinheiro. Essas mudanças provocam questionamentos nos moradores que vieram se estabelecer na floresta, imbuídos pelo ideal comunitário do Padrinho Sebastião. Hoje, outras contradições se apresentam, como ilustra o registro que segue.

### **Diário de campo: 16 de maio de 2003**

Observei, na fala de uma moradora que acompanhou o Padrinho até a Vila Céu do Mapiá, o seu questionamento com relação à vida que se leva hoje. Em alguns momentos parece afastada da proposta inicial do Padrinho de viver na floresta. O seu questionamento é com relação à variedade de produtos industrializados para alimentação, que são vendidos no comércio local, ao grande número de geradores para produzir energia movida a óleo diesel, causando poluição ambiental. A moradora se pergunta: Será essa vida que o Padrinho queria para seu povo?

Na proposta do Padrinho Sebastião, segundo o depoimento de Francisca Corrente, a Vila Céu do Mapiá seria a cidade do Daime, com características diferentes das demais cidades urbanas, por vivenciar o universo simbólico da doutrina do Santo Daime.

*Nos viemos pra cá junto com o Padrinho, para ser a cidade do Daime, daqui não tem mais pra onde nós ir, o lugar é esse aqui, é aqui mesmo. Mas não é pra vive que nem lá na cidade não, é uma cidade diferente. (Francisca Corrente, 57 anos)*

As memórias de Maria Sebastiana Cordeiro recordam que Padrinho Sebastião desejava que a Vila fosse uma cidade santa, estruturada numa organização social comunitária, com a distribuição igualitária das mercadorias no armazém geral. Hoje, existe a presença de comércios não coordenados pela organização comunitária que vendem variedades de produtos industrializados. Pode-se observar essas tensões no seu depoimento:

*Depois que ele fez a passagem, cresceu muito a Vila, a cidade que ele mais falava, que ele mais queria, era essa cidade santa, mas tem uma cidade mas não é uma cidade santa, é a cidade da rua, porque não é como antigamente que era o nosso armazém geral, enchia tudo de mercadoria pra nós tudinho. Mas hoje aumentou, ai eles fica tomando coca-cola, coisas que não era pra existir aqui. Era pra existir só um armazém. (Maria Sebastiana Cordeiro, 52 anos)*

A estrutura econômica e social da Vila Céu do Mapiá hoje está organizada em outras bases, talvez distanciada da proposta do Padrinho. O depoimento do senhor Ivan Lessa salienta a troca do trabalho pelo dinheiro.

*Agora é correr atrás do dinheiro. O dinheiro é uma coisa que incentiva muito a cabeça da pessoa. E agora aqui no Mapiá tá assim, a gente tem que trabalhar pra ter o dinheiro. (Ivan Lessa, 55 anos)*

Os depoimentos mostram que a circulação do dinheiro provocou contradições na vida dos moradores da Vila Céu do Mapiá, exigindo novas maneiras para enfrentar esses conflitos. Muitos dessas tensões foram discutidas com a

comunidade durante do processo de discussão e organização do Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC<sup>36</sup>- e levantados os seguintes elementos para análise da conjuntura local, através de metodologias participativas, usando técnicas denominadas de Oficina de Futuro e Tábuas da Ponte.

Os dados organizados por Antônio e Amaro (2003) demonstram o que dificulta a concretização dos sonhos na Vila Céu do Mapiá:

- ♦ diferenças sociais;
- ♦ falta a produção em comum dos alimentos;
- ♦ falta de união;
- ♦ capitalismo selvagem;
- ♦ falta organizar melhor os setores da comunidade.

Quais as causas, os porquês destas dificuldades?

- ♦ soluções individuais;
- ♦ depressão após a perda do Padrinho;
- ♦ crescimento muito rápido;
- ♦ mudança do projeto comunitário do Padrinho para um projeto diferente, sem oportunidade de melhora para todos;
- ♦ falta de clareza dos valores da doutrina.

---

<sup>36</sup> A lei número 9.985 de 18 de junho de 2000 estabelece que seja elaborado um Plano de Manejo, no caso das Florestas Nacionais. A organização CEFLURIS/IDA inicia negociações no ano de 2002 para viabilizar o Plano de Manejo da FLONA, que consiste na forma de utilizar os recursos renováveis ou não renováveis da floresta. Para tanto, são realizados contatos com o IBAMA, a Secretaria de Coordenação da Amazônia/Ministério do Meio Ambiente - SCA/MMA, Fundo Mundial para a Natureza - WWF/Brasil e organizações não governamentais, como o Centro de Trabalhadores da Amazônia - CTA e o Instituto NAWA. A partir de fevereiro de 2003 essas organizações, juntamente com a Associação dos Moradores da Vila Céu do Mapiá - AMVCM organizaram um processo de diagnóstico comunitário para a implementação do Plano de Manejo. Foram realizadas inúmeras reuniões, visitas, através de diversas metodologias de participação dos técnicos com os moradores da Vila Céu do Mapiá, a ponto de iniciar o processo de discussão e elaboração do Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC -, que será elaborado em várias etapas. Todas as organizações da comunidade participaram desse processo. Maiores informações sobre o referido processo encontra-se em Antônio e Amaro (2003).

Soluções, idéias, oportunidades:

- ◆ reuniões com as famílias;
- ◆ economia solidária;
- ◆ plano comunitário;
- ◆ vida em harmonia espiritual e material;
- ◆ desenvolver atividades comunitárias que gerem renda para todos<sup>37</sup>.



No ano de 2003, a Vila Céu do Mapiá comemorou vinte anos de existência, momentos de muitas celebrações por todas as conquistas, mas também momentos difíceis para todos os seguidores do Padrinho Sebastião, que lutam, que resistem à ordem do capitalismo global, realizando algumas atividades em que permanece o sentimento da vida comunitária. Dentre elas, às segundas-feiras, na Vila, é realizado o mutirão na consecução de trabalhos comunitários, arrumando as ruas, a igreja, a escola, os jardins e a cozinha geral fornece almoço para os trabalhadores. Porém, são os trabalhos espirituais da doutrina que ainda conseguem selar o sentimento de união no grupo por meio de suas práticas ritualísticas.

As crianças da pesquisa têm o que dizer sobre a Vila Céu do Mapiá e opinaram ser um bom lugar para viver, pelo fato de não apresentar violência, estar em contato com a natureza e participarem dos Trabalhos Espirituais da doutrina. Mas ao mesmo tempo suas falas expressam que sentem curiosidades e vontade de conhecer ou morar em outras cidades, que possibilitem o acesso a bens que se

---

<sup>37</sup> Esses dados encontram-se em Antônio e Amaro (2003: 19), foram coletados e organizados no Relatório de Atividades vários itens pelo grupo de trabalho. Ilustrei apenas cinco de cada temática.

encontram nos centros urbanos e que aparecem para elas através das imagens da televisão.



Ao trazer as vozes das crianças para apresentar o lugar em que moram por intermédio de suas opiniões, vale ressaltar a possibilidade de nesse processo se constituírem sujeito social na medida em que revelam conhecimento das múltiplas expressões desse contexto. A seguir, suas falas demonstram ser a Vila Céu do Mapiá um lugar possível de viver tranquilo, longe da violência das grandes cidades.

*Viver aqui é legal, é mais calmo, é um lugar tranquilo. (Cristalina, 11 anos)*

*Aqui é bom porque tem igarapé, não tem ladrão, a gente pode andar sozinha. (Bartira, 11 anos)*

*Morar aqui é uma coisa legal, porque não tem muita violência, aí é bom viver aqui. (Aparecida, 11 anos)*

As falas das próprias crianças trazem especificidades de viver na floresta, uma realidade sócio-cultural que tem como pilar o cotidiano da doutrina do Santo Daime e sua relação intrínseca com a natureza. Elas são enfáticas ao se referirem a esses elementos destacados a seguir:

*Gosto de morar na floresta, quero morar aqui mesmo, não quero sair daqui, tenho meus amigos. (José Bento, 10 anos)*

*Gosto do Mapiá porque é mais legal, aqui tenho minhas amigas e dá pra trepar nas árvores, tomar banho de igarapé. (Jasmim, 06 anos)*

*Eu gosto de morar aqui tem a natureza e a doutrina. (Xavier, 09 anos)*

As palavras das crianças retratam as tensões e contradições que se apresentam entre a realidade vivida e os desejos de consumo; por outro lado, destacam a importância da doutrina.

*Quando eu crescer quero morar em Rio Branco, lá eu como melhor, tem restaurante. (Daiana, 08 anos)*

*Lá na rua também é melhor, porque lá também tem loja pra comprar roupa. Aqui ainda falta fazer as lojas de roupa pra vender. (Letícia, 08 anos)*

*Eu não quero morar aqui no Mapiá a minha vida inteira, eu quero sair também, quero viajar também pra outros lugares. Lá fora tem coisas que a gente gosta, que não têm aqui. Mas aqui tem os trabalhos, tem o Daime. (Mariana, 12 anos)*

## 1.2. O movimento do Padrinho Sebastião

O movimento social-religioso conduzido pelo Padrinho Sebastião apresenta algumas características do movimento messiânico. Padrinho Sebastião é reconhecido pela sua presença profética e carismática<sup>38</sup> por seus seguidores, isso fica explícito no depoimento a seguir.

---

<sup>38</sup> Ao considerar Padrinho Sebastião um líder carismático, é necessário retomar o conceito de Weber utilizado por COHN (1999) no que se refere à “Dominação carismática, em virtude de devoção afetiva

*Pra mim ele é mais que um profeta, ele diz assim no hino “Eu não sou Deus, mas tenho uma esperança”, mas ele era um Deus, digo porque sei, era um profeta desses bem intelectual mesmo, desses que era profundo, conhecia as coisas de Deus. O Padrinho era um homem que não conhecia as letras, ele era analfabeto total, mas espiritualmente divino, ele era profundo, conhecedor mesmo, sabia mesmo, sabia quem chegava, quem ia chegar, sabia o pensamento das pessoas, sabia tudo. Era um homem simples. (Ivan Lessa, 55 anos)*

Os seguidores do Padrinho Sebastião reconhecem a liderança espiritual do mesmo, denominando-o de profeta ou mesmo um Deus que aconselhava, indicava o rumo da vida para o grupo que o acompanhavam.

---

à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente às faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o rebatamento emotivo que provocam, constituem aqui a fonte de devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói, do guerreiro e do grande demagogo. O tipo que obedece é o apóstolo. Obedece exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional” (Cohn, 1999: 134), “(...) um líder pessoal dotado de qualidades excepcionais constituem a área mundana da liderança carismática, enquanto que a magia constitui seu âmbito espiritual” (Cohn, 1999: 136). Utilizo esse conceito por constatar, através de relatos de seus seguidores, que Padrinho Sebastião foi uma pessoa muito respeitada por todos os que tiveram oportunidade de conviver com ele. Couto (1989) realizou análise da personalidade do Padrinho Sebastião, destacando as seguintes características: demonstrou ser um homem que cultivou virtudes e a fé, dando prova desses ensinamentos em seus hinos, que compõem o Hinário O Justiceiro. Foi um grande aglutinador social, agrupando em torno de si seguidores, discípulos em busca de um ideal de vida. Sua personalidade demonstrava uma grande sabedoria para um homem de poucas letras, capaz de esclarecer a todos o sentido da doutrina e ser profundo conhecedor desse saber local. O reconhecimento de sua missão espiritual é encontrado através do grande número de seguidores, sendo conhecido em toda região, características de um líder carismático. Ainda segundo Weber (Cohn, 1999), o líder carismático apresenta-se na figura do messias e do profeta. Em que a autoridade do messias é extrema, geralmente se constitui a própria divindade, enquanto o profeta passa ser o enviado de Deus. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) aponta que a verdadeira diferença entre o profeta e o messias foi analisada por Paul Alphandéry, quando estudou o messianismo medieval cristão. Para Alphandéry o profeta seria o pré-messias, a figura típica da espera messiânica, que antecede a vinda do messias. O messias reúne seus discípulos em comunidade, na qual é a principal autoridade que tem como objetivo organizar e resolver os problemas de seus seguidores. Afirma Queiroz (1976) que um movimento messiânico caracteriza-se em uma coletividade conduzida por um líder carismático, em que o líder reivindica para si a condição de emissário divino e que passa a ter o reconhecimento social de sua missão.

*Padrinho era um líder espiritual como um Deus, Deus verdadeiro. Eu conheci o Padrinho que nem um Deus verdadeiro mesmo, pra mim ele é um Deus, o Deus que eu conheci foi ele, as coisas que ele me falava no outro dia afirmava, dava conselhos pra todo mundo. (Maria Sebastiana Cordeiro, 52 anos)*

No final da década de 70, Padrinho Sebastião comunicou que haveria mudanças na vida de todos os que integravam a Colônia Cinco Mil: em visões, ele chegaria a um lugar protegido pela divindade e para onde deveria conduzir seu povo. Assim, a maioria dos moradores seguiu com o Padrinho na missão de encontrar a terra prometida, e essa intenção se torna notícia na imprensa acreana.

Dotado de um dom profético ou simplesmente clarividente, ele parece ver a realidade como ela é e está o tempo todo alertando o seu povo. Um outro fator que diferencia a organização religiosa desse grupo é a proposta inovadora de realizar o paraíso na própria terra. (O Rio Branco, 22 de dezembro de 1988, Nº 3590, p. 02)

A liderança do Padrinho era reconhecida por todos, cuja ação buscava alcançar um paraíso terrestre através da condução de seu povo para o interior da floresta, no encontro com o Daime, a Nova Jerusalém, um ideal evocado e cantado por todos os seguidores, em seu hinário O Justiceiro.

*Ai falaram pro Padrinho espiritualmente que ali não ia dar mais certo, pra gente procurar um canto pra ele e pro povo dele. Pra ele colhe o povo dele, o povo dele não era assim, tinha que se na mata pra se colhido o pessoal. Ele teve uma miração<sup>39</sup> e mandaram ir pro Rio do Ouro. Ele dizia assim e foi a minha animação, foi essa a terra santa, a Nova Jerusalém, onde ele ia colher o povo dele, o povo dele ia chegar tudinho aqui. (Maria Sebastiana Cordeiro<sup>40</sup>, 52 anos)*

<sup>39</sup> O conceito de miração será discutido com profundidade no capítulo Os Saberes da Floresta.

<sup>40</sup> Para coletar o depoimento de Maria Sebastiana, popularmente conhecida também por Toca, sentamos na varanda de sua casa na Vila Céu do Mapiá, e começamos a conversar sobre a vida do Padrinho Sebastião. O momento foi marcado por profunda emoção e sensibilidade por parte da



Padrinho Sebastião é quem aponta as soluções e os caminhos para o povo que o acompanha, ele era o epicentro dos acontecimentos, guiado não pelas determinações dos homens, mas pelas ordens de Deus:

*Deus é quem doutrina todos nós. Agora se ele escolhe um membro para ser o receptor e distribuir para os outros, os outros busquem aquela palavra, porque ela não é perdida. Até aqui minha vida tem sido essa, para tirar um povo que Deus pediu (...) O Daimé é a nossa água da vida, que está lá no Apocalipse, marca o rio, marca tudo, é só procurar em Apocalipse de João Evangelista. E na frente tem onde é habitada a cidade de Nova Jerusalém.<sup>41</sup> (Padrinho Sebastião)*

Maria Isaura P. de Queiroz (1976) aborda alguns elementos relevantes que possibilitam o surgimento de um movimento messiânico. Em primeiro lugar, os movimentos messiânicos são estruturados internamente pelo sistema de linhagem, de parentelas ou composto por famílias extensas, que representam sociedades de pequeno porte, cujas relações se estabelecem de forma direta, pessoais e ainda com fortes laços afetivos. O grupo que acompanhou o Padrinho era constituído por sua família, esposa e filhos, juntamente com a família de sua esposa, Madrinha Rita, pelos irmãos(a), cunhados(a) e sobrinhos(a). Também se faziam presente nesse movimento seus vizinhos e amigos.

O segundo ponto a que a autora se refere é a necessidade de certos tipos de crenças e mitos que servem de ponto de orientação para o grupo. O movimento se

---

depoente ao se relembrar dos episódios vivenciados na companhia do Padrinho e tão presentes na sua memória, deixando transparecer a beleza de seu caráter.

<sup>41</sup> Depoimento do Padrinho Sebastião coletado por Fernandes (1986: 123).

configura enquanto ideologia religiosa. Os adeptos da doutrina do Santo Daime possuem como crença que Mestre Irineu é a segunda volta de Jesus Cristo à terra, e o Padrinho Sebastião representa a reencarnação de São João Batista, aquele que batizava no Rio Jordão, que vai guiar o povo escolhido por Deus para a terra santa, a Nova Jerusalém.

O terceiro elemento indispensável à eclosão de um movimento messiânico, segundo Queiroz, é a existência de uma crise sócio-econômica e política gerada pelas contradições da sociedade capitalista. O povo do Padrinho vivenciava naquele momento situação de extrema dificuldade, dado o contexto que se encontrava aos arredores de Rio Branco, em contradição com a proposta de vida comunitária estabelecida no grupo. O movimento do Padrinho tinha suas bases no sistema de parentelas: “(...) apareceu sempre como a reação a crises em sociedades estruturadas segundo o sistema de parentesco”. (QUEIROZ, 1976: 359) Nesse sentido, o movimento organizado por Padrinho Sebastião na Colônia Cinco Mil, demonstrava a situação de crise econômica e social vivenciada pela comunidade. Esse momento de crise é provocado pelo desmatamento desenfreado na região, trazendo como consequência a alteração do clima, ocasionando o aparecimento de pragas na agricultura, reduzindo a produtividade. Ocorrendo, ainda, o aumento populacional, em virtude do êxodo rural ocasionado pelo desmantelamento da estrutura dos seringais. Diante da crise, em maio de 1980, Padrinho Sebastião iniciou o movimento de deslocamento em direção ao Seringal Rio do Ouro.

O quarto elemento importante que a autora destaca para a constituição de um movimento messiânico é a presença de um líder carismático, cujas qualidades extraordinárias, como profetização, adivinhação, dom de cura, vidência, que podem ser observadas no depoimento, amalgamam o grupo empenhado na realização das

ações da coletividade, quando ocorre “(...) a ação de um grupo obedecendo às ordens do líder sagrado”. (QUEIROZ, 1976: 383) Padrinho Sebastião foi uma liderança religiosa que tinha por objetivo a construção de uma vida comunitária em harmonia com a floresta, não causando degradações ambientais.

*Eu acompanhei o Padrinho pela verdade num sabe, pela verdade que eu vi. Pra mim ele era um profeta, o que ele ensinou e da onde ele me tirou. Eu era uma doente quando eu cheguei no Daime e com ajuda do Daime e dele eu me curei. Me achou uma mulher curada pelo Daime e pelo Padrinho Sebastião. Vivo aqui contrita com Deus, ele é o mesmo Deus. Ele falava, dava conselho, aquela mansidão dele, ele aconselhava e conseguia colher as pessoas, aquelas palavra dele e a mansidão era extraordinária. (Maria Sebastiana Cordeiro, 52 anos)*

O reconhecimento de sua liderança levou um grande número de seguidores a acompanhá-lo nessa jornada. Padrinho justificava seu movimento alicerçado no poder do Santo Daime:

*Daí é que vem a maior razão de nós procurar a floresta e nem sequer intencionados a derrubar tanto. Daí é que vem a nossa maior razão de procurar largar os vícios, os maus costumes, aquilo que é ligado à fábrica e que não podemos produzir na mata, porque senão nós vamos sofrer com essa decisão do Daime, chamando os filhos para a floresta. É o Daime, se fosse nós talvez não acontecesse, mas é o Daime que é da floresta e chama a floresta, porque ele é o caminho<sup>42</sup>. (Padrinho Sebastião)*

---

<sup>42</sup> Depoimento do Padrinho Sebastião, encontrado em Couto (1989: 64).

O movimento conduzido pelo Padrinho Sebastião não pode ser comparado com o Contestado, ocorrido no planalto catarinense. De acordo com Auras (1984), se caracterizou como um movimento rebelde; um sangrento episódio; um conflito armado entre os caboclos e os soldados, ocorrido nos anos de 1912 a 1916. Culminando na destruição da organização da irmandade cabocla pelo Exército Republicano. Também com Canudos, que foi um movimento de resistência dos camponeses nos sertões da Bahia, no período de 1896 a 1897, às forças regulares do exército, e se evidenciou, segundo Moniz (1984), pela resistência dos sertanejos em armas para defender a cidade santa. Por outro lado, o movimento do Padrinho Sebastião não teve o caráter belicoso que assumiram os movimentos citados anteriormente; ele reitera um projeto pacífico de reorganização social e política, afirmando os valores da família, a união da comunidade, a consciência ecológica, através da preservação da floresta. As palavras<sup>43</sup> do Padrinho Sebastião traduzem claramente o caráter pacífico do seu movimento:

*E a gente só vê falar em morte, e tá morrendo e tá matando. E lá se vem e lá se vai, tá todo mundo em reboição, e o povo de Deus se acampando nos seus locais, como Deus manda, ali não tem quem mexa, pois se tem um povo de Deus não tem briga... Bala não é pra nós, se nós entra na bala é porque não estamos nesse caminho de Irineu Serra. Quem seguir neste caminho segue limpo e não errado, saindo desta linha, não espere ser chamado! Vamos meus irmãos cuidar do tempo, que o tempo não engana e não tem dó dessa matéria.*  
(Padrinho Sebastião)

O caráter messiânico que assumiu o movimento do Padrinho Sebastião constituiu-se em uma tentativa de estruturar uma nova ordem com base na organização comunitária e driblar a anomia social nas relações presentes no sistema

---

<sup>43</sup> O depoimento foi concedido a Vera Fróes Fernandes (1986).

capitalista, consideradas ameaçadoras para seu povo, como o consumismo, marginalidade, prostituição, poluição ambiental. Incontestavelmente, Padrinho Sebastião foi o líder daimista de maior projeção, tirou o Daime da invisibilidade e liderou um movimento, um projeto de volta à floresta, de fundo ecológico, religioso, cultural e social.

As crianças na Vila se apropriaram da história, do processo organizado pelo Padrinho e da sua liderança perante o grupo de seguidores, enfatizando as características do seu movimento, no sentido de chamar um povo para viver na floresta. A fala da menina Tuíra ilustra o significado desse lugar atualmente:

*Eles diziam que é uma história de quando o Mestre morreu, fez a passagem. O Mestre mandou o Padrinho Sebastião ficar lá no Alto Santo, mas aí o pessoal não deixaram, então ele recebeu um aviso que era pra vir pra floresta e trouxe algumas pessoas. Só quando ele chegou aqui, antes dele fazer a passagem também ele disse que aqui seria o centro da igreja, o povo que mora aqui. Aqui é um lugar protegido no meio da mata, a guerra acontecendo por fora. Aqui no meio do mato acho que é uma proteção pro homem.*  
(Tuíra<sup>44</sup>, 13 anos)

### 1.3. O Santo Daime e o seu ritual

A Vila Céu do Mapiá constitui-se num centro de utilização ritual do Daime, portanto, é uma importante fonte para reproduzir o ambiente cultural simbólico que contextualiza o fenômeno em questão. O Daime recebe seu caráter sagrado a partir de uma série de fatores simbólicos, culturais e sociais explícitos no ritual da doutrina do Santo Daime.

---

<sup>44</sup> Tuíra é também uma das crianças que participou da pesquisa.

As plantas utilizadas para o feitiço do Santo Daime são de origem imemorial, entre as populações que habitam a floresta Amazônica e regiões vizinhas, em suas práticas religiosas ritualísticas. A bebida é preparada a partir da *Banisteriopsis Caapi*, conhecida como “Jacube”, e a *Psicotrya Viridis*, a “Folha Rainha”.

Um dos maiores estudiosos de plantas psicoativas, segundo Groisman (1991), é Richard Evans Schultes. Sua pesquisa está centralizada nas plantas utilizadas na América do Sul, para o fabrico da ayahuasca, que foram identificadas em uma expedição à região dos índios Zaparo, na Amazônia, em 1857.

Os princípios farmacológicos que compõem a bebida Santo Daime são as B - carbolinas presentes no cipó Jagube e as Triptaminas (monometiltriptamina - N,N - dimetiltriptamina (DMT) - 2 - metil -1, 2, 3, 4 - tetrahydrocarbolina), presentes na folha Rainha. Na bebida do Santo Daime estão ativos os componentes, a harmina, a harmalina e a tetrahydrocarbolina do cipó e a dimetiltriptamina da folha. Todos esses alcalóides têm como característica comum serem rapidamente metabolizados e absorvidos pelo organismo, quando ingeridos separadamente, sem produzir os efeitos desejados. Isso ocorre pelo fato de o organismo humano produzir uma enzima - Monoamina Oxidase - MAO cuja função é controlar normalmente a ação dos agentes psicoativos.

Tentando compreender cientificamente os segredos do Daime revelados pela psicofarmacologia para explicar os efeitos provocados pela ação da bebida no ser humano, consta na análise química do Santo Daime a identificação da “(...) presença de outro alcalóide (B – carbolina), proveniente da folha Rainha, cuja ação inibe a produção das enzimas de MAO pelo organismo humano, facilitando a atuação dos demais agentes presentes na bebida”. (DIAS JR., 2002: 416)

O Santo Daime se reveste de poder simbólico e, para tanto,

Nas florestas da América do Sul, o Mestre Raimundo Irineu Serra cristianizou as tradições caboclas e xamânicas da bebida sacramental ayahuasca, conhecida antes pelos incas, e rebatizou-a com o nome de Daime, significando com isso o rogativo<sup>45</sup> que deveria ser feito pelo fiel ao comungar a bebida. (ALVERGA, 1998: 18)

Podemos notar a atribuição que a bebida recebe dentro dessa doutrina religiosa como sendo um “ser divino”. O Santo Daime é fonte de sabedoria e conhecimento, é o elo de comunhão entre as pessoas. “A bebida tem valor transcendente, é um elemento material revestido de grande poder simbólico e de coesão social, pois em torno dela se estrutura um ritual”. (COUTO, 2002: 347)

A bebida Santo Daime é extraída do cozimento do cipó com as folhas e a água, exigindo um ritual. O processo é simples, mas é necessário normas para a execução do seu feitio. Segundo relatos, para os seguidores, o Jagube dá a força, e a Rainha dá a luz, com toda a natureza interligada. O hino Eu balanço, do Mestre Irineu, mostra melhor o poder do Santo Daime.

### **Eu balanço**

Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há.

Eu chamo o sol  
Chamo a lua  
E chamo estrela  
Para todos vir me acompanhar.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Rogativo é um termo utilizado no vocabulário daimista com o significado de invocar, rogar, pedir.

<sup>46</sup> Trago o complemento do hino para que o leitor(a), possa entender o significado na sua totalidade.

Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há.

Na doutrina do Santo Daime, os próprios hinos explicam o significado da bebida e forma o aparato de erudição doutrinária numa realidade cujo caráter é cultural. O Daime tem poder inacreditável; o Daime é um ser divino; o Daime é o Divino Pai Eterno; o Daime é o professor dos professores, como expressam os hinos a seguir.

### **Eu tomo esta bebida**

Eu tomo está bebida  
Que tem poder inacreditável.  
Ela mostra a todos nós  
Aqui dentro desta verdade.<sup>47</sup>

---

Eu chamo o vento  
Chamo a terra  
E chamo o mar  
Para todos vir me acompanhar.

Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há.

Chamo o cipó  
Chamo a folha  
E chamo a água  
Para unir e vir me amostrar.

Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há.

Tenho prazer  
Tenho força  
E tenho tudo  
Porque Deus eterno é quem me dá.

Mestre Irineu Serra  
Hinário O cruzeiro  
Hino número 46.

<sup>47</sup> Novamente o complemento do hino.

Subi, subi, subi  
Subi foi com alegria  
Quando eu cheguei nas alturas  
Encontrei com a Virgem Maria.

Subi, subi, subi



## Eu vivo na floresta

Eu vivo na floresta  
 Eu tenho os meus ensinos.  
 Eu não me chamo Daime  
 Eu sou é um Ser Divino.

Eu sou um Ser Divino  
 Eu venho aqui para te ensinar.  
 Quanto mais puxar por mim  
 Mais eu tenho que te dar.<sup>48</sup>

Subi foi com amor  
 Encontrei com o Pai Eterno  
 E Jesus Cristo Redentor.

Subi, subi, subi  
 Conforme os meus ensinos  
 Viva o Pai Eterno  
 E viva todos Seres Divinos.

Mestre Irineu Serra  
 Hinário O Cruzeirinho  
 Hino número 124

<sup>48</sup> Mais uma vez o complemento do hino.

Eu sou um ser divino  
 Eu venho aqui para te ensinar  
 Quanto mais puxar por mim  
 Mais eu tenho que te dar.

Muito eu tenho que te dar  
 E também tenho para te dizer  
 Quem dois olhos enxerga  
 Mas os cegos também vêem.

Os ensinos da Rainha  
 Todos eles são divinais  
 Eles são das cortinas  
 Lá do auto do astral.

Eu te entrego estes ensinos  
 Como que seja uma flor  
 Gravaí bem no teu peito  
 Este tão grande amor.

Este tão grande amor  
 É para todos os meus irmãos  
 Os ensinos da Rainha  
 E do Mestre Juramidam.

## O Daime é o Daime

O Daime e o Daime  
Eu estou afirmando.  
É o Divino Pai Eterno  
E a Rainha Soberana.

O Daime é o Daime  
O professor dos professores.  
É o Divino Pai Eterno  
E seu Filho Redentor.<sup>49</sup>

Meus amigos e meus irmãos  
Todos vão gostar de ver  
Que aqui neste salão  
Tem muito que se aprender.

Aqueles que não aprender  
É porque não presta atenção  
Muito terá que sofrer  
Aqui na reunião.

Jesus Cristo veio ao mundo  
E sofreu até morrer  
Mas deixou os seus ensinamentos  
Para quem quiser aprender.

Padrinho Sebastião  
Hinário O Justiceiro  
Hino número 06.

<sup>49</sup> A continuidade do hino.

O Daime é o Daime  
O mestre de todos os ensinamentos  
É o divino Pai Eterno  
E todos os Seres Divinos.

O Daime é o Daime  
Eu agradeço com amor  
É quem me dá a minha saúde  
E revigora o meu amor.

Agradeço ao Santo Daime  
Agradecendo a todos os Seres  
E quem manda eu agradecer  
É o meu Pai verdadeiro.

Padrinho Alfredo de Melo  
Hinário O Cruzeirinho

Os seguidores da doutrina, o povo do Daime, consideram o Daime um ser divino, o Daime é vivo, pois religa ser humano ao campo do insólito, promovendo mudanças na sensibilidade das pessoas. Dessa forma, “O estudo do Daime nunca é definitivo, será sempre uma interpretação que, como trama, se faz no incessante diálogo entre aqueles que participam dessa experiência e que por ela tiveram suas existências mudadas de rota”. (ALMEIDA, 2002: 28)

É importante pontuar que a extração das plantas da floresta para o preparo do Santo Daime é regulamentada pela portaria do Ibama que exige em contrapartida a existência de planos de manejo e projetos de replantio dessas. Através da portaria número 004/2001 - Ibama/Acre estabelece regras para a regeneração das plantas, estipulando a forma correta para coleta. O Ibama, exige ainda ser notificado com antecedência o local de retirada e a quantidade de plantas, para então emitir a Autorização de Transportes de Produtos Florestais - ATPF. O CEFLURIS criou o Projeto “Daime Eterno” com o objetivo de organizar e dimensionar o consumo do Santo Daime sem a devastação da floresta para resguardar as plantas de fabrico da bebida.

#### **1.4. O preparo da bebida Santo Daime**

O feitio do Daime segue sistematicamente princípios elaborados pelo Mestre Irineu. Padrinho Sebastião recebeu autorização do próprio Mestre para preparar a bebida e tinha a finalidade específica de ser utilizada em determinados Trabalhos Espirituais, como afirma Francisca Corrente.

*O Daime que o Padrinho cozinhava, o Mestre Irineu deixava pra cura, deixava pra realiza os trabalhos de cura principalmente com os doentes que chegavam, que vinham pedi ajuda ao Mestre.*  
(Francisca Corrente, 57 anos)

A preparação do Daime é realizada por meio de atividades específicas, desenvolvidas por homens, mulheres e também com a participação das crianças.

Compete às mulheres a coleta e a limpeza da Folha Rainha. A coleta é realizada na mata ou em jardins, onde já existam plantios. A limpeza ocorre em local próprio para as mulheres que, reunidas, limpam as folhas de todas as impurezas, retirando terra, larvas, etc.

Enquanto isso os homens são encarregados da coleta, raspagem e maceramento do Cipó Jagube. A coleta do cipó também é pesquisada na mata, geralmente por pessoas conhecedores da planta, uma equipe de homens capazes de reconhecer o Jagube entre dezenas de outros cipós da floresta e “(...) passam vários dias na selva, recolhendo, cortando e transportando o cipó”. (CUNHA, 1986: 137) A raspagem é a retirada da película que envolve o cipó, com ajuda de uma pequena faca para eliminar impurezas como fungos, liquens e insetos. A bateção é outra tarefa importante no feitio. Participam cerca de quinze homens que deverão bater o Jagube até o ponto de ser totalmente macerado, desfiar-se em fibras. Na fornalha de barro, preferencialmente de três bocas, é feito o cozimento do cipó e da folha. A primeira fase do cozimento dura aproximadamente seis a oito horas, dependendo do apuro<sup>50</sup> que se deseja dar. Dessa forma se obterá a bebida. Essas tarefas são realizadas na casinha do feitio, local apropriado para execução das mesmas. Todo o processo de feitio é acompanhado do comando de um líder mais

---

<sup>50</sup> Apuro do Daime significa o grau de concentração da bebida.

velho, dotado de maior experiência e com responsabilidade de transmitir esse conhecimento local aos demais participantes, o feitor de Daime. Durante todo o processo de fabrico da bebida, os participantes tomam o Santo Daime para realizar as tarefas desse processo.

O caráter de ser o Daime uma bebida sagrada para o grupo de praticantes, implica na existência de vários procedimentos, nascidos do conhecimento advindo do seu uso nos rituais. O processo de transmissão dessa sabedoria singular é feito quase exclusivamente pela tradição oral, “(...) a tradição oral é uma fonte de saber”. (FERREIRA, 1995: 22) No ritual do feitio do Santo Daime, a transmissão desse conhecimento é realizada pela tradição oral, através da memória coletiva do grupo, que vêm demonstrar a capacidade de salvaguardar a identidade cultural em que estão celebradas as vivências sociais. Morin afirma que “(...) a defesa das identidades culturais se mostra como um fenômeno saudável, anti-hegemônico e anti-homogeneizante, descentralizador e condutor de autonomia”. (1993: 30)

Edgar Morin expressa a necessidade de salvaguardar as culturas orais milenares, por significarem sabedoria, culturas próprias e que passam a não ser consideradas pela cultura, em geral. “Devemos ter em conta o valor das culturas, da sabedoria, do saber, os modos de fazer, de conhecimentos sutis sobre o mundo vegetal e animal, sobre os modos de cura”. (2000: 26) Ainda, Marcos Terena<sup>51</sup> sugere que o conhecimento indígena, como patrimônio, deva ser utilizado para o bem-estar da humanidade. Cita, por exemplo, o uso de plantas medicinais, como “(...) símbolo da magia de viver” (MORIN, 2000: 23), no caso da ayahuasca. A bebida ayahuasca era usada pelas civilizações pré-colombianas como bebida sagrada em rituais e iniciações. No período em que os conquistadores espanhóis

---

<sup>51</sup> Líder indígena e considerado pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – CDS / UnB como professor na edição da mesa-redonda, realizada em 10/06/1999, no Anfiteatro 9 da Unb, sendo conferencista juntamente com Edgar Morin.

subiram a cordilheira dos Andes, encontraram um povo espiritualizado, de grande sabedoria e utilizando-se de técnicas conhecedoras das plantas de poder. Com o processo de dizimação dessas populações, a tradição de consumo da ayahuasca resistiu, e grupos indígenas conhecedores das plantas passaram a fazer uso na Amazônia Ocidental, que passou a ser conhecida e usada também pelos imigrantes nordestinos que adentraram na floresta para trabalhar na extração do látex.

### 1.5. A doutrina do Santo Daime



O processo de ritual da doutrina do Santo Daime consiste em ser uma fonte de compreensão da visão do mundo para esse grupo de pessoas. O conceito de ethos e de visão de mundo de Geertz contribui para refletir a

relação do ritual focalizado nesse vasto sistema simbólico.

O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. (GEERTZ, 1989: 143)

As relações, como redes de símbolos, estão ligadas ao ethos, que representam os aspectos morais e valorativos de



determinada cultura, enquanto que a visão de mundo está repleta de ligações com as ações e

motivações profundas da existência do grupo em torno do ritual, no caso, o Santo Daime.

O ritual desenvolvido pela doutrina na Vila Céu do Mapiá pode-se considerar que está baseado nos desdobramentos espirituais. A estrutura dos ritos daimistas é muito dinâmica, é realizada nas datas de seu calendário festivo e obedece às regras de ritual que foram estabelecidas por Mestre Irineu e por Padrinho Sebastião. O ritual se concretiza nos seguintes eventos: Batismo, Casamento, Oração, Concentração, Hinário, Trabalhos de São Miguel ou Trabalhos de Cura e Feitios<sup>52</sup>. Basicamente os Trabalhos Espirituais são de dois tipos: os hinários bailados e os trabalhos de concentração. Ainda são realizados com frequência o trabalho das crianças e a comemoração dos aniversários. Durante todo o ano, os daimistas cantam o hinário, obedecendo às datas do seu próprio calendário e somando as principais festas religiosas presentes no calendário cristão. São realizados, então, dois festivais de Daime, o primeiro nos festejos juninos, e o segundo, que se inicia no dia 08 de dezembro, na festa de comemoração de Nossa Senhora da Conceição. Através desse ambiente simbólico dos Trabalhos Espirituais, as práticas religiosas ritualísticas, é que o grupo organiza os significados da vida cotidiana.



A doutrina é musical. A música e o Daime estão intimamente vinculados, quer dizer, as manifestações espirituais da doutrina são conectadas por intermédio da música, como forma de comunicação com as suas divindades.

---

<sup>52</sup> Para obter informações mais detalhadas sobre os Trabalhos Espirituais do Santo Daime e seu processo ritualístico, consultar a dissertação de Groisman (1991).

A musicalidade está presente em toda a vida social na Vila Céu do Mapiá, caracterizando o seu modo de expressão. O ritmo e a música são vivenciados na execução dos hinos. O hino é uma composição musical, composta por ritmos básicos, que se diferenciam por três tipos de compasso, a valsa, a marcha e a mazurca.

Para o grupo de daimistas, a sua referência espiritual é inspirada no Hinário “O Cruzeiro”, de Raimundo Irineu Serra. Esse hinário apresenta uma compilação de 129 hinos, que falam da gênese da doutrina, contendo os seus fundamentos religiosos, uma espécie de código ético-moral que estrutura e dá sentido às emoções de cada participante, através dos cânticos, os hinos. E, para dar continuidade à missão espiritual, como sucessor legítimo do Mestre Irineu, reconhecido por seus seguidores, o Hinário “O Justiceiro”, de Sebastião Mota de Melo, com 182 hinos.



Para os praticantes da doutrina, a importância do hino está relacionada com a espiritualidade. O hino é uma forma de mensagem que a pessoa recebe e representa a possibilidade de contato com o plano espiritual; constituem um formato de regimento interno dos daimistas. Nesse sentido os hinos agem como respostas dos seres divinos, num processo de interação do praticante com a bebida Santo Daime. Nas palavras do Padrinho Sebastião, os hinos traduzem uma mensagem da vida espiritual.

*Todos aqueles que estiverem me escutando, estas palavras que estão vindo pelos hinos, não é nossa, carnal. Isso vem como se diz, que sai da minha boca e transmite em ti. O hino é uma coisa que entra na*



*consciência da pessoa, pela intuição ou por voz, de conformidade. O hino vem, mas não é a matéria que está trazendo aquilo. É o eu lá que está mandando para o eu interno. Se o eu interno está desenvolvido, logo ele recebe. Se não, ele ainda está muito enterrado, não saiu da sepultura, o eu interno ainda está ouvindo nada, está mouco. (Padrinho Sebastião)<sup>53</sup>*

Quando o hino é executado pelo grupo, durante seus rituais, funcionam como guias, estabelecendo uma relação da pessoa com as entidades espirituais. Os hinos assemelham-se aos cânticos de outros grupos espiritualistas, como a umbanda, com seus pontos, ou os indígenas, com seus cantos xamânicos e, ainda, como os mantras.

Nesse sentido, a doutrina do Santo Daime representa, através de seu processo ritualístico, um campo de significados expressos em símbolos, que servem de fundamento e orientação para o seu sistema de crenças acerca da existência e da manutenção do grupo. Os ensinamentos básicos do Sistema Joramidam são os hinos e são eles que constroem e reconstroem a doutrina.

## 1.6. Aproximações conceituais do ritual

Na Vila Céu do Mapiá, o conjunto das práticas religiosas ritualísticas da doutrina pode ser visto como vivência peculiar do cristianismo, influenciado pelo catolicismo popular, mesclado em um ritual de festa, uma expressão cultural cheia de significados. Esses significados, por sua vez, estão intimamente vinculados ao Sagrado. Traduzo aqui esse sentido de sacro como uma dinâmica de vida, que

<sup>53</sup> Esse depoimento do Padrinho Sebastião encontra-se na obra citada anteriormente, extraído de uma entrevista no jornal Folha do Acre, de 30 de setembro de 2008.



busca o caminho da espiritualidade intensificado pelo uso do Daime.

Alberto Groisman observa: “O rito pode ser definido como uma reunião concentrada de eventos e atos voltados para a consecução de um objetivo básico: produzir um amálgama mediante o acesso a dimensões subjetivas do social”. (1991: 65) Os rituais da doutrina formulam um estilo de vida singular no grupo, modelando a sua consciência espiritual no sentido de fornecer referenciais simbólicos. Esses referenciais servem como forma de interpretar essas experiências, com o objetivo de possibilitar a organização da conduta desses seres humanos. O rito estrutura a organização social mapiense. Com isso, procuro mostrar que

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas. (WILSON, 1954: 241 apud TURNER, 1974: 19)

Lúcio Mortimer, um dos fundadores da Vila Céu do Mapiá, conta que,

(...) com o som de muitos violões, maracás e mais de quatrocentas vozes, fazem desse ritual uma peça de rara beleza. Embalados pelo chá sagrado, o povo da Vila produz um dos mais belos rituais do planeta Terra. Este tesouro amazônico, de nossa terra brasileira, tem atraído gente dos quatro cantos do mundo. (2000: 257)

Através dessa citação podemos perceber como esse grupo de pessoas



estrutura a sua visão de mundo, demonstrando o seu sentimento de pertencimento à natureza. A doutrina do Santo Daime e o seu ritual trouxeram para a floresta Amazônica a presença de um número expressivo de estrangeiros<sup>54</sup>, que se

vincularam à doutrina pela possibilidade que apresenta de preservar a vida no planeta e, ao mesmo tempo, possui raízes geográficas regionais. Também fica evidente a riqueza de elementos simbólicos que se apresentam e são compartilhados nos rituais daimistas. Esta prática ritualista possibilita a base de sustentação da vida cultural da comunidade, que é determinada pelo caráter de seus símbolos. Esses símbolos constroem a tecedura da própria cultura: “Os rituais são primariamente conglomerados de símbolos e podem ser mais bem entendidos, usando-se análise simbólica”. (TURNER, 1969, apud MCLAREN, 1991: 84)

Para abordar o processo ritual, Victor Turner adota dois modelos importantes para estudar os relacionamentos humanos: o *communitas* e a estrutura. Apresenta a sociedade como a tensão entre a estrutura (ordem) e a antiestrutura (*communitas*). Compreende a *communitas* como uma forma de humanidade indiferenciada e homogênea, a sociedade “(...) considerada como um *comitatus* não estruturado (...) ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais, que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciões rituais” (TURNER, 1974: 119); a noção de um sistema estruturado é “(...) diferenciado e freqüentemente hierárquico”. (TURNER, 1974: 119) Turner discute que a relação social para os indivíduos ou para os grupos consiste em ser um processo dialético que abrange uma interligação entre “(...) *communitas* e

<sup>54</sup> Dados do CEFLURIS estimam aproximadamente trezentas igrejas no exterior.

estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade” (1974: 120). A concepção do autor implica também numa visão do ritual como um processo dinâmico, de mudança de uma para outra estrutura, de um estado social para outro.

Dois estudos antropológicos apresentam o tema do processo ritual da doutrina do Santo Daime. Ambos utilizam-se da conceituação estabelecida por Turner no que se refere a *communitas* e estrutura, explicitando um olhar diferenciado para essas interpretações. Alberto Groisman (1991) considera que o caráter do ritual vivenciado pela doutrina obedece a mais a um sistema aleatório de identificação, baseado nos desdobramentos espirituais do próprio processo do ritual e menos nas classificações surgidas no âmbito social. Para analisar o processo ritual recorre ao conceito de *communitas* e o define como um sentimento ou *ethos* que produz, no grupo daimista, uma vontade de pertencimento, onde transitam ligações, redes estabelecidas nas relações sociais e também no mundo espiritual. Considera que o sistema de ritual daimista produz o despojamento das identidades, do status, das características pessoais, envolvendo os indivíduos no campo da indiferenciação.

Fernando de La Roque Couto (1989) focaliza o processo ritual da doutrina como uma ação que é engendrada pelo contexto mítico - social, em que a bebida do Santo Daime tem um valor transcendental, imbuída de grande poder simbólico. Parte do princípio de considerar os



rituais como momentos de ordenação. São ações que deslocam a sociedade para o lado da sua estrutura, do seu ordenamento. A sua afirmação é no sentido de mostrar que os rituais da doutrina do Santo Daime são “(...) ritos da ordem, correspondendo ao deslocamento do sistema para o lado da estrutura...” (COUTO, 2002: 349), pois é

através da coesão nas relações sociais do grupo e do seu espírito de harmonia com a floresta que se dá esse ordenamento. A ordem é estabelecida no momento em que cada indivíduo participa de um coletivo que é normatizado por um ritual. Esse ritual tem sua expressão simbólica nas entidades espirituais conhecidas como Império Juramidam e a Rainha da Floresta. Juramidam é representado como Jesus Cristo, e a Virgem Maria como a Rainha da Floresta, na imagem de Nossa Senhora da Conceição.<sup>55</sup> Para o adepto, são entidades protetoras da floresta, que se manifestam através dos hinos, expressando as mensagens vindas do astral e que passam a ser reconhecidas pelo grupo como ensinamentos. Outro elemento que apresenta características de ordem, que é observado nos rituais, se refere ao uso de vestuário apropriado, denominado farda. A farda é uma roupa utilizada somente nos rituais e segue modelos estabelecidos por Mestre Irineu<sup>56</sup>. Também aparece a ordem dentro do espaço da igreja, ocorrendo a separação entre homens, mulheres, meninos, meninas. O motivo dessa separação é justificado pela tradição do ritual, através dos princípios elaborados pelo Mestre Irineu.



Vale dizer que, na doutrina do Santo Daime, o ritual é vivenciado através da música, do bailado, dos hinos, da bebida e estabelece uma forte relação dos participantes que se encontram em um coletivo, compartilhando outras dimensões da religiosidade, que envolvem

ordem, disciplina, “(...) correspondendo ao deslocamento do sistema para o lado de

<sup>55</sup> Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do Santo Daime. É sob sua orientação que Mestre Irineu Serra recebeu os fundamentos da doutrina, quando, no momento de sua iniciação nos mistérios da bebida, promove uma cristianização da ayahuasca. Esses relatos estão presentes dos depoimentos dos senhores Luis Mendes do Nascimento e João Rodrigues, na Revista do Centenário (1992).

<sup>56</sup> No Museu da Borracha, em Rio Branco, encontram-se expostos à visitação o vestuário (farda feminina e masculina), os símbolos e a bebida, utilizados nos rituais da doutrina do Santo Daime.

sua estrutura (societas)”, (COUTO, 1989:119), encaminhando-se para o ordenamento, ou seja, o uso da bebida no processo ritual do Santo Daime desloca o sistema de organização para sua estrutura, a ordenação das experiências vividas, e não para a sua antiestrutura, um todo indiferenciado.

Creio que essa discussão teórica a respeito do processo ritualista do Santo Daime, referendada na contribuição de Victor W. Turner, não se esgota nesse estudo, porém, é palco para muitas análises e interpretações sobre a temática do ponto de vista conceitual.



A prática religiosa vivenciada por este grupo mostra formas de resistência, de solidariedade, diante dos efeitos da cultura e ideologia dominante, impostas pelos grupos hegemônicos face ao processo de globalização que presenciamos. A doutrina do Santo Daime, sustentada por conhecimentos originários de culturas indígenas e hibridadas<sup>57</sup>, demonstra “(...) que cada cultura é singular”. (MORIN, 2001-a: 56) Os elementos simbólicos, históricos e culturais, que o grupo daimista traz consigo, evidenciam a sua autonomia e reafirmam a sua diferença como unidade, face ao caráter de heterogeneidade apresentado em seu ritual. Por ele recriam o próprio sentido da vida, orientando sua maneira de estar no mundo, através da construção da subjetividade, com base em suas raízes. A doutrina daimista, por se constituir em um movimento religioso de caráter popular amazonense, estando profundamente relacionado com a floresta Amazônica, desenvolve padrões culturais que articulam uma identidade singular através de

<sup>57</sup> Hibridação abrange as mesclas interculturais, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. (Canclini, 2000: 19)

(...) um espaço próprio no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências, as vivências, permitem reconhecer as pessoas, estabelecer laços de convivência e de solidariedade, recriar uma identidade que não depende daquela produzida pela sociedade mais ampla. (CHAUI, 1986: 70)

É importante ainda ressaltar que, nesse estudo, o tema da diversidade cultural está presente, na medida em que ele é central na relação da cultura em contextos regionalizados, presentes na sociedade globalizada.

O contexto regionalizado da Vila Céu do Mapiá apresenta-se marcado pelas características da floresta Amazônica, sendo ampliado diante da presença de indivíduos vindos dos centros urbanos do país e também dos estrangeiros de várias nacionalidades, holandeses, espanhóis, japoneses, americanos, latinos. A presença desses indivíduos possuidores de características sociais, econômicas, culturais e étnicas diferentes trouxe novas referências para esse povo da floresta, no sentido de produzir hibridações e mesclar os saberes. Também possibilitaram a abertura para criação de projetos ambientais, sociais e educacionais, conseqüentemente ocorreu uma melhoria no padrão econômico dos moradores.

Segundo Morin, “(...) é preciso preservar a riqueza da humanidade, ou seja, a diversidade cultural” (1999: 24); para ele, a “(...) diversidade cultural constitui um dos preciosos tesouros”. (2001-a: 24) De fato, a diversidade está presente na constituição do grupo social na Vila Céu do Mapiá, o povo do Daime, através das diferentes características culturais na relação de sustentabilidade com a floresta Amazônica, na sua prática religiosa expressa no ritual com o sagrado. Edgar Morin apresenta como problemática a contradição do fenômeno da unidade e da diversidade das culturas: “(...) em todas partes preservar, estender, cultivar,

desenvolver a unidade; em todas partes preservar, estender, cultivar, desenvolver a diversidade”. (1993: 138) Quer dizer que, é necessário preservar e também abrir as culturas.

A cultura mantém uma identidade singular naquilo que possui de específico como forma de salvaguardá-la. Mas também se apresenta aberta, no sentido de assimilar saberes, idéias, costumes, etc, de outra cultura. Para Morin, é necessário defender as singularidades culturais e promover as hibridações e mestiçagens. Unir a salvaguarda das identidades e a propagação de uma universalidade, para que a sociedade planetária busque o aperfeiçoamento da unidade / diversidade humana. Compreender o ser humano é compreender sua unidade na diversidade e sua diversidade na unidade, numa perspectiva sistêmica.

A doutrina do Santo Daime é uma expressão religiosa que busca preservar sua unidade e, ao mesmo tempo, através das mesclas culturais, permite valorizar aquilo que é próprio da diversidade do grupo. O Daime tornou-se um bem cultural, legitimado principalmente pela sociedade Acreana, através da pessoa do Padrinho Sebastião, que promoveu a sua visibilidade.





## 2. O ENCONTRO NA FLORESTA

Eu sou pequenininho

Mas trago os meus ensinios

Eu canto é bem baixinho

Em roda dos meninos.

Hino número 10  
Hinário de Maria Marques Vieira

## O ENCONTRO NA FLORESTA

Na atualidade, o tema da infância tem sido discutido amplamente, tanto no campo das ciências humanas e sociais como também no campo das políticas. Isso indica o apreço da infância nessa sociedade. Todavia, nem sempre foi assim: “(...) as crianças são as grandes ausentes da história”. (VINYOLES, 1986: 99 apud CORAZZA, 2002: 81) Com o advento da modernidade, nasce um sentimento novo de infância, ou seja, o reconhecimento das singularidades da infância.

Desde que começa a viver tal experiência, nossa cultura não parará mais de falar do outro - infantil, que lhe é a um tempo interior e estranho, sua mesmidade e outricidade, seu igual e diferente, seu incessante Fort - Da: jogo de carretel que mostra a face do Mesmo - subjacente a tudo que somos, guardião do segredo mais profundo de nossa essência, de nossa definição e funcionamento, ao qual rogamos, insistentemente, atribuição de sentido decodificado e domínio; jogo de vai - e - vem, que traz o pequeno - outro, condenado à exclusão, do qual nos esforçamos por conjurar o perigo interior de devoramento, ao qual precisamos fechar, para lhe reduzir a perigosa alteridade e defini-lo para, perpetuamente, regulá-lo. Este não será nunca um outro qualquer, mas o próximo implicado por uma ambigüidade: a quem se constituirá como diferente, de quem se querará sempre livrar, por ser próximo e, ao mesmo tempo, longínquo, por ser o mais familiar e o mais estranho, por não ser o mesmo e ser, no subterrâneo, nós mesmos. (CORAZZA, 2000: 23)

A citação de Sandra Mara Corazza marca a profundidade do universo da infância e apresenta alguns conceitos que discutirei ao longo do capítulo. Na presente pesquisa, focalizo a criança como ser outro, numa relação de alteridade:

O eu precisa e também é parte do outro, não pode construir-se nem como defesa nem contra o outro, porque a liberdade não pode ser exercida solitariamente (...), não é uma defesa nem um ataque, mas uma aprendizagem longa, comum e solidária. Estamos obrigados à relação com a alteridade, se desejarmos estar vivos, se desejarmos ser sujeitos. (LARROSA e LARA, 1998: 164)

Isso significa pensar as crianças como sujeitos concretos, inseridos num tempo e lugar, mediados por relações culturais específicas. Para tanto, é olhar a criança moradora da Vila Céu do Mapiá que cotidianamente vivencia os trabalhos espirituais, as práticas ritualísticas da doutrina do Santo Daime, numa perspectiva da diferença que pressupõe levar em conta as singularidades presentes nesse contexto e a pluralidade de se constituir criança.

Para a criança, o brincar é o espaço de representação e de imaginação, “Criança que anda de carrossel, (...) Ela reina como fiel soberano sobre um mundo que lhe pertence”, (BENJAMIN, 1984: 79), pois através do lúdico, da fantasia, ela participa das relações sociais do grupo, e esse movimento possibilita que ela se perceba como um ser no mundo, dado o caráter de universalidade presente na infância.

## **2.1. No encontro com a infância**

É um desafio imenso escrever minha experiência de pesquisa com as crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá.

O que é ser criança? Qual o significado da infância?

Faço uma tentativa de discutir essas questões conceituais ao longo do capítulo, através dos vários momentos vivenciados com as crianças da pesquisa.

No primeiro dia de minha chegada a Vila Céu do Mapiá, fui fazer uma visita à família de Maria Estela e presenciei a seguinte cena registrada em meus apontamentos:

**Diário de campo: 10 de maio de 2003**

Estávamos conversando e, de repente caiu uma chuva torrencial, característica desse período do ano, o final do verão na Amazônia. Aqui, as casas costumam ter calhas grandes para armazenar a água da chuva. Nesse momento, um grupo de seis crianças, na idade de três a cinco anos, tiraram suas roupas e tomaram banho na calha da chuva. Sua mãe ficou chamando-as, mas retornaram para dentro de casa, de banho tomado, somente depois que a chuva passou.

A cena do banho das crianças demonstra os diversos elementos culturais e sociais que vão refletir no modo de ser criança e de viver a infância. Essas cenas e tantas outras foram silenciadas ao longo da história, não se tem notícias. Sabemos que as crianças estiveram sempre presentes no mundo, porém, “(...) ao mundo da infância, só podemos ter acesso de maneira parcial e indireta, através das recordações, retratos e fantasias de quem já não era mais criança”. (MCLAUGHLIN, 1995: 122 apud CORAZZA, 2002: 80) Os registros das crianças e da infância estão ausentes da historiografia, segundo Corazza, da Antiguidade à Idade Média, por não existir a categoria que hoje conhecemos por infância, e também a figura social e cultural denominada “criança”. Aos pequenos não era atribuída a significação subjetiva de suas experiências, nem realizadas as práticas de registros da história da infância.

O sentimento de infância aparece com base nos estudos de Charlot (1986), no século XVII, é quando começam a se interessar pela criança. Para Corazza (2002), não foram construídas práticas discursivas e não discursivas a respeito da infância e da criança nos séculos XVIII, XIX e meados do século XX. Segundo essa autora, as crianças não foram sequer consideradas problemas.

A ausência de estudos do mundo infantil revela que a infância é um objeto recente da pesquisa. A contribuição mais relevante no campo da historiografia da vida cotidiana é atribuída a Philippe Ariès, pesquisador francês, apontado por Corazza na obra “L’ enfant et la vie familiale sous l’ Ancien Régime”. Com Philippe Ariès, inaugura-se um novo caminho na pesquisa acerca da recuperação histórica da infância, através do exame de pinturas, antigos testamentos, diários, inscrições encontradas nas igrejas e em túmulos. Cabe a ele o estabelecimento de categorias para trabalhar este novo objeto de estudo - a infância.

Os estudos de Ariès mostram que é típico das famílias do século XIX terem um planejamento de suas atividades com a criança no centro das mesmas e vem explicar historicamente a passagem da indiferença à centralidade da infância com base em dois argumentos. O primeiro relaciona-se ao processo de escolarização das crianças, e o segundo, à criação da família conjugal burguesa. O conceito de infância explicitado por Ariès assume uma característica de natureza moderna, uma produção da modernidade, se contrapondo à não existência da infância nos séculos pré-modernos.

A modernidade vem consolidar uma nova ordem social e econômica e, com ela, instaurar o conceito de infância. A infância passa a ser focalizada como “(...) categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social”. (SARMENTO, 1997: 10) Com esse mesmo enfoque, a concepção de infância

para Arroyo (1994) é que ela não existe como uma categoria estática, mas como uma realidade em permanente construção. Nessa perspectiva, a infância se apresenta como categoria social, que se constitui no processo histórico dos diferentes grupos sociais, em conjunto com a construção de seus modos de compartilhar a realidade; sendo assim, “(...) as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém”. (BENJAMIN, 1984: 70)

É com base nas colocações de Sarmiento que ser criança varia entre as sociedades, culturas e, mais especificamente, entre as comunidades, sendo para ele a infância:

(...) uma categoria que se define pela idade, é muito mais do que um conceito criado para dar conta da totalidade das pessoas que ainda não completaram dezoito anos. Há fatores sociais específicos, isto é, transversais à posição de classe, ao gênero, à etnia ou à cultura, que permitem pensar a infância como uma construção social, que se distingue dos outros grupos e categorias sociais. (SARMENTO, 1997: 22)



cada cultura.

É importante considerar um conjunto de variáveis que contribuem para designar o que seja infância, juntamente com a posição social que ocupa, segundo a classe social, a etnia a que pertencem, o gênero e as singularidades de

Telma Piacentini (1995) aponta que o mundo da criança está caracterizado por um significado de infância, atribui ao conceito de infância o caráter de universalidade. O sentimento de infância a que faz referência não está estabelecido na cronologia da vida, não segue nenhuma periodização fixada nos ciclos da

natureza humana, embora esteja presente na cultura. A autora considera que a infância possui uma característica universal, que ultrapassa as fronteiras do tempo e lugar, embora conserve características culturais específicas.

O trabalho de Pereira (1997) também focaliza o conceito de universalidade da infância com as crianças Xavantes, vivenciada em uma realidade com características sociais e culturais muito específicas. Ao longo de sua dissertação, a autora vai refletindo o conceito de universalidade, constatando que as crianças se expressam através do brincar, sendo o mesmo um componente fundamental do período que corresponde à infância em toda e qualquer sociedade, portanto:

(...) o caráter lúdico com que a criança sempre age, como uma espécie de “denominador comum” às crianças de todo mundo, manifestando a sua universalidade através de infinitas peculiaridades, realizando e concretizando a sua essência na singularidade sociocultural de cada um dos povos. (PEREIRA, 1997: 156)

Frente ao conceito de universalidade a infância é considerada característica intrínseca de si mesma. O mundo da criança encontra seu limite à medida que se aproxima do mundo do adulto, o que corresponde a uma “(...) consciência da particularidade infantil, essa particularidade infantil que distingue, essencialmente, a criança do adulto mesmo jovem”. (ARIÈS s/d: 134 apud PIACENTINI, 1995: 01)



Ser pequeno, ser criança é um mundo de muitas peculiaridades na Vila Céu do Mapiá. O caráter de universalidade se apresenta além dos elementos etários, em um jeito muito singular de se relacionar com as brincadeiras, os saberes, a doutrina e com a própria vida. Vasculho meu diário de campo e encontro o seguinte registro que pode contribuir para um melhor entendimento do que acabo de pontuar.

### **Diário de campo: 02 de junho de 2003**

Está anoitecendo, os últimos raios de sol cintilam nas águas do igarapé Mapiá, atravesso a ponte em direção à Vila e encontro os meninos José Bento e Aurimar sentados, com as pernas para fora da ponte, com suas linhadas de pescar nas mãos e ao seu lado um pequeno balde cheio de peixes. Converso com os meninos, e eles me dizem que já estão se preparando para ir para casa, porque estava ficando noite e a pescaria está terminando.

Na conversa com as crianças, indaguei sobre a pescaria<sup>57</sup>, e José Bento me relatou o que se passou:

*A gente foi pescar, pegamos a linhada, pegamos o pirão<sup>58</sup>, quando deu seis horas a gente olhou para um galho de árvore, a gente viu um macaco. A gente pescou muitos peixes, dei os peixes para o Aurimar levar pra casa. Para mim a pescaria parece um pouco de brincadeira, mas não é muito não, é de verdade. (José Bento, 09 anos)*

<sup>57</sup> Na linguagem do caboclo amazonense, a atividade de pescar é chamada também de mariscar.

<sup>58</sup> Pirão serve de isca para pegar os peixes, é feito com farinha de mandioca, sal e tempero, deve ficar com consistência, para que se possam formar pequenas bolinhas e colocar no anzol.





A pescaria dos meninos pode ser considerada como uma atividade produtiva, e José Bento a traduz como “é de verdade”. Eles desempenham essa atividade usando instrumentos apropriados, como o caniço, anzol e não outros objetos que representem o real, portanto, “de verdade”, e o resultado final são os peixes saboreados pelas crianças. Tudo isso é permeado por um real significado e tem uma aplicabilidade concreta, que é comer os peixes. Mas, o componente lúdico da pescaria está presente, como afirma o menino, “a pescaria parece um pouco de brincadeira”.

Com a brincadeira da pescaria realizada pelos meninos, percebe-se a criança como parte da cultura. Coerente com a abordagem de infância que Benjamin apresenta, quando as crianças buscam lugares de trabalho onde a sua atuação é visualizada por todos, no caso, na beira do igarapé, em cima da ponte, dentro de canoas.

É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se dê de maneira visível. Elas se sentem irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses restos, elas estão menos empenhadas em estabelecer, entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno, inserido em um maior. (BENJAMIN, 1984: 77)

Presenciei vários momentos em que as crianças da Vila Céu do Mapiá estavam em contato com a atividade de pescar. Olmo, um menino filho de espanhóis, e morador há alguns anos no local, me falou assim:

*C<sup>59</sup> - Aqui é bom, a gente pesca. Agora mesmo tô indo pescar mais o Carlos, nós vai lá pra baixo, passando o igarapé da escola.*

*P<sup>60</sup> - O que você vai fazer com a sua pesca?*

*C - Depois eu vou tratar<sup>61</sup> os peixes no igarapé, vou fritar pra mim comer de noite no jantar.*

*P - Você acha que a pescaria é uma brincadeira?*

*C - É que nem uma brincadeira, a gente se diverte, pega peixe. (Olmo, 11anos)*

Encontrei também os seguintes registros, que trazem a pescaria como tema para as crianças, um momento de lazer aliado aos aspectos culturais da região ribeirinha.

### **Diário de campo: 18 de maio de 2003**

No meio da tarde, encontrei na lavanderia da casa os meninos Antônio Alvina, Mariana, Aurimar e José Bento. Estavam limpando ou, na linguagem mapiense, tratando os peixes que pescaram pela manhã no igarapé. Era uma quantidade considerável de peixes, faziam a limpeza conversando e mostrando um para o outro o tamanho dos peixes. Demonstravam habilidade em utilizar a faca para proceder à limpeza.

A pescaria é uma brincadeira, ao mesmo tempo uma atividade produtiva, que elabora um conjunto de significados compartilhados pelas crianças habituadas a viverem à beira dos igarapés da Amazônia. Isso denota as particularidades culturais

---

<sup>59</sup> C é para designar a fala da Criança.

<sup>60</sup> P é para designar a fala da Pesquisadora.

<sup>61</sup> Tratar os peixes significa tirar as escamas e a parte interna dele, limpar a ponto de deixá-lo preparado para o consumo.

dessas populações. A pescaria é praticada com muita freqüência por elas. A fala da menina mostra a pescaria como brincadeira.

*Eu gosto de fazer pescaria do domingo, é um jeito da gente brincar. A gente vai pescar com os amigos e depois tem que tratar os peixes. Mais gostoso é comer os peixes. Aí nós vai comer e todo mundo quer um pedaço. (Antônia Alvina, 11 anos)*



#### **Diário de campo: 26 de maio de 2003**



Ao cruzar a ponte em uma das canoas aportadas no igarapé, avisto os meninos Lázaro, conhecido por Lála, e Tintuma, com suas linhadas fazendo uma pescaria. Os meninos estavam em um lugar longe e não escutavam eu chamar por eles; o local dava para chegar apenas de canoa.

O modo de ser criança é caracterizado pelo desejo de brincar, vivenciar sonhos, gargalhadas, fantasias, idéias, mistérios, muitos dos quais incompreendidos pelo mundo dos adultos. A forma lúdica pela qual a criança experiencia a realidade vem traduzir o que chamamos de brincadeira, por ser uma atividade muito própria do mundo infantil.

Os registros feitos deixam transparecer o que chamo de criação da criança, utilizando outros materiais em suas brincadeiras vivas e que não são caracterizados como brinquedos. Os materiais traduzem um determinado significado para a criança que brinca, e Benjamin, nas suas reflexões, fala de uma relação antinômica que a criança estabelece com os materiais:

De um lado, o fato coloca-se assim: nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais sóbrio em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúne em sua solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. (BENJAMIN, 1984: 69)

#### **Diário de campo: 1º de junho de 2003**

Ao retornar do passeio à Vila Rei Salomão, observo em frente as suas casas dois meninos brincando. Sua brincadeira consistia em puxar uma corda presa a um prego um pedaço de madeira de 50 centímetros. Os meninos puxavam a madeira pelo chão e faziam ruído com a boca, imitando o barulho de motor de canoa.

O conteúdo imaginário de certos objetos observados nas brincadeiras das crianças, como pedaço de madeira, galho de árvore, segundo Benjamin, dá para perceber que a “(...) terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças”. (1984: 77) À medida que elas criam por meio da imaginação e da fantasia um mundo com uma lógica própria, muitas vezes não são percebidas pelo adulto.

**Diário de campo: 27 de junho de 2003**

Hoje encontrei dois meninos no caminho da mata. Parei meu trajeto para conversar com eles. Um dos meninos é Antônio, conhecido como Toinho morador da Vila, e outro é visitante e se chama Sol. Reparei que estavam com uma braçada de galhos de embaúba<sup>62</sup>. Perguntei para que queriam os galhos de embaúba, o que iam fazer com eles. Os meninos me disseram que era para fazer espadas, que iriam brincar de espada.

Nessa perspectiva, é através da brincadeira que a criança cria e vivencia situações, que muitas vezes não são possíveis de serem realizadas na vida real. Mas são executadas no processo da imaginação, em que sabiamente elas sabem utilizar o elemento da fantasia.

O mundo infantil, manifestado na relação que estabelece com as brincadeiras, demonstra o caráter de universalidade<sup>63</sup>, apontado por Piacentini (1995).

Pensar o brincar com esse caráter universal é considerá-lo “(...) como algo intrinsecamente ligado à vida das crianças, não pode ser entendido desconectado delas”. (PEREIRA, 1997: 46) Portanto, deve ser entendido como uma atividade presente na vida das crianças nos diversos grupos humanos, em diferentes

---

<sup>62</sup> A embaúba é uma árvore da mata, possui um galho liso em forma de haste, com uma enorme folha redonda na extremidade. Em outros momentos observei que as crianças utilizavam o galho com a folha como sombrinha, nas brincadeiras. No caso dos meninos, retiraram a folha para usar somente a haste.

<sup>63</sup> O caráter universal é mostrado também por Fantin (2000: 75), quando traz a contribuição de LIMA, Zélia V. Brincadeira é coisa séria. In: Revista Trino. Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, 1990. No qual a autora aborda que pesquisas arqueológicas, realizadas nas regiões onde se desenvolveram civilizações da Antigüidade foram encontrados piões, dados, bolas, bonecas e outros objetos - brinquedos no interior de túmulos em sepulturas de crianças. Com a morte da criança que lhe conferia significado, também findava a utilidade daqueles objetos. Assim, ultrapassando o limite do tempo, numa visão universal e ao mesmo tempo localizada, o brinquedo está unido por um sentimento que faz parte da infância e do ser criança, em murais, desenhos, esculturas e pinturas onde as diferentes gerações registraram os variados aspectos da vida cotidiana. Podemos observar a presença de brincadeiras e brinquedos como elementos que caracterizam o mundo da criança. Os indivíduos ali representados quase sempre revelam sua condição brincando ou segurando brinquedos.

momentos históricos e econômicos, situados num contexto sócio-cultural. Como toda a atividade do ser humano que não permanece estagnada no tempo e no espaço, o brincar também está em constante transformação e marca cada período histórico. A maneira como as crianças se relacionam com a brincadeira faz parte do modo como se sentem crianças, revela a necessidade de inter-relação com o outro, através da presença da afetividade, do companheirismo, do sentimento de prazer e de liberdade. Não se trata de considerar o brincar de ser apenas uma ação, mas da construção do conhecimento de si próprias e do mundo que as cerca. É no espaço da brincadeira que podemos perceber a relação da criança, porque “(...) a brincadeira é o melhor instrumento para a satisfação das necessidades que vão surgindo do convívio com o mundo objetivo, que tenta conhecer e com o mundo social, com o qual se relaciona e, enquanto brinca, o conhecimento desse mundo se amplia”. (FANTIN, 2000: 75)



As falas das crianças trouxeram o banho de igarapé como a brincadeira preferida por elas. O menino Xavier, órfão de caboclos ribeirinhos, vivenciou uma situação de extremo estado de subnutrição até dois anos. Após esse período, foi adotado por uma família da Vila Céu do Mapiá e define o banho de igarapé com o seguinte sentimento:

*A gente gosta de ficar só dentro da água, só dentro da água, só dentro da água!!! Se refrescando!!!. Não tem coisa melhor que a água, quando a gente tá com calor, mesmo assim, jogar bola não vai passar o calor, mas tomá banho de igarapé vai. (Xavier, 09 anos)*

Nas primeiras vezes em que estive na Vila Céu do Mapiá, verifiquei que a brincadeira predileta das crianças no recreio da Escola Cruzeiro do Céu era o banho de igarapé. Naquele momento circunstanciado por uma lógica de professora urbana, senti certo estranhamento por essa prática das crianças. A cultura de escola urbana na qual eu estava habituada a trabalhar passou ser referencial para julgar esse contexto diferente. Conhecer e compreender essa prática cultural das crianças a partir do contexto onde elas estão significa ter o olhar relativista da lógica do outro, no reconhecimento da diferença. Em campo, acompanhei a ida para o banho de igarapé da Classe de Alfabetização, juntamente com a professora Jacuí.

### **Diário de campo: 13 de maio de 2003**

As crianças merendaram e, em seguida, saíram correndo em direção ao caminho que as leva ao porto da escola, o local mais apropriado para o banho nas imediações da escola. As crianças tiram suas roupas<sup>64</sup> e as colocam sobre uns troncos de árvores caídos e correm para a água, mergulham, nadam e se divertem. Quando a canoa passa no igarapé e forma ondas, as crianças vibram e jogam-se com mais entusiasmo na água. O banho é rápido, a professora vai chamando as crianças para se vestirem e retornarem à escola.

---

<sup>64</sup> É uma prática das crianças menores tirarem suas roupas para tomar banho de igarapé, ficando apenas com as roupas íntimas. O motivo que leva as crianças a tirarem a roupa para tomar banho é para que, quando saírem, colocar novamente a roupa, porém seca.





Outra brincadeira das crianças mapienses, aliada ao banho de igarapé, é a realização de piqueniques, feitos, na maioria das vezes, nos finais de semana.

#### **Diário de campo: 15 de junho de 2003**

Por volta das 11 horas da manhã, encontro um grupo de crianças no centrinho da Vila. Estavam preparadas com mochilas para fazer um piquenique que tinha por objetivo comemorar o aniversário da Tuíra (uma menina que estava no grupo). Estavam esperando reunir todo o grupo para ir de canoa até a prainha escolhida para ser o lugar do piquenique.

Aparecida, uma menina que nasceu na Vila Céu do Mapiá, neta do Padrinho Sebastião, conta para a pesquisadora o significado do piquenique:

*P - Em dois momentos diferentes encontrei você a caminho de fazer um piquenique. Você gosta de fazer piquenique?*

*C - Gosto, porque tem que escolher um lugar bom que dá pra botar um pano reto, um igarapé bom, por isso nós escolhe um lugar bom.*

*P - O que você faz quando chega nesse lugar?*



*C - Prepara as coisas pra comer e toma banho.*

*P - Quais os lugares preferidos para fazer piquenique?*

*C - Eu gosto lá do Paraíso<sup>65</sup>, lá o igarapé é limpo. (Aparecida, 11 anos)*

Outra brincadeira realizada com grande entusiasmo pelas crianças, tanto para os meninos como para as meninas, é o jogo de futebol. Nesse período, em que estive em campo, foi inaugurada a primeira quadra de esportes na escola; até então as crianças praticavam suas “peladas” nos campinhos. O jogo de futebol é realizado com muitos protestos pelas mães e professoras, por verem seus filhos e alunos ficarem expostos, por um grande período, ao sol torrencial da Amazônia. Mas, mesmo sob protestos, as crianças continuam jogando bola, só que agora na quadra cimentada da escola.

A complexa problemática que envolve a relação infância e trabalho é presente nas falas e no cotidiano das crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá. O caráter dado ao trabalho realizado por essas crianças não se caracteriza pela lógica da exploração do trabalho infantil. Tratando-se de crianças provenientes de famílias populares amazonenses ribeirinhas, a ocupação das mesmas está associada às tarefas domésticas no âmbito familiar, que não chega a ser problema para o direito à infância, a criança, um sujeito de direito<sup>66</sup>. Aos olhos da pesquisadora, o fato de as

---

<sup>65</sup> Paraíso é uma colocação que fica distante da Vila, cerca de duas horas de caminhada, por uma estrada dentro da mata ou de canoa, onde reside a família de seu Pedro Zacarias e de dona Francisca Corrente.

<sup>66</sup> A primeira manifestação de caráter internacional em prol dos Direitos da Criança foi a Declaração de Genebra, em 1924. Um dos órgãos que vem divulgando os direitos das crianças em diferentes países é o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, que foi criado em 11 de dezembro de 1946. A discussão em torno dos direitos das crianças foi concretizada por meio da Declaração dos Direitos da Criança, assinada no dia 20 de novembro de 1959, pela Organização das Nações Unidas - ONU. A Declaração dos Direitos da Criança pode ser encontrada no texto traduzido por Antônio Maria Zanete, “Os Direitos da Criança”, 1990, reúne os princípios, reconhecendo o valor da infância e tem por objetivo garantir que todas as crianças do mundo cresçam em condições humanas, protegidas, alimentadas, tendo acesso à educação, à saúde, etc. No Brasil a lei número 8069 de 13 de julho de 1990, conhecida também por ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - regulamenta os direitos da criança e do adolescente brasileiros e a eles juridicamente é assegurado a proteção

crianças mapienses participarem da realização das tarefas domésticas é diverso do que presenciamos nas periferias dos centros urbanos e nas áreas rurais, onde propriamente encontramos a exploração do trabalho infantil, que ocorre por meio de funções formais nas pequenas indústrias e nas lavouras. Muitos dados estatísticos revelam o quadro alarmante sobre o trabalho de crianças no campo<sup>67</sup>, a exploração do trabalho infantil.

As tarefas executadas pelas crianças mapienses são muito próximas às tarefas que as crianças Xavantes também realizam, segundo Pereira: “(...) o dia-a-dia vai se alternando entre algumas tarefas, que fazem sozinhas, ou nas quais ajudam, como por exemplo: lavar roupa e louça, tomar conta dos irmãos menores, dar-lhes banho, levar água para casa...”. (1997: 161) A participação das crianças Xavantes nas tarefas domésticas faz parte do processo de conhecimento prático que esse grupo social necessita para o desenvolvimento de sua maneira de ser, sendo “(...) uma das mais importantes maneiras de se ensinar e se aprender aquilo que é necessário saber do mundo Xavante, (...) desde que sua estrutura física permita fazer determinadas coisas, todas as crianças são envolvidas nessas atividades”. (PEREIRA, 1997: 161)

Nesse sentido, a contribuição de José de Souza Martins, apresentada em sua obra<sup>68</sup>, relata a pesquisa em que a fala das crianças expressa o que é ser criança “(...) nas remotas regiões das frentes de ocupação do território, em distantes pontos da Amazônia”. (1993: 56) O material que utilizou foi coletado na colônia de Canarana, no estado do Mato Grosso, um núcleo de colonização particular, oriundo

---

integral. O ECA e a Constituição Federal de 1988 promoveram uma mudança de visão na maneira de ver e pensar a criança, ao romper com o Código de Menores, a legislação anterior.

<sup>67</sup> Sobre a exploração do trabalho infantil verificar, em: Martins, J. S.. O Massacre dos Inocentes: A criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

<sup>68</sup> Regimar e seus amigos – A criança na luta pela terra e pela vida. In: MARTINS, José de Souza. O Massacre dos Inocentes. A criança sem Infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

do Rio Grande do Sul. Também recolheu materiais em mais dois povoados da Amazônia maranhense: São Pedro da Água Branca, no município de Imperatriz, e Floresta, no município de Santa Luzia. No período em que a pesquisa foi realizada, esses dois lugares estavam vivendo momentos de grande violência, praticados por grileiros e pistoleiros.

Em Canarana, a infância é concebida pelas crianças não como um momento específico da vida, que possa ser vivido por ela mesma, mas como uma preparação para o futuro. E o futuro está diretamente ligado ao mundo do trabalho. Para essas crianças, o trabalho é uma missão familiar. A escola é considerada como um tempo de trabalho, em preparação do futuro. Na interpretação de vida dessas crianças, a forma de ocupação do tempo da infância é designada pelo trabalho, através do estudo como trabalho e complemento do mesmo.

Para as crianças dos povoados de São Pedro da Água Branca e Floresta, a “Infância é o resíduo de um tempo que está acabando”. (MARTINS, 1993: 67), um tempo que está no fim, em que são privadas da brincadeira, da fantasia, do jogo. Elas, em primeiro lugar, devem trabalhar, depois ir à escola e, por último, no final do dia, o espaço que sobra é para brincar. Em ambas as situações, observa-se que a infância é um período em que a criança se prepara para o futuro, pensa em suas vidas em termos de futuro, mas, na verdade, já se encontra na condição de adulto.

As crianças da Vila Céu do Mapiá se envolvem em outros tipos de trabalho, que não é caracterizado como trabalho assalariado. A atividade doméstica, nessa comunidade, é considerada como trabalho e esse trabalho é familiar. Desde pequenas, as crianças ajudam seus pais nas atividades domésticas e nos serviços variados da unidade familiar.

*Às vezes passo pano, às vezes eu varro e às vezes eu lavo a louça. (Radarane, 12 anos)*

*Eu lavo roupa, lavo as louças, varro a casa. (Bartira, 11 anos)*

*Aí, nós vai lá pra nossa colônia planta caroço, caroço de abacate, laranja. (Leticia, 08 anos)*

*Todo mundo ajuda a fazer a horta, aí eu planto. (Leidiane, 07anos)*

*Eu rastelo o terreiro. (Xavier, 09 anos)*

O trabalho tem fundamental importância para a vida comunitária na Vila Céu do Mapiá e, para as crianças, ocorre quando desempenham suas tarefas domésticas, o que chega a ser uma espécie de compromisso ajudar as suas famílias. Nas falas das crianças, sobressai a valorização do trabalho motivado por um sentimento de interação com os familiares.

*Eu gosto de ficar ajudando minha mãe. (Jetúlio, 09 anos)*

*Pra ajudar minha mãe, porque ela faz o almoço e trabalha e eu tenho que ajudar ela. (Aparecida, 11 anos)*

### **Diário de campo: 04 de junho de 2003**

Chegar até a casa de Daiana e Jetúlio, para dois irmãos que moram um pouco afastados da Vila, é necessário fazer um percurso pela mata. O caminho é bastante difícil, segue-se por uma trilha, passa-se por uma ponte feita com o pau de uma grande árvore, margeando o igarapé. Quando cheguei no terreiro da casa

e chamei pelas crianças, avistei-os atrás da casa, junto com sua mãe. Disseram-me que estavam construindo um galinheiro, porque as galinhas haviam fugido pra mata. Jetúlio martelava para ajudar na obra.

Ao longo da pesquisa, percebi, na forma de educar das famílias, o valor do trabalho; o trabalho como aprendizado de vida.

A relação entre brincar-trabalhar está presente na fala das crianças da Vila Céu do Mapiá. Nas atividades de trabalho perpassa o sentimento lúdico presente na infância por meio da brincadeira. Os registros seguintes focalizam como aparece de forma intensa a relação brincar-trabalhar<sup>69</sup>, ambas constitutivas de um mesmo processo.

### **Diário de campo: 03 de junho de 2003**

Combinei com Rosana para ir até sua casa à tarde. Ao chegar, a menina me convida para comer banana frita, que ela mesma tinha feito. Me diz que poderá conversar comigo somente depois que lavar a louça. Rosana passa com uma imensa bacia na cabeça, cheia de louças e panelas, segue em direção do igarapé para lavar a louça do almoço. A menina distribui a louça na escada que desce para o igarapé e... tichibum !!! Dá um mergulho! Jussara, sua prima, vem ajudar. As meninas lavam a louça e tomam banho. Radarane se junta ao grupo e também ajuda a lavar a louça. Deixam cair uma panela na água e todas mergulham para encontrar. Aviso que vou tirar fotos. Elas pedem que eu espere porque precisam

---

<sup>69</sup> A relação brincar e trabalhar foi observada também em Arenhart (2003) e Pereira (1997). Arenhart pontua que as crianças transgridem o sentido puramente produtivo do trabalho e associam o caráter de brincar ao trabalhar. Pereira apresenta o brincar nas atividades domésticas do cotidiano e nas tarefas produtivas de que as crianças participam.

mergulhar para arrumar os cabelos. Depois da louça lavada, com a bacia novamente na cabeça, Rosana vai até sua casa para deixar a louça e retorna à beira do igarapé, para realizarmos a conversa gravada.



Durante a realização da conversa gravada com o grupo de meninas, indaguei a Rosana o que significava para ela lavar a louça no igarapé, se era uma brincadeira ou um trabalho, e ela me respondeu assim:

*Porque a gente toma banho, aí lava a louça de novo, daí toma mais banho e lava a louça, tem bastante água pra tomá banho e lavá a louça. (Rosana, 09 anos)*

Com isso, podemos observar através da fala de Rosana, que a criança constrói estratégias que garantam a ludicidade na relação que estabelece com o próprio trabalho, na lavagem de louça, e passa a ter determinados significados e um sentimento de prazer. A lavagem de louças é também uma das atividades realizadas pelas crianças Xavantes, à beira do rio. Ângela Pereira (1997), nesse trabalho,

relata que isso acontece várias vezes por dia, e mostra o lúdico permeando essa atividade de trabalho:

(...) enquanto lavam é freqüente que se distraiam com algo mais que esteja acontecendo na beira do rio, como o canto de um pássaro num galho próximo, com pedrinhas e folhinhas, com bolhas de sabão, com a marca dos copos na areia, com o barulhinho da correnteza, que enchem e esvaziam com água e areia vezes sem conta alguns dos recipientes que estão lavando, e que verifiquem se flutuam. (PEREIRA, 1997: 162)

Brincar e trabalhar são duas atividades absolutamente distintas e, por outro lado, as falas das crianças estão presentes num mesmo contexto. É verdade que a família mapiense conta com a participação das crianças nas atividades domésticas, dentro de suas possibilidades e, para tanto, passa a existir um processo educativo em curso.

*C - Eu fico ajudando meu pai e tomo banho de igarapé.*

*P - Em que você ajuda seu pai?*

*C - Brocar o campo, prender os gados, ir pro roçado.*

*P - Então você já trabalha?*

*C - Eu brinco e trabalho.*

*P - O trabalho que você faz com seu pai é importante para sua vida?*

*C - É, eu aprendo a prender os bois. (Jetúlio, 09 anos)*

As atividades de trabalho realizadas pelas crianças possibilitam várias interações que realizam em contato com a natureza (água, terra, animais, plantas) e na companhia dos adultos e das outras crianças. Nessas interações, as crianças

ultrapassam o sentido exclusivo do trabalho como uma atividade produtiva e estabelecem um outro sentimento, associando o caráter de brincar ao trabalhar. As crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá parece que compartilham a possibilidade de aliar o trabalho ao brincar, estruturando suas relações com a vida, com a produção familiar e não necessariamente para a reprodução da ordem social. O fato de as crianças participarem das tarefas domésticas não se caracteriza como exploração do trabalho infantil.

Ângela Pereira observou nas crianças Xavantes a existência também da relação lúdica na execução das tarefas domésticas: “(...) o brincar está presente até mesmo no desempenhar de tarefas da produção familiar”. (1997: 156)

Entretanto, as crianças da pesquisa, apesar de se referirem quase sempre de forma positiva ao que se refere à realização de suas atividades de trabalho, deixam escapar que é necessário, às vezes, em primeiro lugar, executar as tarefas para depois brincar.

### **Diário de campo: 11 de junho de 2003**

Dirijo-me à casa da Mariana, que fica um pouco afastada do centro da Vila. Quando desci a ladeira para cruzar o igarapezinho, deparei-me com ela. Mariana estava sentada em uma tábua, em forma de prancha, sobre o igarapezinho e, à sua frente, uma bacia com louças e panelas. Era bem cedinho, antes de 9 horas da manhã. Perguntei se era sempre assim que lavava a louça e respondeu que sim, sendo uma das responsabilidades na ajuda do serviço da casa. Então, sentei-me na tábua à frente de Mariana. Ela foi prosseguindo com a lavagem da louça, e iniciamos a conversa gravada.



*P - Você disseste que uma de suas tarefas é lavar a louça. Faz isso todos os dias?*

*C - Todo dia de manhã.*

*P - Você acha que é muito trabalho pra você?*

*C - Não é muito não, mas é um pouco.*

*P - Você considera que atrapalha os seus estudos?*

*C - Não atrapalha os estudos, mas eu tenho que ajudar em casa. Daí, sempre quando eu quero brincar, eu lavo a louça, faço minhas tarefas primeiro para depois ir brincar.*

*P - Observei que as crianças ajudam nas tarefas domésticas aqui na Vila. Você acha que é bom ou ruim na sua vida?*

*C - Eu acho bom, né, mas eu não sei como que vai ser no futuro, se vai mudar ou se vai ficar desse jeito. (Mariana, 12 anos)*

O diálogo com Mariana me fez refletir quando afirma que hoje, para ela, “é bom” ajudar nas tarefas domésticas, porém, no futuro não sabe o que vai acontecer, “se vai mudar ou se vai ficar desse jeito”. Quanto a isso, será que ocorrerão outras perspectivas na vida de Mariana? Expressou também o seu desejo em dar continuidade aos estudos. Ou será que condições sócio-econômicas da Vila Céu do Mapiá vão continuar exigindo que a menina lave a louça à beira do igarapezinho?<sup>70</sup>

O trabalho esteve sempre presente na fala das crianças, sujeitos dessa pesquisa, sempre ligado ao objetivo de ajudar a mãe, o pai, a madrinha. As atividades domésticas realizadas pelas crianças apresentam-se inseridas no dia-a-dia do seu núcleo familiar e também estão relacionadas com o brincar.

---

<sup>70</sup> A não existência de energia elétrica traz uma série de dificuldades na realização dos trabalhos domésticos. Para as famílias terem água encanada em casa, o custo é alto, é feito através de moto - bombas e geradores que utilizam óleo diesel como combustível. Sem opções, muitas famílias são obrigadas a utilizarem a beira do igarapé para a lavagem de louça e roupa, o banho e outras necessidades.

As crianças foram unânimes em afirmar a necessidade de um espaço, um ambiente caracteristicamente infantil na Vila Céu do Mapiá. Criticaram a falta de uma área de lazer para brincarem, como um parquinho com balanço, escorregador, trepa-trepa e outros.

*Falta balanço na praça que nem lá na rua<sup>71</sup>, escorrega. (Ólmo, 11 anos)*

*Aqui falta um parque com brinquedos para as crianças se divertirem. (Radarane, 12 anos)*

## 2.2. No encontro com a criança, o exercício de alteridade



O encontro pode romper barreiras, colocar à vista outras impressões que não são percebidas. Da experiência de encontros com as crianças mapienses emergiram novos olhares, a infância como forma de aproximação e reconhecimento do outro. No encontro com a criança, exercitar a alteridade exige um processo de sensibilização para enfrentar o desafio que leva para além de nós mesmos, resultando no contato com o diferente, o encontro com o outro. Nesse sentido, não seria uma imagem da infância, mas “(...) uma imagem a partir do encontro com a infância”. (LAROSSA, 2001: 197) O encontro com a infância à inusitada companhia das crianças da Vila Céu do Mapiá revelou múltiplas imagens ao tentar compreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que elas atribuem ao cotidiano que vivenciam e as experiências que partilham nesse contexto.

<sup>71</sup> A rua significa cidade, os lugares que não sejam a Vila Céu do Mapiá.

Pensar na alteridade remete a um conceito de infância que focaliza a criança como outro, significa dizer o quanto é importante se pensar a prática do encontro. No encontro com as meninas mapienses, quando escolhem um hino preferido da doutrina para cantar, deixam transparecer valores que estruturam suas vidas. Cabe aqui uma atitude de alteridade olhar as meninas pela perspectiva da diferença, levando em conta as especificidades que vivenciam. A seguir, transcrevo o hino a que elas se referem e que pertence<sup>72</sup> à adepta Antônia.

Eu quero ser uma filha de vós,  
Quero seguir sempre o meu caminho.  
Quero viver sempre alegre e contente,  
Sempre cantando como um passarinho.

Eu vou seguindo a minha estrada,  
Continuando a minha caminhada.  
Na companhia de minha mãezinha.  
Eu sou uma filha abençoada.

Eu passei umas provas difíceis  
Mas eu sempre vivo com o meu Mestre.  
Mas como não sou filha à toa,  
Eu recebi umas notas boas.

O meu Mestre eu tenho que dizer  
Que eu pensei que ia morrer.  
Mas agora eu compreendi  
Que é morrer pra poder renascer.

---

<sup>72</sup> O hino é uma mensagem que a pessoa recebe do plano espiritual e que lhe passa a pertencer. Essa discussão está focalizada nos capítulos: O Contexto da Floresta e Saberes da Floresta.

As meninas, ao terminarem de cantar o hino, formalizam comentários a respeito do mesmo, contemplando em suas falas expressões típicas do universo da doutrina do Santo Daime, reveladoras de sentidos e significados singulares, enraizada no contexto social de que as crianças partilham. No encontro com as meninas, “(...) encontramos verdadeiramente algum outro”. (LARROSA, 2001: 189)

*P - Esse hino que mensagem traz para você, Rosana?*

*C - Eu gosto muito dele, ele tem uma parte bem legal que é 'Eu passei umas provas difíceis, Mas eu vivo sempre com meu Mestre, Mas como não sou filha à toa, Eu recebi umas notas boas.*

*P - E o que quer dizer não ser filha à toa?*

*C - Não é à toa que deve ser no mundo, vive em casa ajudando os pais.*

*P - E qual a parte do hino que mais gosta, Jussara?*

*C - Eu gosto do pedaço Que é morrer para poder renascer.*

*P - E o que significa morrer para poder renascer?*

*C - Porque a gente morre e sobe pro astral.*

*P - Você gosta desse hino também Rada?*

*C - Eu gosto da parte Sou uma filha de vós.*

*P - E o que significa para você?*

*C - Que ela é uma filha de vós, filha da mãe do céu.*

*(Rosana, 09 anos; Jussara, 07 anos; Radarane, 12 anos)*

Ao ver a criança como outro não poderia deixar de mencionar o fato que a infância é um processo de novidade e se inicia pelo acontecimento inusitado do nascimento da criança. “O nascimento, portanto, implica o aparecimento de algo no qual nós não podemos reconhecer a nós mesmos”. (LARROSA, 2001: 189) Dessa maneira, isso constitui receber os que nascem em uma atitude de alteridade, não

tomando a criança como expressão do adulto. Mas, a alteridade daquele que nasce se faz no encontro verdadeiro com o outro.

O nascimento constitui o princípio de um processo em que a criança começa a estar no mundo e seu primeiro contato com esse mesmo mundo será realizado pela presença do adulto. O recém-nascido, por se caracterizar um ser extremamente vulnerável e totalmente dependente do adulto, exige uma série de cuidados. A fragilidade da criança é submetida ao olhar do adulto, no qual é imprime suas idéias, seus sonhos e suas angústias.

Esse processo pelo qual a criança é introduzida no mundo é permeado pelas incertezas; o nascimento coloca a criança em continuidade com o ser humano e com o mundo. Constitui o nascimento o início de uma cronologia em que a criança terá que percorrer seu desenvolvimento físico, emocional e social. Ao mesmo tempo, a criança se constitui também como uma etapa na continuidade da história da humanidade.

Jorge Larrosa traz a seguinte indagação em seu artigo<sup>73</sup>: “(...) que significa, para a educação, o fato de que nasçam seres humanos no mundo?” (2001:188) Para ele, a educação é a maneira como as pessoas, as instituições, a sociedade recebe aqueles que nascem. Significa abrir um espaço na vida dos adultos para receber aquele que vem compartilhar uma nova vivência, porém, sem imprimir as suas concepções de vida sobre ele, impondo “(...) a lógica que rege a nossa casa”. (LARROSA, 2001: 198), Essa idéia se traduz no sentido de transformar a infância como meta para realização das expectativas do adulto para o futuro.

Nessa perspectiva considerar o nascimento como ponto de partida para a realização das vontades dos adultos não expressa “(...) receber os que nascem em

---

<sup>73</sup> LARROSA, Jorge. O Enigma da Infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: Pedagogia Profana. Danças, piruetas e máscaras. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

sua alteridade” (LARROSA, 2001: 188), mas torná-los nossa continuidade de estar no mundo.

A concepção de alteridade que Larrosa indica se faz presente quando “(...) encontramos verdadeiramente algum outro” (2001: 189), a necessidade de se conhecer o outro como possibilidade de construção de relacionamento e não enquanto imposição de valores. Dessa maneira, o nascimento implica uma relação de contato com o inesperado, o aparecimento de algo novo que seja capaz de renovar o ciclo da vida.

A alteridade da infância para Larrosa traz a tona a necessária presença do outro num movimento de encontro, deixar-se invadir pelo olhar do outro, conhecer os outros é uma forma de conhecermos a nós próprios. Realizar o diálogo entre a “(...) heterogeneidade de olhares” (Souza, 2002:125) produz uma nova significação da diferença cultural como estabelecimento de inter-relações, de reciprocidade de nossa vida adulta com a infância.

A infância, na sua alteridade, por si só é portadora de uma verdade presente no mundo da criança, diante da qual devemos nos colocar numa posição de escuta. A criança é o outro que não pode ser submetido às nossas imposições, mas devemos considerar a sua experiência como aprendizado na construção da autonomia. Para Larrosa, a experiência da criança como outro exige a atenção à presença enigmática da infância, que se traduz como “(...) um encontro com o estranho e com o desconhecido, o qual não se pode ser reconhecido nem apropriado”. (2001: 197) O reconhecimento e apropriação produzem imagens da infância, caracterizando uma verdade positiva; por outro lado, é a experiência do encontro que contém a “(...) verdade inquieta e tremulante de uma aproximação singular ao enigma”. (LARROSA, 2003: 197) Afirma ainda o autor a importância de

devolver à infância o seu caráter enigmático e que cabe aos adultos a responsabilidade pela resposta à exigência que esse enigma traz consigo.

É importante perceber a infância e as crianças que compõem essa categoria social de maneira diversa e instável. Ainda para Larrosa:

Assim a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa aproximação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irreduzível outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela e a presunção da nossa vontade de abarcá-la. (2003: 185)

Essa pesquisa teve como desafio tomar as crianças enquanto outro, como aborda Larrosa e Lara: “(...) a imagem do outro não como a imagem que olhamos, mas como a imagem que nos olha e que nos interpela” (1998: 08); mas a capacidade de criar o prazer da aventura do conhecer como processo em ver e sentir o outro. Do sentir como uma condição necessária na maneira de me ver relacionar com o outro e na percepção da realidade em que a criança mapiense está inserida.

Dessa forma, para considerar a criança, moradora da Vila Céu do Mapiá na perspectiva do outro, é necessário que se agregue o conceito de cultura, que traz consigo os significados locais vivenciados no cotidiano da doutrina do Santo Daime. Lidar com as diferenças possibilita a abertura para o desconhecido, compreender o encontro com as diferentes culturas. “Cultura é produto e processo. Comunidades diferentes, culturas diferentes, compreensões de mundo diferentes... isto é

multiplicidade”. (LEITE, 2003: 91) Pensar e dialogar com o outro, com as crianças da pesquisa, exige uma reflexão do contexto cultural do qual fazem parte. Com isso, é necessário utilizar uma definição de cultura que possa subsidiar essa interpretação.

É importante salientar que a cultura é uma condição primordial para a existência humana. Dessa maneira, o ser humano nasce no contexto de uma cultura, que passa a ser referência ao longo de sua vida, possibilitando-lhe a agir em sua realidade. Nesse sentido, “(...) existe em cada cultura um capital específico de crenças, idéias, valores, mitos e, particularmente, aqueles que unem uma comunidade singular a seus ancestrais, suas tradições, seus mortos”. (MORIN, 2001-a: 56) A cultura nessa perspectiva pode ser entendida como “(...) um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989: 103), apresentando-se como uma dinâmica viva, dando significado e orientação às experiências da vida cotidiana.

Sendo assim, o ser humano experiencia, na sua vida cotidiana, os símbolos, para orientar a construção dos acontecimentos e também para a sua orientação pessoal. Necessita ter a referência de padrões culturais expressos em sistemas organizados de símbolos, para guiar seu comportamento e sua experiência. Com isso verifica-se que os grupos humanos desenvolvem padrões culturais que possibilitam sua existência na sociedade. Pode-se observar a existência de uma infinidade de padrões culturais, denominado por Geertz de teias de significações, compreendendo a cultura como “teias de significados (...), sendo essas teias e a sua análise, portanto, não uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura de significado” (1989: 15), que expressa uma forma de ver,



sentir, de relacionar-se com a vida e com o mundo. Portanto, segundo Geertz (1989), conceituar cultura é perceber os significados das ações humanas.

Diante da diversidade de padrões culturais, Geertz (1989) considera que a compreensão do ser humano pode ser encontrada nas singularidades culturais dos povos. E a Vila Céu do Mapiá é um espaço onde a singularidade está presente em sua doutrina religiosa, profundamente enraizada com a floresta Amazônica, demonstrando uma significativa manifestação de religiosidade popular do nosso país. Nesse contexto, as crianças participam da vida cotidiana da doutrina do Santo Daime em seus diversos trabalhos ritualísticos, e o registro a seguir explicita essa singularidade cultural ao vê-las como o outro.



### **Diário de campo, 12 de junho de 2003**

Nessa data é cantado na igreja da Vila Céu do Mapiá, à noite, o hinário de Dona Maria Brilhante<sup>74</sup>, para comemorar o dia de Santo Antônio. Por volta das 18 horas me dirijo à igreja e observo os moradores vindos de diversos rumos, vestidos com sua farda de festa. Muitas crianças chegam para o hinário, as meninas menores com seus vestidos de tecidos leves, os meninos também se apresentam com suas roupas de festas. Já as crianças maiores estão vestidas com sua farda branca. Um dos membros responsáveis pela doutrina faz abertura do

---

<sup>74</sup> Maria Brilhante é uma veterana da doutrina: começou a tomar Daime com Mestre Irineu Serra e acompanhou o movimento do Padrinho Sebastião. Hoje reside na Vila Céu do Mapiá.

trabalho e as crianças se dirigem, muitas delas com seus pais, para tomar o Santo Daime. Inicia-se propriamente o hinário com o canto e o bailado. As crianças se movimentam pela igreja, correm de um lado para outro, enquanto as maiores permanecem nos seus lugares no bailado, de acordo com as normas de ritual.



No registro anterior, pôde-se perceber as crianças envolvidas no contexto cultural e simbólico da doutrina do Santo Daime. A cena relatada também revela a movimentação das crianças na participação da vida social desse grupo.

Para finalizar esse capítulo que procurou refletir historicamente a concepção de infância e criança embricada na realidade analisada na Vila Céu do Mapiá, quero deixar claro algumas escolhas realizadas. As contribuições teóricas pautadas nos autores que contemplam os avanços na maneira de conceber essa temática da infância como categoria social e a criança como sujeito da história, produtora de cultura, capaz de aprender, conhecer, constituir-se como um ser pertencente a um determinado grupo.





### **3. OS SABERES DA FLORESTA – diferentes aspectos da “visão de mundo” das crianças**

Canta, canta os meninos

Para todos se alegrar

Que nós somos todos filhos

E é preciso nós rezar.

Hino número 10  
Hinário de Maria Marques Vieira.

## **OS SABERES DA FLORESTA – diferentes aspectos da “visão de mundo” das crianças**

Para que se compreenda a visão de mundo da criança moradora da Vila Céu do Mapiá, circundada da singularidade cultural na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, é preciso conhecer as possibilidades de construção dos saberes que permeiam a vida dessas crianças.

Quando se pensa em conhecimentos, imediatamente associa-se ao domínio da escola ou ainda ao que é estabelecido no âmbito da família. Porém, o que se verifica na Vila Céu do Mapiá é que os saberes não estão restritos ao espaço da escola e da casa. A escola ocupa na vida da comunidade o seu espaço de aprendizagem sistemática, mas outras experiências educativas realizadas pelo Centro Medicina da Floresta e pela Casa de Ofícios Teresa Gregório de Melo sinalizam a aquisição de conhecimentos sob outros ângulos, possibilitando a promoção do desenvolvimento humano.

As crianças da floresta vivenciam um contexto complexo e singular, no qual a doutrina do Santo Daime media a ressignificação dessa cultura, num processo que as mesmas designam como fonte de ensinamentos.

Nesse sentido, a categoria conceitual visão de mundo pode ser observada na vida das crianças da pesquisa, estando intimamente articulada a um conjunto de experiências vividas concretamente no seu cotidiano.

### **3.1. “Estou aprendendo !” – A educação na Escola Cruzeiro do Céu**

Os passos iniciais que deram origem a essa pesquisa nasceram do trabalho como educadora na Escola Cruzeiro do Céu, nos anos de 1997 e 1998. A minha formação e experiência profissional de professora há mais de vinte anos em escola pública fizeram com que aceitasse o convite para conhecer a Vila Céu do Mapiá, as crianças e a escola, momentos de muitos encontros. O ano letivo de 1997 estava por iniciar e exigia a organização do grupo de pessoas envolvidas com a Escola Cruzeiro do Céu. Dessa forma fui inserida, juntamente com meus dois filhos, na vida da escola. Meu envolvimento pessoal com a escola foi muito visceral por vários motivos: a precariedade do prédio, a falta de professores com habilitação necessária para o exercício do magistério, a não existência de verbas governamentais para serem aplicadas na escola, etc... Por outro lado, o grupo representado por crianças e jovens fizeram-me considerar a importância do ato de educar pessoas e que

(...) constitui-se no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro no espaço de convivência. (MATURANA, 1998: 29 apud SOUSA, 2002: 80)

No ano de 1986, foi fundada a Escola Cruzeiro do Céu, por iniciativa dos moradores da Vila Céu do Mapiá, quando um grupo de seis pessoas foram os responsáveis para organizar esses primeiros momentos da vida escolar. O grande número de crianças em idade escolar que moravam na comunidade, na época, noventa e duas crianças, número significativo, começaram a frequentar num sistema multiseriado. O depoimento de uma das professoras que participaram desse

processo inicial mostra o valor que Padrinho Sebastião dava para a escola e a necessidade de garantir a educação para as crianças da floresta.

*O Padrinho foi um homem que sempre deu força para a escola existir e vigorar no Céu do Mapiá, sendo um homem da mata, que construiu sua vida na floresta, as crianças deveriam aproveitar a oportunidade de ter uma escola para estudar. Ele achava em primeiro lugar que as crianças tinham uma grande força espiritual e uma grande força vital. Ele mesmo era bastante presente fisicamente na escola e falava assim: “Professora, dá licença de eu dar umas palavrinhas com as crianças: Crianças, vocês aprendam a ser educadas, uma pessoa educada que sabe respeitar os outros é só para ganhar nessa vida e aprendam tudo que essas pessoas estão vindo ensinar pá vocês. Assim como vocês também têm para ensinar a eles, que vêm lá de fora, da cidade, mas esse conhecimento, essa troca também é importante para a formação do ser humano”. (Vera Gall<sup>75</sup>, 43 anos)*

A criação, em 1988, da Floresta Nacional do Rio Purus transformou a área ocupada pela Vila Céu do Mapiá em uma Unidade de Conservação Nacional e ocasionou alguns entraves burocráticos para a escola. Segundo a nova legislação, a escola não poderia ser construída em área de FLONA<sup>76</sup>, acarretando com isso o não reconhecimento da escola pelos órgãos legais.

Nos anos de 1986 a 1994, a Escola Cruzeiro do Céu recebeu subvenção financeira do município de Boca do Acre/AM, equivalente a seis salários mínimos. A verba destinava-se ao pagamento de professores e funcionários, compra de merenda, material didático-pedagógico e ainda a manutenção da escola. Cabe dizer que a localização territorial da Vila pertencia ao município de Pauini/AM.

<sup>75</sup> Vera Lúcia Gall acompanhou a fase inicial de organização da Escola Cruzeiro do Céu; era uma das seis pessoas que faziam parte do grupo. Hoje reside em Florianópolis e desenvolve suas atividades profissionais como professora de Língua Portuguesa na Escola Autonomia. Esse depoimento foi concedido à pesquisadora no dia 29 de dezembro de 2003.

<sup>76</sup> O significado de Unidade de Conservação Nacional e FLONA, encontra-se no capítulo O Contexto da Floresta.

Com a municipalização da educação em 1995, a responsabilidade financeira e pedagógica da Escola Cruzeiro do Céu passou para o município de Pauini, sendo que o referido município somente encaminhou a subvenção financeira a partir de 1997. Nesses dois anos em que a Escola não recebeu verbas governamentais, prosseguiu com seu trabalho educativo enfrentando grandes dificuldades. Uma das formas encontradas para amenizar a situação foi através de uma intensa mobilização de pais, alunos, professores, funcionários, enfim, de toda a comunidade, organizando a campanha “Adote um Aluno”, com divulgação em todo o Brasil. A campanha tinha por finalidade arrecadar fundos financeiros para manter o funcionamento da escola.

Também foi com a mobilização da comunidade que o presidente do Conselho Municipal de Educação, através da resolução número 55/97, em 26/01/97, valida os estudos realizados na Escola Cruzeiro do Céu nos anos de 1984 a 1996, somente para o ensino de 1ª à 4ª série. Nos anos seguintes, a escola realizou seu trabalho educativo sob a orientação da Secretaria Municipal de Pauini, mas não implicou no seu reconhecimento por meio de portaria para a criação da Escola.

No ano de 1997, a Escola Cruzeiro do Céu oferecia às crianças da comunidade a Educação Infantil, com o jardim de infância, a classe de alfabetização, as turmas de 1ª à 4ª série e a 5ª e 6ª séries. Os alunos deram continuidade aos seus estudos até a conclusão do ensino fundamental. De fato, cursaram o ensino fundamental, mas de direito os alunos não receberam o certificado de conclusão por não ser reconhecido o ensino de 5ª a 8ª séries. Essa situação provocou um vazio na vida escolar de muitos alunos, pois concluíram o ensino fundamental pela Escola Cruzeiro do Céu, mas não recebiam a comprovação do mesmo. A forma encontrada pela comunidade para legalizar a escola foi de encaminhar os alunos para as



idades de Rio Branco/AC e Manaus/AM, para prestar os exames do ensino supletivo. A grande distância da Vila Céu do Mapiá para as cidades referidas onerava o custo, que consistiu em um grande esforço de toda a comunidade para que os alunos obtivessem a conclusão de seus estudos. Mesmo assim constatou-se que um número muito reduzido de alunos concluiu o ensino fundamental.

Toda essa situação vivenciada provocou uma ruptura na continuidade dos estudos dos jovens mapienses, pela não regularização do ensino pelo sistema legal.

Palavras do Padrinho Alfredo Gregório de Melo<sup>77</sup> demonstram a dificuldade do não reconhecimento da escolarização na vida dos estudantes:

*A falta de decisão do governo por não ter tido escola até hoje, tem filhos do Mapiá com vinte anos, nunca deixaram de estudar por força dos pais, da comunidade em si, da doutrina. Mas nunca galgaram papel adiantado por falta de uma escola liberada em nossa área, que é Reserva Nacional. (Padrinho Alfredo, 58 anos)*

Muitos anos..., muitos esforços dos professores, da comunidade, dos colaboradores em prol da regularização da Escola Cruzeiro do Céu. Finalmente, em 29 de agosto de 2002, através do decreto número 22.085, a Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino/AM - SEDUC aprovou a criação da Escola Estadual Cruzeiro do Céu, funcionando com a Educação Infantil, o Ensino Fundamental de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e o Projeto Tempo de Acelerar: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

---

<sup>77</sup> Padrinho Alfredo Gregório de Melo é o líder espiritual da doutrina do Santo Daime, morador da Vila Céu do Mapiá e secretário geral do CEFLURIS. Foram coletados esses dados pela pesquisadora em uma entrevista concedida por ele no dia 20 de outubro de 2002, em uma visita realizada às igrejas do sul do país.

Para os moradores da Vila Céu do Mapiá, o reconhecimento da Escola Cruzeiro do Céu pelo sistema formal veio contribuir para a formação das crianças e dos jovens. O depoimento de Padrinho Alfredo mostra a importância do reconhecimento da escola formal para a comunidade:

*Graças a Deus e graças a todos os esforços, até mesmo do governo, do poder público, hoje a gente já está começando a ter aquilo que há dez anos a gente deveria ter tido, para o melhoramento dos nossos filhos, dos nossos alunos, nossos estudantes do Céu do Mapiá. (Padrinho Alfredo, 58 anos)*

A passagem da escola comunitária para uma escola estadual implicou em direitos conquistados principalmente no que se refere a recursos financeiros com o pagamento de professores e a manutenção, mas trouxe outras responsabilidades de caráter burocrático, muitas vezes não compreendidas pela coletividade da escola.

Atualmente, cerca de cento e cinquenta alunos freqüentam regularmente a Escola Cruzeiro do Céu, e nela o conhecimento sistematizado se incorpora de significados. Nesse contexto, cabe ressaltar o valor social da escola como um lugar específico na vida das crianças, pouco cercadas pelo mundo letrado e como via de acesso ao conhecimento formal, onde:

(...) os membros das gerações jovens são reunidos por grupos de idade, a fim de adquirir sistematicamente, segundo procedimentos e modalidades fortemente codificadas, disposições e competências que não são do mesmo tipo das que eles teriam podido adquirir ao acaso das circunstâncias da vida e em função de suas demandas espontâneas. Aqui se obtêm respostas a questões que não seriam jamais colocadas em outros lugares. (FORQUIN, 1993:169)

### Diário de campo: 12 de maio de 2002

É bem cedinho, o dia amanheceu ensolarado, dirijo-me a Escola Cruzeiro do Céu e, ao passar pelo centro da Vila, ouço o som da Rádio Comunitária Jagube saindo pelo auto-falante, convidando os moradores a participar do encontro que se realizará na escola, com a presença de representantes do Ibama, CTA e WWF, com o objetivo de discutir o Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC.



O dia de trabalho na escola para a discussão do Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC - contou com a participação significativa de pais, alunos, professores, técnicos e a minha participação como colaboradora. O encaminhamento dos trabalhos ocorreu com a apresentação de todos os presentes, explicitação dos conceitos a serem utilizados, a dinâmica com desenho para ilustrar: Qual a escola que queremos? Que valores estão por trás dessa visão de futuro? O que podemos fazer para começar a caminhada?<sup>78</sup>

Vários momentos diferenciados foram vivenciados pelo grupo, com o objetivo de coletar indicadores para as questões apresentadas. O resultado do trabalho

<sup>78</sup> Para responder essas questões foram realizadas atividades por meio de metodologias participativas, propostas como “Oficina do Futuro”.

denominado “Oficina do Futuro: a escola que queremos?” levantou as seguintes palavras, expressões e frases-chave:

Salas de teatro, expressão artística, igarapé, floresta, cerca na escola, função social da escola, objetivo, nosso papel, projeto novo para a escola, não à poluição e à derrubada da floresta, escola perto do igarapé com crianças se divertindo, escola com pais e mestres, união verdadeira, sabedoria, espiritualidade, muita saúde, ligação com roçado, plantar, filosofar primeiro para depois construir tudo junto, amor, discernimento. Consciência para a formação, escola da doutrina, virtudes que temos na base de nossa escola, luz irradiando para os setores, união, diversidade, música, clareza de rumos, saber responder qual o papel da escola na Vila, alunos equipados com livros, computador, internet, lixo, integração arte e esporte, equilíbrio, escola dividida em vários núcleos que possam se espalhar pela Vila inteira, que possa abranger toda a demanda, indivíduos da Vila Céu do Mapiá tenham capacidade de se situar com consciência, profissionalização, cidadania, jovens ocupando espaços dentro da comunidade, médicos, dentistas, capacitação para os professores, oceano de conhecimento, participação, lazer, oportunidades para os jovens, semente da educação, sonhos sem fronteiras, dignificação do espaço, a escola em vários lugares, integração total da natureza, horta, trabalho na Vila, aprender a dar aula, conhecer o contexto dos alunos, interação, prédio novo, comunicação. (ANTÔNIO e AMARO, 2003: 40)

Ainda aponto os valores que foram discutidos pelos participantes e estão explícitos “por trás do sonho”<sup>79</sup>, a visão de futuro:

- ◆ relação, integração, preservação da natureza;
- ◆ sonho do Padrinho Sebastião: espiritualidade/doutrina;
- ◆ perfil agro-florestal/ integração com a realidade do dia a dia;
- ◆ ecletismo/escola produtiva;
- ◆ escola comunitária/mutirão e trabalhos escolares;
- ◆ capacitação de professores;
- ◆ necessidade do Projeto Político Pedagógico;

---

<sup>79</sup> “Por trás do sonho” é um dos elementos trabalhados na “Oficina do Futuro”, que suscitou valores, problemas, conflitos no grupo.

- ♦ escola produtiva para cidadão auto-sustentável;
- ♦ crianças aprendendo a valorizar a cultura regional
- ♦ saúde, respeito, trabalhar a questão do teatro, esporte e a consciência corporal, espaço cultural, compromisso com a educação;
- ♦ trabalhar em um processo de continuidade com os profissionais da escola, desenvolvimento humano, valores materiais e espirituais consolidados;
- ♦ integração dos pais com a escola;
- ♦ pontualidade e responsabilidade de todos;
- ♦ entrelaçar conhecimento formal e a doutrina - povos da floresta. (ANTÔNIO e AMARO, 2003: 41)



Diante de tantos elementos de extrema importância apontados nas discussões que estão “por trás do sonho”, foi necessário organizar grupos responsáveis para dar continuidade a esse processo na escola, com encontros e novas reuniões, buscando viabilizar os problemas mais prementes.

Pensar o Plano de Desenvolvimento Comunitário para a Vila Céu do Mapiá trouxe novos ânimos para a escola, promovendo o fortalecimento da comunidade escolar, com a construção de ações em que o objetivo central fosse a melhoria da qualidade do ensino, bastante deficitária para os padrões normais no Sul e Sudeste

do país. Por outro lado, a Escola Cruzeiro do Céu apresenta um quadro razoável no



ensino, dadas as condições estruturais das populações da região Amazônica. Dados revelados pelo IBGE, através do Universo do Censo 2000, demonstram a taxa da população alfabetizada apenas, de 49,2 % no município de Pauini. Outro elemento a ser considerado é o grande

número de crianças que não freqüentam<sup>80</sup> a escola. Dessa forma, a Escola Cruzeiro do Céu apresenta-se como uma alternativa frente a esta realidade caótica do acesso à educação das populações ribeirinhas do município de Pauini. Praticamente, o número de crianças que não freqüentam a escola na Vila Céu do Mapiá inexistente. Os alunos assíduos totalizam cento e quatorze<sup>81</sup>, crianças distribuídas na Educação Infantil e nas Séries Iniciais. A comunidade conta ainda com o apoio do projeto “Alfabetização Solidária” - educação de jovens e adultos<sup>82</sup>, para os que não estão em idade escolar.

<sup>80</sup> A ) Fonte IBGE: Tabela 05 município de Pauini.

Freqüência à escola:

De 04 a 06 anos - 368 freqüentam e 1205 não freqüentam.

De 07 a 09 anos - 779 freqüentam e 723 não freqüentam.

De 10 a 14 anos - 1527 freqüentam e 981 não freqüentam.

De 15 a 20 anos – 992 freqüentam e 1462 não freqüentam.

B ) Fonte IBGE: Tabela IBGE-Cidades/Pauini.

Educação – Contagem da População:

Pessoas residentes com 04 anos ou mais de idade que freqüentam a escola, num total de 4597.

Pessoas residentes com 04 anos ou mais de idade que não freqüentam a escola, num total de 11.541.

Os dados acima estão relacionados ao Censo 2000.

<sup>81</sup> O número de crianças que freqüentam a Escola Cruzeiro do Céu foi obtido no Conselho de Classe de que participei no dia 19 de junho de 2003, no turno matutino.

<sup>82</sup> Para trabalhar com a educação de jovens e adultos, a professora Rita Lessa pesquisou e organizou o livro “ABC do Céu do Mapiá”, que se fundamenta nos princípios de Paulo Freire e utiliza os hinos da doutrina como metodologia de alfabetização. A referida professora reside há alguns anos com sua família na Vila Céu do Mapiá.

As anotações realizadas no diário de campo têm por objetivo focalizar aspectos presentes no dia-a-dia das crianças na escola. Também abordar como aconteceu meu encontro com as crianças num espaço conhecido, num período como professora e hoje na qualidade de pesquisadora. Essa aproximação tinha por finalidade coletar elementos que tornassem possível a compreensão da visão de mundo das crianças a partir da construção dos saberes no espaço formal da escola.

### **Diário de campo: 13 de maio de 2003**

Acordo bem cedinho e me preparo para ir à escola. Hoje será meu primeiro



encontro com as crianças nesse espaço. No caminho já vou acompanhada de algumas crianças, muitas delas me avistaram pela Vila, outras estou reencontrando hoje. As crianças se recordaram da Mara professora e vieram me

cumprimentar logo que cheguei à escola e perguntaram se voltei para ser novamente professora e onde ficaram meus filhos. Tocou o sino e as crianças foram recebidas pelas professoras no pátio da escola para a “abertura da aula” e seguiram para suas salas. Novamente encontrei as crianças na hora do lanche. A merenda era farofa, arroz com galinha, suco e banana de sobremesa. Como pesquisadora, observo que as crianças comeram com muita educação, pouca conversa, saindo correndo em direção do pátio. Após o recreio, a 1ª série foi tomar banho de igarapé e as outras turmas permaneceram em suas salas. Às 11h 30 min, o sino toca para a saída do turno, e os grupos de crianças seguem em direção à Vila.





### 3.1.1. A arquitetura e espacialidade da Escola Cruzeiro do Céu

A Escola Cruzeiro do Céu enfrenta grandes dificuldades no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico. Uma delas pode-se afirmar que é a precariedade da arquitetura e espacialidade do prédio. O espaço escolar do ponto de vista arquitetônico é uma construção feita totalmente de madeira, as paredes não chegam ao telhado e, com isso, o som se propaga por todas as salas. Essas não têm forro e o telhado é coberto de telhas tipo Brasilit, proporcionando calor bastante desagradável para o trabalho em sala de aula, em virtude das temperaturas elevadas da região.

A escola possui cinco salas de aula de dimensões pequenas e uma outra construção para a Educação Infantil, uma sala destinada ao funcionamento da secretaria, dividida sempre com os professores e a direção, uma biblioteca com número razoável de exemplares muitos dos quais recebidos após a estadualização. Uma outra sala com vídeo e televisão, onde os alunos do Projeto Tempo de Acelerar assistem às fitas do Telecurso da Fundação Roberto Marinho, que também é uma espécie de depósito de livros didáticos antigos e que não são em quantidade suficiente para distribuir aos alunos por série. Ainda dispõe de um refeitório de



dimensões muito pequenas, com a cozinha acoplada e onde estão também os bebedouros. Na parte externa, a escola possui dois banheiros, um feminino e outro masculino, que foram inaugurados nesse período da pesquisa. A grande novidade dos mesmos é que possuem água encanada. Até então os banheiros funcionavam com o sistema de fossa seca. Há também uma quadra que foi inaugurada com a Festa Junina da escola. A nova quadra cimentada, no lugar do antigo campinho de areia, foi construída com verbas doadas por uma ONG, antiga reivindicação das crianças e jovens mapienses. Também foi reconstruído à frente da escola o coreto que havia apodrecido e, hoje utilizado para as comemorações e a abertura das aulas.

Ao descrever a arquitetura e a espacialidade da Escola Cruzeiro do Céu, quero ressaltar as marcas que esse espaço traz para seus usuários, porque “A escola é espaço e lugar. Algo físico e material, mas também uma construção cultural”. (TAVARES, 2003: 57)

### **3.1.2. As mediações com os profissionais da escola**

Uma outra dificuldade que pude presenciar diz respeito à falta de oportunidades para a formação adequada dos professores para desempenhar a profissão. Muitos deles não têm habilitação necessária para a construção do trabalho pedagógico e se constituem professores nesse contexto da escola. A existência da Escola Cruzeiro do Céu foi garantida pela dedicação e pelo trabalho desses educadores, que foram aprendendo, nas parcerias do grupo, os limites do ensinar e do aprender nesse contexto. Apesar da precariedade e das ambigüidades que a escola representa na Vila Céu do Mapiá, ela é importante por dois motivos: o

primeiro, por ser a única oportunidade que as crianças têm da aprendizagem sistemática da leitura, da escrita, o sistema de numeração e ainda dos conceitos científicos iniciais sobre a realidade. Por outro lado, também possibilita a reelaboração dos saberes da vida cotidiana na doutrina do Santo Daime, salvaguardando esse universo cultural presente na vida das crianças dessa comunidade.

Foi como professora da UDESC-CEAD<sup>83</sup>, no curso de Pedagogia modalidade a Distância, onde atuo diretamente com a formação de professores, que não pude ficar de braços cruzados. Foi necessário que eu efetivasse meu compromisso social com os Povos da Floresta e, assim, aceitei o convite para integrar o coletivo dos professores da Escola Cruzeiro do Céu, organizando um curso de formação de educadores, um dos pontos levantados pelo Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC - de extrema necessidade, durante minha permanência na Vila Céu do Mapiá.

O curso de formação dos educadores da Escola Cruzeiro do Céu foi realizado durante quatro sábados seguidos, sempre no período vespertino, na escola, com a participação da maioria dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Os temas indicados pelo grupo foram agrupados em quatro blocos. Os encontros consistiram, na primeira parte, na apresentação do tema. A seguir, realizávamos dinâmicas para discussão e aprofundamento das questões, apontando sugestões e os encaminhamentos necessários.

O primeiro sábado em que nos reunimos foi no dia 17 de maio de 2003. Fizemos uma breve apresentação, porque já havíamos nos encontrado anteriormente para o trabalho do PDC. O tema elegido para esse dia foi: Diretrizes para elaboração do Projeto Político Pedagógico - PPP. Organizei minha fala de

---

<sup>83</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina - Coordenadoria de Educação a Distância.

modo a recuperar o significado etimológico das palavras Projeto Político Pedagógico, mostrar a necessidade de toda a coletividade, todos os seguimentos da comunidade participarem desse processo de elaboração do documento, focalizando o tipo de escola que se quer construir, por ser justamente o PPP uma construção social. Trouxe também o texto da LDB/96<sup>84</sup>, para que o grupo refletisse o que a legislação coloca sobre o assunto. Ainda, foram indicadas orientações básicas para a elaboração do PPP, contendo os seguintes itens: a missão da escola; os princípios fundantes - valores; as áreas prioritárias de atuação; os fundamentos epistemológicos - concepção de educação; os princípios estratégicos e os fundamentos didático-pedagógicos. Apresentação desse dia foi com base em referências teóricas<sup>85</sup> sobre essa temática.

A discussão inicial sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Cruzeiro do Céu teve prosseguimento por meio de uma comissão com todos os segmentos representados. Os primeiros rabiscos dessa elaboração formularam o seguinte pressuposto: O trabalho educativo propõe-se a contribuir decisivamente na formação do aluno, como cidadão consciente e crítico do mundo. Almejamos uma formação integral da criança e do jovem mapiense, estruturando bases sólidas para o conhecimento sistematizado, desenvolvendo a compreensão da co-responsabilidade social e ambiental. O trabalho educativo tem como principal objetivo permitir uma inserção saudável da criança e do jovem na sociedade em que vivem, formando-os para a vida em comunhão com a floresta Amazônica, através da busca do conhecimento e no exercício da cidadania. Possibilitar relações entre o saber

---

<sup>84</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei número 9394/96

<sup>85</sup> BOUTINET, Jean-Pierre. Antropología do Projeto. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VASCONCELOS, Celso S. Planejamento; Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, Ilma Passos de Oliveira (Org). Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível. Campinas. São Paulo. Papirus, 1995.

sistematizado e o saber popular, por meio da valorização da cultura local no espaço das vivências escolares. A ação da equipe pedagógica da Escola Cruzeiro do Céu baseia-se no princípio da construção de valores significativos das experiências escolares por meio do saber das populações tradicionais da floresta<sup>86</sup>.

Para o segundo sábado do curso, o grupo de professores sugeriu como tema a apresentação dos quatro Pilares da Educação e o perfil do professor do século XXI. Preparei minha fala, para apresentação, com base no relatório de Jacques Delors<sup>87</sup> e discutindo propriamente os princípios da educação, que são eles: aprender a conhecer -instrumentos da compreensão; aprender a fazer - para poder agir sobre o meio; aprender a viver juntos - participar e cooperar de todas as atividades e aprender a ser via essencial que integra as precedentes.

Para discutir o perfil dos educadores no século XXI, trouxe para a reflexão a célebre questão de Marx, em uma de suas teses sobre Feuerbach, “(...) que o próprio educador deve ser educado”. (Marx, 1999: 12) Com isso fica a indagação: Quem educará os educadores? E, a partir dessa formulação, apontei algumas aproximações entre o professor informador e o professor formador. Mostrei a necessidade do professor formador ser um profissional comprometido, consciente da importância do seu papel social e que isso implica numa postura investigativa e de constante estudo e pesquisa, ultrapassando o espaço da escola e estendendo a ação para a comunidade. Essa temática foi desenvolvida à luz do pensamento de Edgar Morin, cujo processo de construção do conhecimento exige competência, requer também técnica e arte. (2001-b)

---

<sup>86</sup> Essas primeiras reflexões acerca do Projeto Político Pedagógico foram retiradas do documento chamado “Memorial da Escola Cruzeiro do Céu”. Documento encaminhado à Secretaria de Educação do Amazonas para solicitar a reforma do prédio.

<sup>87</sup> DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 6ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001 (p. 89 a p.102).

No terceiro encontro dos professores discutimos o tema: Os saberes e os fazeres da escola; noções sobre currículo e os componentes do currículo. Para tanto, o currículo é o elo entre a teoria e a prática pedagógica, tem por objetivo estruturar o planejamento e as ações dos professores. A escola necessita ser repensada desde a sua função básica na sociedade, que é sistematizar o conhecimento construído historicamente e que passa pela problematização dos currículos, que sustentam a prática pedagógica dos professores. Assim o currículo deve contemplar diversos componentes, presentes no cotidiano dos professores. Destacamos: “Que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Que...Quando...Como...Avaliar?”. (COPPETE, 2003:51)<sup>88</sup>

Em nosso último encontro do curso, o tema referia-se aos Novos Paradigmas da Educação e aos Projetos de Trabalho. Focalizei a necessidade de a escola estar comprometida com esse tempo de mudanças e, para isso, os professores devem se empenhar em “(...) ensinar a compreensão humana” (MORIN, 2001-a: 93), que passa pelo reconhecimento da “(...) condição humana”. (MORIN, 2001-a: 47)<sup>89</sup>

Ainda trouxe para a discussão do grupo de professores da Escola Cruzeiro do Céu, numa perspectiva de prática interdisciplinar, o trabalho escolar redimensionado em Projetos de Trabalho<sup>90</sup>, voltado para uma visão global do processo educativo. Ao participar de um projeto, o aluno está envolvido em uma experiência educativa, em que o processo de construção do conhecimento está relacionado com a realidade

---

<sup>88</sup> Os autores que ajudaram a encaminhar essa discussão foram:

SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. Documentos de Identidade. Uma introdução às Teorias do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Gomes, Pérez e SACRISTAN, Gimeno. O Currículo. Uma reflexão sobre a Prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

<sup>89</sup> Para subsidiar essa discussão me pautei em Morin (2001-a), nos capítulos III e IV.

<sup>90</sup> A discussão sobre a metodologia de Projetos de Trabalho foi fundamentada em:

HÉRNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Monteserrat. A organização do Currículo por Projetos de Trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

vivenciada. O Projeto de Trabalho é resultado da interação entre o professor, os alunos e a comunidade.

O relato exposto anteriormente com relação a minha postura de mediadora no curso de formação dos professores da Escola Cruzeiro do Céu foi no sentido de buscar metodologias didáticas que contribuam para a compreensão de valores humanos e sociais. É necessário construir relações educacionais entre os profissionais e que venham provocar ações de solidariedade, contribuindo para a formação humana das crianças. De um lado, encharcadas pelo cotidiano da doutrina do Santo Daime, imersas nesse ambiente cultural e social que preconiza uma série de valores. De outro, incluídas no espaço da escola que tem por meta a sistematização do conhecimento formal, porém se coloca no compromisso de salvaguardar o saber local. O curso de formação sinalizou para um processo, garantindo a presença social e cultural das crianças, de suas histórias de vida, para fazê-las apropriarem-se de novos conhecimentos sob a luz de práticas pedagógicas eficientes e comprometidas.

### **3.1.3. As crianças falam da escola**



É assim, as crianças partilham do espaço da escola, que é na Vila Céu do Mapiá, seu maior contato com o mundo letrado. O que falam da escola as crianças da Vila Céu do Mapiá? Ao perguntar às crianças o que acham da escola, esses foram unânimes em reconhecer como um espaço importante em suas vidas, sinalizando a presença de relações afetivas entrelaçadas como via de acesso ao

conhecimento sistematizado. As crianças apontaram a escola como espaço de produção de afeto, elemento indispensável para a construção de vínculos solidários.

Nessa perspectiva, Ana Maria Sousa focaliza a escola como:

Lugar de concepções e práticas que afetam mutuamente as relações interpessoais. Pelo afeto se distinguem as emoções, que regulam o estar-juntos numa mesma dinâmica relacional, promovendo a auto-estima dos sujeitos ou sua negação, confirmando padrões estereotipados ou tecendo rupturas com as múltiplas formas de opressão, elevando os nós que fortalecem as indiferenças ou criando, pela solidariedade, vínculos de convivência. Lugar onde é possível atribuir ênfase a um outro modo de afeto, conviver com ambos os modos num processo de naturalização, ou provocar reflexões que apontem para a formação de homens e mulheres eticamente responsáveis e livres. (2002:103)

As falas das crianças expressam as relações de afeto presentes na escola e a importância desse espaço mobilizar tal sentimento:

*Tem as pessoas que tem lá são legais, são meus amigos, meus professores. (José Bento, 10 anos)*

*A gente é amigo na escola, embora dê pouco conteúdo, o conteúdo que dão aqui a gente aprende. (Tuíra, 13 anos)*

*Significa uma coisa muito importante pra mim, a gente aprende muitas coisas na escola para crescer, ser uma pessoa legal. (Aparecida, 11 anos)*

*É importante pra aprender a estudar, mudar a minha vida. (Xavier, 09 anos)*

*Eu gosto de estudar na escola pra aprende, lá eu encontro meus amigos. (Olmo, 11anos)*

Na Vila Céu do Mapiá, uma comunidade de pouco acesso ao mundo letrado<sup>91</sup>, as crianças colocaram o que aprendem, gira em torno propriamente do aprendizado da leitura e da escrita. Tiveram dificuldade em responder qual a função dessa apropriação, ler e escrever, uma atividade escolar.



*A gente aprende a escrever, a ler. (Rosana, 09 anos)*

*Estou aprendendo a ler. (Jussara, 07 anos)*

*Agora já tamo na letra V e depois nós vai fazêr a letra X. (Letícia, 08 anos)*

*Eu aprendo ditado, a ler o ABC, fazer prova, dever de casa. (Jetúlio, 08 anos)*

---

<sup>91</sup> A primeira televisão foi instalada na Vila Céu do Mapiá em 1998, durante a copa do mundo. Após um intenso debate promovido pela Associação dos Moradores por meio de reuniões e pela Rádio Jagube foi decidido sobre a entrada da TV na Vila. No momento em que ocorria o conflito, havia os moradores que eram favoráveis e os contrários à TV. Os moradores que eram contra a entrada da TV, na sua maioria, já haviam saído das cidades para viver na floresta, e os favoráveis eram os mapienses, caboclos da região que conheciam muito pouco da vida urbana. E assim a TV passou a fazer parte da vida das pessoas na Vila Céu do Mapiá, por meio de lista de votação. Hoje existem cerca de 40 televisões que funcionam por meio de gerador de eletricidade ou com a placa solar, e a transmissão é feita pela antena parabólica. A partir de então as crianças acompanham a programação da TV, principalmente à noite, quando são ligados os geradores. Os professores relatam as dificuldades na forma de interpretar o que é assistido pelas crianças e jovens, sendo muitas vezes necessário um trabalho educativo para esclarecer as mensagens transmitidas. A programação antecede a 1 hora e 30 min do horário de Brasília, devido ao fuso horário.



Embora a escola brasileira apresente uma série de obstáculos para as crianças, alunos do Ensino Fundamental, ela ainda aparece como um espaço da infância que está além do aprender a ler e a escrever.

*A gente aprende a ler, jogar futebol, brincar, fazer várias coisas. (Radarane, 12 anos)*

*Eu aprendo altas coisas, acho importante ir para a escola porque a gente brinca, joga bola. (Cristalina, 11 anos)*

*Gosto porque tem recreio, a gente brinca, a gente toma banho de igarapé. (Jussara, 07 anos)*

*Eu aprendo a desenhar, a brincar, a fazer dever. (Daiana, 07 anos)*



A fala das crianças também trouxe uma relação recíproca do aprender ligada à postura de comportamento, valores que a escola constrói na vida das crianças mapienses.

*Eu aprendo pra não ficar burra. (Bartira, 11 anos)*

*Saber aprender pra mim ficar comportada. (Daiana, 07 anos)*

*Eu gosto de aprender pra mim ficar educado. (José Bento, 10 anos)*

*Vou pra escola pra eu ficar educada, aprender a ser legal. (Sebastiana, 08 anos)*

*A escola representa muita coisa, porque a gente tem que aprender para poder ser uma pessoa mais legal. (Tuíra, 13 anos)*

*Ter respeito. (Xavier, 09 anos)*

As crianças também mostraram em suas falas a precariedade do prédio da escola e o seu desejo de algumas melhorias e enfatizaram a necessidade de uma urgente reforma ou mesmo a construção de um prédio novo. Parece ser a reivindicação mais premente de toda a escola.

*Umas mesas melhor. (Daiana, 08 anos)*

*Ta faltando uns telhado lá, quando nós chega lá um dia tava chovendo e tava tudo molhado, assim tinha que botá um monte de caneco no chão. (Leidiane, 09 anos)*

*Precisaria de um prédio novo. (Radarane, 12 anos)*

*De talbas novas no chão, de cadeiras, mesas, fazer ela de lajota no chão. (Olmo, 11 anos)*

*Era bom tê uma geladeira, prá nós tomá água geladinha. (Jetúlio, 08 anos)*

*Dá umas pintadas, mais salas, um parquinho. (Jasmim, 06 anos)*

### **3.1.4. A Festa Junina – momentos de lazer e cultura**



A vida social das crianças na Vila Céu do Mapiá é bastante restrita, praticamente se resume às festas organizadas na escola, aos aniversários e aos trabalhos espirituais da doutrina. A grande festa esperada por todas as crianças é a Festa Junina, que antecede ao dia de São João, a principal festa do calendário religioso da doutrina do Santo Daime. A escola começa a se organizar e preparar os festejos com antecedência: são as crianças ensaiando seus números para as apresentações, arrecadando donativos na comunidade, confeccionando as bandeirolas, cuidando da limpeza do pátio, enfim, todos se envolvem para a realização desse evento. Em minha vida de professora sempre trabalhei nas festas juninas das escolas públicas em que estive desenvolvendo minhas atividades e, em todas elas, o objetivo central era arrecadar recursos financeiros para a escola. A Escola Cruzeiro do Céu não busca angariar fundos com o evento da Festa Junina, mas a integração da comunidade num espaço de lazer e cultura.

### **Diário de campo: 20 de junho de 2003**

Hoje foi a Festa Junina. Toda a escola reuniu professores, pais, alunos, funcionários. No pátio da escola foram montadas as tradicionais barraquinhas e a quadra foi reservada para as apresentações. Nas barraquinhas tinha bolos, doces, suco, pipoca, salgados, cachorro quente, sanduíches, também alguns pratos típicos regionais, como o mungunzá<sup>92</sup>, a tapioca<sup>93</sup>, e a bebida caiçuma<sup>94</sup>. Os

<sup>92</sup> Mungunzá é preparada com milho de canjica, leite, açúcar e coco ralado.

<sup>93</sup> A tapioca é feita com a goma da macaxeira e coco ralado.

alimentos foram custeados com recursos da escola e doações das famílias e distribuídos para quem estava presente na festa. A primeira parte da festa foi dedicada às crianças menores, no período da tarde, com brincadeiras tipo pescaria, dança da cadeira e outras tantas. A noite foi reservada para as apresentações, como o casamento na roça, o pau de fita, quadrilha e ainda as danças típicas do zigue-zague<sup>95</sup> e as cantorias das diversões<sup>96</sup> do Mestre Irineu. Muito divertida foi a brincadeira do pau de sebo, todos que estavam na festa davam boas gargalhadas. A grande novidade da Festa Junina desse ano foi a iluminação da quadra e a presença dos músicos, a aparelhagem de som, microfone, violão, sanfona, pandeiro, guitarra. Uma festa muito animada, com a presença de representantes de todas as famílias mapienses e com um grande número de visitantes que se encontravam lá para comemorar vinte anos de fundação da Vila Céu do Mapiá.



### 3.1.5. O papel pedagógico do hino

<sup>94</sup> A bebida caíçuma exige um processo mais demorado no seu preparo, é extraída da macaxeira fermentada.

<sup>95</sup> O zigue-zague é uma dança que os seguidores do Mestre Irineu brincavam antes da organização do ritual da doutrina.

<sup>96</sup> As diversões eram as músicas que os seguidores do Mestre Irineu cantavam e dançavam em louvor a São João, antes de estabelecer o processo ritualístico da doutrina do Santo Daime.

A Escola Cruzeiro do Céu é o espaço para a construção dos saberes sistematizados na Vila Céu do Mapiá, porém, as crianças dessa comunidade vivenciam o cotidiano da doutrina do Santo Daime. Com isso é preciso a escola “(...) situar as informações e os dados em seu contexto, para que adquiram sentidos”. (MORIN, 2001-a: 36) Em decorrência desse cotidiano, a escola não exclui a prática religiosa do grupo, mas interage com essa realidade. A doutrina do Santo Daime tem os hinários como postulados de referência da conduta social e espiritual do grupo<sup>97</sup>. A escola procura tê-los com instrumentos didáticos no seu trabalho pedagógico com as crianças. Os ensinamentos contidos nos hinos permeiam a prática escolar: portanto:

A escola concebida como instância que socializa o saber produzido pela sociedade, porém, o saber trabalhado pela escola não pode desconhecer o saber gerado na prática social do grupo; este saber social deve necessariamente ser urdido na prática pedagógica. (DAMASCENO, 1986: 36 apud LIMA, 2003: 46)

A doutrina do Santo Daime se caracteriza pela musicalidade, sendo essa incorporada na realização das atividades escolares. As crianças têm presente na vida da escola a musicalidade da doutrina. Observei a facilidade em memorizar os hinos. Elas cantam os hinos do início ao final sem esquecer uma palavra. Durante as conversas gravadas com as crianças que escolhiam os hinos para cantar, ficou demonstrado a habilidade de articulação que realizam da letra com a melodia dos hinos.

A Escola Cruzeiro do Céu, elo entre a doutrina se expressa com essa característica na fala dos professores, quando afirmam ser uma “escola da doutrina”.

---

<sup>97</sup> Essa discussão foi realizada no capítulo Contexto da Floresta e será mais detalhada posteriormente.

Uma das formas encontradas pela escola para estar salvaguardando esse saber local e cuidando da musicalidade da doutrina é possibilitando às crianças atividades de canto.

### **Diário de campo: 06 de junho de 2003**

Hoje, na escola, tem atividade de música com Regina Pereira<sup>98</sup>, conhecida na comunidade como Dona Regina. É escolhido para as crianças cantarem a Nova Jerusalém<sup>99</sup> do Padrinho Sebastião. Os alunos da 3ª e 4ª séries correm para o pátio para fazer a atividade de música à sombra da mangueira. As meninas e os meninos acompanham os hinos com a ajuda dos cadernos<sup>100</sup>. Tupi e Radarane tocam os maracás<sup>101</sup> para dar ritmo aos hinos. As crianças cantam cerca de vinte hinos. Em seguida, são os alunos da 2ª série que participam dessa atividade. As meninas, futuras cantoras da doutrina, recebem o caderno, e os meninos disputam o maracá para tocar. Hino número 19 do Padrinho Sebastião:

---

<sup>98</sup> Regina Pereira é uma das veteranas da doutrina, acompanhou o Padrinho Sebastião na Colônia Cinco Mil, no Rio do Ouro e hoje é moradora da Vila Céu do Mapiá, é a pessoa responsável no cuidado da música, melodia e letra dos hinos.

<sup>99</sup> A Nova Jerusalém é a parte final do Hinário do Padrinho Sebastião.

<sup>100</sup> Cadernos são os hinários onde estão escritas as letras dos hinos.

<sup>101</sup> Maracá é um instrumento musical confeccionado artesanalmente, que consiste em uma lata (tipo Nescau pequena) com cabo de madeira e, no seu interior, são colocadas esferas de metal. Recebe a decoração do gosto do usuário.



## **A mensagem**

Madrinha Cristina

Eu convido meus irmãos  
Para todos escutar  
Uma linda mensagem  
Que a Virgem mandou dar.

Eu convido meus irmãos  
Para todos prestarem atenção  
Esta linda mensagem  
Que eu trago para os meus irmãos.

Escutem meus irmãos  
O que a mensagem veio dizer:  
É andar direitinho  
Com cuidado para não morrer.

Sempre aqui é preciso respeitar  
Vamos todos mudar de opinião  
Dizendo que estão seguindo  
Estão longe do meu paraíso.

Vamos todos meus irmãos escutar

O que a mensagem veio dizer  
É uma vida nova que o nosso Pai  
E a nossa Mãe manda nos dar.

Todo aquele que prestar bem atenção  
Botar o ouvido e perceber  
Terá uma vida eterna  
Com Jesus, Santa Maria e São João.

Hinário Padrinho Sebastião  
Nova Jerusalém  
Hino número 19.

O registro tem por finalidade revelar a forma peculiar como são construídos os ensinamentos fundamentados nas mensagens contidas nos hinos, portanto, o caráter pedagógico é manifestado na relação escola e doutrina.

Dona Regina chama atenção das crianças para a estrofe que fala “Andar



direitinho com cuidado para não morrer”. Ela traz essa estrofe para as crianças refletirem o acidente que ocorreu com Jessé (10 anos), morador da Vila que pulou de cima da ponte<sup>102</sup> e caiu em cima de uma canoa que estava

navegando no igarapé e passava justamente por baixo da ponte. O menino sofreu sério acidente, submeteu-se a várias cirurgias em Rio Branco, permanecendo hospitalizado mais de dois meses. Após esse comentário, as crianças retomam o

<sup>102</sup> Durante o inverno, o período das chuvas na Amazônia, os rios e igarapés ficam cheios. Nessa época do ano, as crianças da Vila Céu do Mapiá costumam brincar de tomar banho de igarapé, saltando de cima da ponte e mergulhando na água.



canto e chega assim ao final da atividade de música. As crianças se despedem de Dona Regina e retornam para a sala de aula.

Creio que a Escola Cruzeiro do Céu recupera os conhecimentos da comunidade reconhecendo estas formas de saber feitas da experiência cotidiana e busca compreendê-las, tendo por objetivo possibilitar aprendizagens, principalmente por ser uma comunidade marcada pela oralidade, “(...) de tal forma que os alunos possam se sentir mais seguros a respeito do valor do conhecimento da comunidade e da sabedoria dos mais velhos”. (GOMES e SILVA, 2002: 81 apud SOUZA, 2003: 258)

### 3.2. Plantas e remédios – Centro Medicina da Floresta

As atividades de construção dos saberes pelas crianças na Vila Céu do Mapiá



não se restringe apenas à escola, também se edifica em outros espaços. Um dos espaços a que me refiro é o Centro Medicina da Floresta - CMF, que está presente na Vila desde 1989, com o objetivo de estudar as plantas amazônicas e o

saber tradicional dos Povos da Floresta. A partir de 1997, tornou-se uma ONG, conhecida por desenvolver o Sistema de Terapia Floral, os Florais da Amazônia<sup>103</sup>.

O Centro Medicina da Floresta fica distante a mais de uma hora de caminhada pela mata; localiza-se na colocação Vista Alegre. Todas as sextas-feiras um grupo de

<sup>103</sup> Essa proposta se apresenta na publicação:  
FREIRE, Maria Alice Campos e BARSÉ, Isabel Facchini. Florais da Amazônia. O Renascimento do Elemento – Terra. Porto Alegre: Hércules, 2000.

crianças participa no CMF do projeto “Nossa Guia A Lua”, que será mais detalhado em seguida.

### **Diário de campo: 30 de maio de 2003**

As crianças que estão participando hoje são: Bárbara, Antônio Alvina, Joana, Maria do Socorro, Alva, Maria Ahoara, Selma, Juraci, Aparecida, João Pedro, Rosália, Terezinha, Jardimilina, Mariana. Acompanham também esse projeto as professoras Nilda e Janete. Maria Alice Campos, a coordenadora do CMF, recebeu o grupo propondo que se ficasse em círculo para iniciar as atividades do dia. Foi um momento de reflexão; cada participante deveria “plantar uma semente em seu coração”, cada criança escolheu uma palavra e comentou o que significava para si. As palavras escolhidas foram verdade, alegria, amizade, amor, paz, esperança, saúde, natureza e conhecimento.

A metodologia pedagógica adotada nesse primeiro momento, em que o grupo se reuniu no CMF, norteia a prática fundada em processos de reflexão e diálogo como suporte para as aprendizagens e desenvolvimento dos valores humanos<sup>104</sup>. No momento em que as crianças escolhem palavras como paz, saúde, verdade, etc, e estruturam os seus significados, estabelecem maneiras diferentes de leitura de mundo, que demonstra que as mesmas “(...) manifestam conhecimentos originados de suas experiências de cotidianidade”. (SOUZA, 2003: 255)

---

<sup>104</sup> O educador indiano Sri Sathia Sai Baba, em seu programa pedagógico, apresenta a concepção teórica dos Valores Humanos. São eles: a verdade, a retidão, a paz, o amor e a não violência. Maiores informações: Mandala. Boletim Informativo do Primeiro Encontro de Educação Integral: Semente Consciente. Visconde de Mauá, RJ. Número 1, março de 2002.

As crianças se dividiram em grupos e escolheram a atividade em que iriam trabalhar. Um grupo acompanhou Maria Alice para preparar os berços<sup>105</sup>, em uma área mais alagada das imediações do CMF, para o plantio de mudas de andiroba.



A coordenadora do projeto “Nossa Guia a Lua” pergunta às crianças:

*Qual a serventia da andiroba? (Maria Alice Freire, 50 anos)*

Cada criança contribui para definir a utilidade da andiroba.

*Para curar as feridas, serve para fazer repelente, o óleo é retirado da batata e serve para fazer sabão, que ajuda na cura de doenças. (Resposta coletiva do grupo)*

Nesse projeto, é enfatizada a importância das relações grupais, como um coletivo de fazeres e saberes, respeitando toda espécie de vida, princípio da ecopedagogia. No momento em que as crianças aprendem a forma de plantio, reconhecem a planta e sua utilidade terapêutica, viabiliza-se um processo de construção do saber através do fazer, da experiência. Destaca-se, assim, a conexão da vida humana com todas as espécies de vida do planeta, numa visão sistêmica e relacional do conhecimento que tem por objeto “(...) não um setor ou uma parcela,

<sup>105</sup> Berço é a denominação recebida para se referir ao buraco onde se vai plantar a muda; também conhecido por cova. A opção em chamar o buraco de berço pelo motivo de receber a coisa viva – a planta, a cova recebe a coisa morta.

mas um sistema complexo, que forma um todo organizador”, (MORIN, 2001-b: 26), onde as partes e o todo produzem e se organizam entre si.

Um outro grupo de crianças foram cuidar da limpeza do picão. Sentam-se sobre uma lona e separam as folhas das raízes. Durante esse trabalho de limpeza do picão, as crianças cantam hinos da doutrina.

A força dessa cura é espiritual  
Da Rainha da Floresta do Alto do Astral.



Como foi visto anteriormente, a importância dos hinos para os adeptos da doutrina do Santo Daime, inclusive na vida das crianças, será mais detalhada na continuidade desse estudo, pois mais uma vez o hino aparece permeando as atividades das crianças. As meninas realizam a limpeza do picão cantando, relacionando a manipulação da planta com a cura espiritual. Essa forma de transformação do conhecimento abrange a dimensão relacional na aprendizagem, da vivência, como um ato criativo de agir frente à realidade contextualizada. Isso as crianças na Vila Céu do Mapiá conseguem fazer praticamente em todos os

momentos, trazendo elementos dos ensinamentos dos hinos para que venham significar e ressignificar cada momento vivenciado ou mesmo a própria realidade.

Nesse dia, cada criança deverá plantar uma muda de andiroba e ficará responsável por zelar pelo crescimento da planta. Para o plantio, em primeiro lugar, é necessário fazer a limpeza do lugar, com ajuda de terçados<sup>106</sup> e outras ferramentas. Maria Alice explica o procedimento adequado para o plantio. Aparecida termina de fazer o buraco e coleta folhas da vegetação cortada anteriormente e coloca no fundo, para servir de alimento à planta. Todo o grupo foi se revezando na feitura dos buracos.



A doutrina, em seus rituais, utiliza a bebida Santo Daime, feitas com plantas nativas da floresta Amazônica, como já foi explicitado. De alguma maneira, essa doutrina têm um compromisso social e ambiental de preservação e o cuidado quanto à forma de ocupação do espaço; “(...) é responsável também por estruturar a visão ecológica dessa população” (TRAMONTE, 2002: 45), principalmente com as crianças que serão no futuro o seguimento da doutrina. A prática ambiental proposta no projeto “Nossa Guia Lua”, por meio das plantas, dos medicamentos, dos saberes tradicionais da floresta, busca instrumentalizar a criança mapiense para viver na floresta e saber usar a sua potencialidade presente na natureza, através do plantio, do reconhecimento e das utilidades das plantas, como focaliza o registro.

<sup>106</sup> Terçado é um facão de tamanho grande e serve para limpar o mato alto.

Para o plantio das mudas, Maria Alice demonstrou às crianças como deve ser e faz o seguinte comentário:

*Como agora vem o período da seca, o verão na Amazônia, é necessário que as mudas sejam plantadas com uma maniva<sup>107</sup>. A maniva é feita com o galho de macaxeira<sup>108</sup>, para que dê sombra à muda. Ele irá brotar e encher a muda de sombra. Junto também se planta o feijão mucuna, que ajuda a hidrogenar o solo e serve de alimento para a terra. (Maria Alice, 50 anos)*

No momento em que as crianças plantam a primeira muda, começam a cantar:

Plantei uma semente com amor.  
A chuva caiu e o sol brilhou.  
O tempo chegou, vamos trabalhar.  
Põe o pé na terra e comece a plantar.  
Unidos, irmãos, vamos atravessar.  
A terra vai tremer mas a paz reinará.

Seguiram os plantios até que todas as crianças plantassem as suas mudas. Rosália e Terezinha buscaram água com o regador para molhar as mudas. Após o



plantio, as crianças esticaram linhas no espaço onde tinham plantado as mudas, e a professora Nilda trabalha com eles a localização geográfica, através das linhas imaginárias, a latitude e a longitude. Para encerrar as

<sup>107</sup> Maniva é um pedaço de um caule que brotará e servirá de abrigo e apoio para a nova planta.

<sup>108</sup> Macaxeira é a raiz, também conhecida por aipim e mandioca.

atividades de mais esse dia no CMF, todo o grupo se encontra em círculo novamente e canta:

Brota, brota semente de Deus.  
Brota, brota semente de Deus.  
Se abre ao sol,  
Se balança ao vento.  
Refresca na chuva,  
Alimenta na terra,  
Respira, respira.  
Vamos respirar.

O Centro Medicina da Floresta desenvolve em parceria com a Escola Cruzeiro do Céu o Projeto “Nossa Guia a Lua”<sup>109</sup>, que busca refletir com as crianças da floresta indicadores para a educação do século XXI e tem por base o contexto local, a partir da referência dos saberes tradicionais da floresta. O projeto tem por objetivo desenvolver o espírito de grupo; despertar a semente da curiosidade, a curiosidade traz o conhecimento; desenvolver o espírito de consagração que vem a ser o respeito e referência a toda a natureza; desenvolver a capacidade de observar, de avaliar, de se situar através do acompanhamento dos ciclos da lua; desenvolver as diversas linguagens expressivas e valorizar o conhecimento tradicional da floresta.

O grupo de crianças que acompanham o desenvolvimento do Projeto “Nossa Guia a Lua” está envolvido há mais de quatro anos. Fazem parte vinte meninos, e a problemática perseguida pelos mesmos tem como enfoque central as questões: Como decodificar e sistematizar os conhecimentos da floresta utilizando os saberes

---

<sup>109</sup> As informações sobre o projeto “Nossa Guia A Lua” estão organizadas em cadernos, com relatos, registros, depoimentos no escritório do Centro Medicina da Floresta na Vila Céu do Mapiá, sob a responsabilidade de Maria Alice Freire. Encontram-se informações também no site [www.foraisdaamazonia.org](http://www.foraisdaamazonia.org).

escolares para a elevação da vida da comunidade? Como os saberes científicos podem significar um caminho de preservação do conhecimento tradicional da floresta, na busca da melhoria da qualidade de vida?

Tudo isso me leva a pensar que a proposta de trabalho do CMF com as crianças, na Vila Céu do Mapiá, rume na direção de contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos, ou seja,

(...) o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto pela sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. (MORIN, 2001-b: 15)

É por meio do envolvimento das crianças no projeto durante esses anos que se percebe, nesse trabalho, a necessidade de salvaguardar o conhecimento da floresta e ao mesmo tempo, promover o conhecimento expresso na linguagem da natureza, o planeta Terra: “A era planetária necessita situar tudo no contexto e no complexo planetário. O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital”. (MORIN, 2001-a: 35)

Os meninos que semanalmente saem cedinho de suas casas e seguem de bicicleta ou enfrentam a caminhada até o CMF reconhecem os inúmeros fazeres que aprendem, um jeito de aprender talvez mais aplicável às necessidades concretas.

*Eu gosto de plantar e vê o que nós planta. Cresce e depois vira remédio. Na mata tem muita planta que é remédio, é importante a gente conhecê. (Juraci, 11 anos)*



*A gente aprende muita coisa, a gente aprende a preparar os remédios, a cuidar das plantas, aprende que na lua a gente tem que plantar e colher. É importante aprender a fazer os remédios, porque quando a gente fica doente a gente precisa de remédios. (Mariana, 12 anos)*

*A gente aprende o jeito certo de plantar, depois a gente usa a planta para fazer o remédio. Aí eu aprendo as plantas que é boa para as doenças. (João Pedro, 11 anos)*

A menina Aparecida anota em seu caderno o registro de um dia de trabalho no CMF:

*Nós abre a aula no Medicina refletindo na lua crescente, que é boa para adubar, a crescer as plantas, plantar cipó, chegar terra nas plantas. Enfim, a lua crescente é boa para o crescimento na terra. (Aparecida, 11 anos)*

Os saberes que são construídos no Projeto “Nossa Guia A Lua” tem o reconhecimento da comunidade da Vila Céu do Mapiá, como possibilidade também de educação e futuro trabalho para seus filhos.

### **3.3. Entre linhas e fios – a Tecelagem**

Quando as crianças vislumbram caminhos, perspectivas para o futuro, pode significar possibilidades que estão sendo construídas para suas vidas. E as falas das crianças que participam do Projeto de Tecelagem demonstram o reconhecimento de algo positivo que está sendo edificado; saberes que estão sendo construídos coletivamente, através de uma prática complementar ao processo de ensino.

*P - Porque é importante aprender a fazer o tear?*

*C - Porque é legal, mais um tanto eu posso fazer um pano bem grandão, uma coberta, uma roupa, posso trabalhar assim e ganhar dinheiro. (Sebastião, 10 anos)*

*P - Quando você crescer, em que o tear vai ajudar na sua vida?*

*C - Aprendo a fazer pano e é pra mim ajudar minha família. (Aurimar, 09 anos)*

*P - Em que você imagina que o tear vai ajudar para sua vida futuramente?*

*C - Aprender a fazer tear, pra fazer pano e ganhar uma grana. (Jorge, 08 anos)*

*P - Você acha o tear uma atividade importante?*

*C - Acho, porque também vou aprender a fazer muitas coisas, como bolsas, tapetes. (Joana, 10 anos)*



Através dos depoimentos dos meninos que participam das atividades da Tecelagem, é possível destacar a importância da mesma, no sentido de apontar a descoberta da habilidade de lidar com o tear, sendo ainda um espaço que viabiliza perspectiva para o futuro das crianças, o trabalho com tecelagem. Como já foi discutido, o trabalho se reveste de valor social e cultural para essa comunidade.

*P - Você se sente motivada para fazer tear?*

*C – Sim, porque é legal.*

*P - O que você aprende?*

*C - Ah! Eu aprendo um monte de coisas, eu tô fazendo panos e depois vou fazer tapete, bolsa, daí já vou vender.*

*P - O que você acha dessa atividade?*

*C - É legal, porque a gente aprende mais, fica mais interessada.*

*P – Você vem fazer tear por sua vontade ou a mãe a obriga a vir?*

*C - Por minha vontade, eu gosto.*

*P - O que está faltando aqui na tecelagem?*

*C - Ter mais cores de linha. (Antônia Alvina, 11 anos)*

*P - Você gosta de vir fazer tecelagem?*

*C - Gosto, porque eu posso aprender várias coisas, aprender a fazer tapete, uma toalha.*

*P - Quando você vem aprender a fazer a tecelagem é com vontade ou você acha chato?*

*C - Eu gosto de vir, é bom a gente ver o pano que está fazendo.*

*P - Quando você crescer acha que o tear vai auxiliar em alguma coisa?*

*C - Vai, porque ele vai fazer eu ganhar dinheiro, ter um trabalho, vou fazer várias coisas, vai melhorar. (Maria Aohara, 12 anos)*



Outro aspecto que vem sendo oportunizado pelo projeto de Tecelagem é a elevação da auto-estima das crianças, pela valorização e reconhecimento de suas capacidades. A menina Antônia Alvina afirma que no desenvolvimento dessa atividade ela “aprende mais” e “fica mais interessada”, isso expressa o envolvimento e interesse dela. Ainda é significativo em sua fala quando refere que sua participação se dá por vontade própria e não por imposições familiares. O depoimento de Maria Aohara acrescenta que o aprendizado do tear produz uma relação prazerosa, juntamente com a satisfação de ver o resultado, que é propriamente a peça de tecelagem, “é bom a gente ver o pano que está fazendo”.

#### **Diário de campo: 20 de maio de 2003**

Ao sair da escola, passei pela Vila e, ao chegar à Casa de Ofício Teresa Gregório de Melo<sup>110</sup>, observei um grupo de crianças trabalhando no tear. Entrei para conversar e me disseram que o grupo de crianças se reúne toda semana para aprender essa atividade, coordenada pela tecelã e professora da Escola Cruzeiro do Céu, Adriana. É o segundo ano que estão desenvolvendo o trabalho de tecelagem. As crianças tecem em um tear bastante simples, confeccionado na própria comunidade. No momento fazem uma amostra de pontos e, na finalização, será um panô para decoração. As crianças estão divididas em dois grupos de trabalhos, um de meninos e outro grupo de meninas. Os meninos realizam o trabalho à tarde, e as meninas, pela manhã, os turnos são contrários ao horário de freqüência à escola.

---

<sup>110</sup> A Casa de Ofícios Teresa Gregório de Melo tem por objetivo incentivar a profissionalização de crianças, jovens, mulheres da Vila Céu do Mapiá através da tecelagem, da costura, do tricô, do bordado e do artesanato, de maneira geral.

O Projeto de Tecelagem é mais uma parceria da Casa de Ofícios com a Escola Cruzeiro do Céu. Essa atividade realizada com as crianças se sustenta na justificativa de que a tecelagem vai além do fato de ser uma profissão, constituindo-se num estado de ser:

O retorno à tecelagem como elo firme de condução deste auto-conhecimento se dá neste contexto. Seu papel, portanto, não se restringe somente à arte ou ao seu uso prático, mas fundamenta-se na verdade de seu significado espiritual, que só poderá ser alcançado através da prática contínua e do aprofundamento místico, proporcionando um contato sutil com os zeladores deste conhecimento que transcende os tempos e as eras.<sup>111</sup>

Possibilitar o aprendizado da tecelagem às crianças tem importância sócio-cultural relevante na comunidade, pelo fato de construir mais tarde uma fonte de renda e, principalmente, pelo encontro de técnicas de tecelagem provenientes do sul e sudeste, e mais a tradição familiar de fiação e tecelagem dos caboclos e indígenas do norte do país. O Projeto de Tecelagem tem por objetivo resguardar o conhecimento milenar da fiação e tecelagem, desvendando percepções ligadas à evolução espiritual do ser.

A tecelagem também é uma referência à construção dos saberes e em sua metodologia, contempla uma futura profissionalização na arte de tecer. E a realização dessa atividade exige concentração, sendo o urdume<sup>112</sup>, a fase de criação, e a trama dos fios, o sentimento. Com isso, o tecelão vivencia a construção da auto-estima, a valorização de si e a possibilidade de ser sujeito de direito e de fato no exercício dessa arte.

---

<sup>111</sup> Essa referência encontra-se na justificativa do Projeto de Tecelagem "Casa de Ofícios Madrinha Teresa Gregório", Vila Céu do Mapiá (s/d).

<sup>112</sup> Urdume é a estrutura inicial da tecelagem, são os primeiros fios esticados no tear.

*Eu adoro fazer tear, porque a gente tem mais interesse. (Aparecida, 11 anos)*

*Eu gosto muito de estudar nessa aula de tear, ela me ensina que eu sei tecer, a escolher as cores.*

*(José Bento, 09 anos)*

*Eu gosto de aprender a fazer tear, aprender a fazer várias coisas. É bom pra mim sabê me virar quando ficar moça. (Teresinha, 13 anos)*

*Eu gosto muito de fazer tear, pra mim não ficar aí no meio da Vila vagabundeando e só tomando banho de igarapé. (Aurimar, 09 anos)*



As falas das crianças citadas remetem a pensar na importância da continuidade do Projeto de Tecelagem, introduzindo novos grupos de crianças da Vila Céu do Mapiá. O Projeto se caracteriza por se constituir em um processo educativo, através de orientações técnicas no aprendizado dessa arte e no sentido de gerar oportunidades de trabalho utilizando materiais de floresta.

Não se pode perder de vista nas falas das crianças sobre o Projeto de Tecelagem está implícito o conceito de aprender, sustentado na experiência prática, o que significa dizer que se constitui em um espaço de construção de saberes que

as crianças vivenciam na Vila Céu do Mapiá, como possibilidade de valorização de suas capacidades e do próprio sentido da vida.

### **3.4. “O Daime ensina a gente!” – A doutrina, fonte de conhecimento**

Entender a visão de mundo construída pelas crianças na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, significa que as mesmas partilham de um cotidiano que permite desenvolver experiências em que muitos significados interagem, uma rede de contextos edificadas nos saberes presentes nas brincadeiras, na Escola Cruzeiro do Céu, no Projeto Nossa Guia a Lua, na Tecelagem e, especificamente, os conhecimentos da doutrina do Santo Daime, pois “(...) o cotidiano se confunde, de alguma forma, com o aprendizado... é a escola da vida”. (PRIORE, 1997: 267) A vida cotidiana demonstra ser uma das principais formas de manifestação da história “(...) não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico” (HELLER, 1970: 20), sendo que a pesquisa no cotidiano procura dialogar com a realidade, com a finalidade de compreendê-la. Dessa forma, “(...) é o tempo/lugar do pequeno, do desprezível, do sem importância, do irrelevante, do episódico, do fragmento, do repetitivo” (GARCIA, 2003: 200); é no cotidiano que a vida ganha significado e onde são desenvolvidos os processos de interação social.

Em meio à complexidade do cotidiano da doutrina do Santo Daime, que é marcado pela multiplicidade de interações que se constroem no seu contexto, busco compreender a visão de mundo que se apresenta na criança moradora da Vila Céu do Mapiá. Para tanto utilizo nessa análise a categoria de visão de mundo tendo como referencial as teorias de Clifford Geertz (1989) e Lucien Goldmann (1979). De acordo com Geertz:

A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são, na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem. (1989: 144)

A visão de mundo corresponde à teoria de valor e têm como objetivo olhar o comportamento das pessoas inseridas em determinado contexto real. Que valores são esses que as crianças têm para si numa prática religiosa determinada? O estudo dos valores pode possibilitar os esclarecimentos necessários dos processos essenciais de regulamentação das normas que se referem ao comportamento humano.



A fala das crianças inseridas no contexto real da doutrina do Santo Daime mostra os valores que constroem para si, sob influência de seus ensinamentos, “A dimensão religiosa é vivenciada como espaço de aprendizagem e de ensino”. (CEMIM, 2003: 02)

A doutrina do Santo Daime organiza e estrutura as motivações do grupo que se faz presente na dinâmica cultural desse cotidiano, no qual a dimensão espiritual contribui para a visão de mundo da criança moradora da Vila Céu do Mapiá. A dimensão espiritual passa a ser considerada elemento de compreensão do conhecimento preconizado pela doutrina.

*P – De que hino você gosta?*

*C – O valor da doutrina.*



## **A pureza do Mestre**

Francisco Corrente

Para todo mundo ver  
O valor de quem ensina.  
Como o Mestre ele é puro,  
Tanto embaixo quando em cima.

Mostro para todos verem  
O valor desta doutrina,  
Cantando bem baixinho  
O cantar dos passarinhos.

Chamo e chamo com razão  
Que a chave está comigo.  
Eu dou a quem merece  
E a quem prova ser amigo.

Hinário O Cruzeirinho

Padrinho Alfredo

Hino número 100

*C - Para todo mundo ver o valor de quem ensina. Eu adoro esse hino. Porque fala sobre a doutrina que é para todo mundo ver o valor da doutrina.*

*P - E qual é o valor da doutrina?*

*C - O Daimê, seguir direito a doutrina.*

*P - Você acha importante seguir direito a doutrina?*

*C - Ela tem muitos ensinamentos.*

*P - Esses ensinamentos são importantes para sua vida?*

*C – Sim, o Daime é alegria, é vida. (Aparecida, 11 anos)*

As palavras do Padrinho Sebastião em entrevista concedida a Geovânia Cunha (1986), mostram o que é seguir a doutrina:

*Seguir a doutrina é um benefício muito grande para o meu espírito e minha matéria. O Daime me ensinou a respeito e as explicações sobre a vida. Ainda não pude destrinchar o que é o seguimento, sei que estou seguindo, caminhando para frente, tem os hinos, estou seguindo pelos hinos, esta doutrina é o hinário. O analfabeto recebe hinário. 'Eu não sei pôr o hino no papel, é um aprendizado, seguir, sofrer para aprender, se não sofre, não aprende a lutar pela fé para atravessar a batalha. Ter mais amor, ter harmonia uns com os outros, suportar os irmãos, saber meditar a natureza. O Daime ajuda a suportar muita coisa, explicando porque devemos suportar, ter calma e tranqüilidade. Não tem quem diga do jeito que ela manda, não tem quem faça igual o que ela manda. É bom seguir a doutrina.(Padrinho Sebastião)<sup>113</sup>*

*P – O que é a doutrina para você?*

*C – É importante.*

*P – Por que é importante?*

*C – Por que ela ensina a gente.*

*P – Ensina a gente a fazer o quê?*

*C – A ser educada.*

*P – E o que é ser educada?*

*C – É respeitar, gostar de todo mundo.*

---

<sup>113</sup> As palavras do Padrinho Sebastião encontram-se em Cunha (1986: 77).

*P – Como é que se faz isso?*

*C – Sendo boa. (Rosana, 09 anos)*

*P – Eu vejo que você sempre participa dos trabalhos espirituais, nos hinários, nas concentrações, o que representa a doutrina para você?*

*C – É uma coisa muito boa, que eu gosto mais é tomar Daime.*

*P – O que você sente quando toma Daime?*

*C – Eu sinto uma coisa muito boa no meu coração, de quem eu gosto, eu vejo o coração das pessoas, vejo anjos, vejo muitas coisas<sup>114</sup>.*

*P – O que você aprende nos trabalhos espirituais?*

*C – Prá mim não fazer as coisas erradas, porque aqui no Mapiá também faz coisas erradas.*

*P – Você acha que faz coisa errada?*

*C – Faço um pouco de coisa errada.*

*P – Mas o que é fazer coisa certa?*

*C – É ajudar a mãe a trabalhar. (Bartira, 11 anos)*



Para os adeptos da doutrina, as crianças participarem de seus rituais e ingerirem a bebida Santo Daime não é uma questão problemática, por acreditarem na sua força espiritual, conferindo a essa bebida um status importante

de sagrado: “A bebida é sagrada. Ela é um veículo de comunhão entre as pessoas e seres espirituais”. (COUTO, 2002: 346) A sua utilização é resguardada por padrões

<sup>114</sup> As percepções que a menina sente ao tomar a bebida Santo Daime, no linguajar da doutrina, designam o estado de miração, que será abordado em seguida.

culturais e simbólicos específicos do grupo social, traduzido o seu significado pelas palavras do Padrinho Alfredo de Melo,

*Digo assim para que entendam e não se enganem, e quem quiser o detalhe positivo dessa banca, dessa mesa, deste setor, é sem dúvida nenhuma por dentro do que nos traz a bebida Santo Daime, que é a única que revelou ao Mestre Irineu os seus segredos, os segredos da floresta, porque, pouco a pouco, mediante a capacidade de cada irmão que tem aceitado, também revela como tem revelado a muitos, parte desse seguimento, confirmação dessa doutrina, dessa ordem de Juramidam. Juramidam é um espírito que domina esta mesa, esse trabalho, é um espírito que funciona dentro desse líquido Santo Daime, mediante a vontade, o desejo e os méritos de cada irmão. O Daime é quem dá mais que qualquer um mestre material. Então todo aquele que tomar essa bebida, o ritual, ouvir os hinos, que são a palavra do Mestre e é o mesmo Daime. (Padrinho Alfredo, 58 anos)<sup>115</sup>*

Certamente a ingestão da bebida Santo Daime pelas crianças é uma questão bastante polêmica para aqueles que tem a visão de que se trata de tóxico<sup>116</sup>. Essa visão paira no imaginário de “(...) medo do desconhecido, do estranho, do exótico, por sua suposta possibilidade de ameaçar a ordem e corromper os bons costumes”. (DIAS JR., 2002: 415) Ora, adotar essa explicação simplista não contribui para compreender o seu uso que envolve elementos simbólicos, culturais, psicológicos e religiosos, corroborados pela concordância do grupo social.

A doutrina do Santo Daime se coloca como fonte de produção de saberes, uma outra possibilidade de desenvolver um processo educativo. Padrinho Alfredo

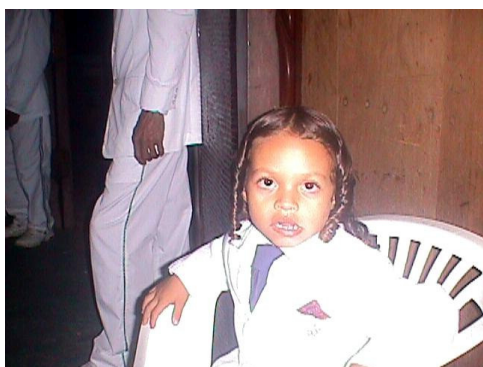
<sup>115</sup> Palavras proferidas por Padrinho Alfredo de Melo durante a realização de um Trabalho Espiritual e encontram-se em Couto (2002: 346).

<sup>116</sup> O Conselho Federal de Entorpecentes-CONFEN recomenda, a partir de 1992, que a bebida Santo Daime não deva ser incluída na lista de DIMED, caracterizando-a como droga; publicado no Diário Oficial, Seção 1, nº 11467. Atualmente, a Secretaria Nacional Antidrogas-SENAD considera que o uso ritualístico da ayahuasca, conhecida por Santo Daime, constitui uma manifestação cultural e religiosa da Amazônia.

Gregório de Melo sintetiza o significado desse conhecimento local ligado à dimensão da espiritualidade:

*A doutrina é uma escola, a universidade que reúne todos esses conhecimentos e essas necessidades da criança aprender e descobrir a evolução do mundo espiritual.<sup>117</sup>(Padrinho Alfredo ,58 anos)*

Para Geertz (1989), o ritual religioso envolve uma fusão simbólica do ethos aos elementos valorativos, com a visão de mundo permeada pelos aspectos existenciais. Assim, são os rituais mais elaborados e públicos que modelam a consciência espiritual de um povo. Turner (1974) segue nessa linha de reflexão identificando que o processo ritual traz no seu bojo uma possibilidade de compreensão da visão de mundo. Através das experiências originais vivenciadas pelas crianças mapienses, a sua visão de mundo parece estar ligada as suas ações e motivações dentro do ritual do Santo Daime.



Diante do exposto, a visão de mundo pode ser interpretada como a imagem de um verdadeiro estado de coisas, em que o tipo de vida adotado pela coletividade é uma expressão construída em uma singularidade. Compreender a visão de mundo que a criança mapiense constrói no cotidiano da doutrina do Santo Daime apresenta-se como uma imagem "(...) de um estado de coisa verdadeiro" (GEERTZ, 1989: 104), como forma de vida, evocada nessa singularidade cultural religiosa.

<sup>117</sup> As palavras do Padrinho Alfredo encontram-se na entrevista concedida à pesquisadora citada anteriormente.

O cotidiano, o tipo de vida adotado pelos moradores da Vila Céu do Mapiá é referendado pelos cânones da doutrina do Santo Daime, demonstrando ser uma “(...) expressão autêntica” (GEERTZ, 1989: 144) de manifestação religiosa. E as crianças estão ativamente presentes na vida social e religiosa mapiense, acompanham suas famílias nos trabalhos espirituais, elas participam das concentrações, dos hinários, dos trabalhos das crianças. A participação das crianças na vida social enriquecida pelo universo da doutrina tem como resultado uma gama especial de experiências e de saberes que constroem a partir desse conhecimento local, que elas vivem diariamente.

Na sua dissertação de Mestrado, Couto<sup>118</sup> constatou que o processo de socialização das crianças na Vila céu do Mapiá “(...) é análogo às sociedades indígenas” (1989: 68). Para ele, as crianças gozavam de muita liberdade, acompanhando os pais nas suas diversas atividades e estando presentes em todos os acontecimentos sociais da comunidade. Pontua também que o processo de socialização que as crianças vivenciam não se restringe somente à vida da família, mas amplia-se no sentido da participação das crianças nos trabalhos comunitários e nos rituais religiosos da doutrina. A participação das crianças nos trabalhos espirituais quase sempre se faz na presença dos familiares.

A comunidade se prepara para festejar sua maior festa religiosa, o dia de São João.

### **3.4.1. O significado dos festejos juninos para as crianças**

---

<sup>118</sup> Couto (1989) fez referência em sua dissertação à vida das crianças, no capítulo “A vida da floresta”, sendo que sua análise central é voltada para a discussão de ritual e xamanismo.

Os festejos juninos se revestem de significado simbólico para os praticantes da doutrina do Santo Daime, inclusive para as crianças. Essas peculiaridades podem ser observadas na reflexão elaborada no diário de campo.

### **Diário de campo: 23 de junho de 2003**

Hoje é o dia que toda a Vila Céu do Mapiá se encontra na igreja para festejar o dia de São João. Nessa noite é cantado o hinário O Cruzeiro, do Mestre Irineu. A data de São João é muito significativa para os seguidores da doutrina do Santo Daime, que reconhecem como doutrina de São João Batista. Muitos visitantes brasileiros e estrangeiros vieram participar da festa, a igreja encontra-se com um número grande de participantes e toda ornamentada com estandartes, contendo fotos dos santos cristãos, São João Batista, São Francisco e outros.

Pode-se dizer que o dia de São João é a principal festa do calendário daimista, carregada de poder simbólico, em que os adeptos comungam da crença que Padrinho Sebastião representou São João na terra, como é afirmado em muitos hinos por ele mesmo, “sou filho de Isabel”<sup>119</sup>. Observa-se a mescla religiosa por meio da presença dos santos cristãos numa doutrina típica da floresta Amazônica.

Ao iniciar o hinário, é acesa no pátio da igreja uma grande fogueira com mais de dois metros de altura, em homenagem a São João, que fica crepitando pela noite, atraindo a atenção de todos, principalmente das crianças, juntamente com os fogos de artifício que foram lançados ao céu para alegrar os festejos. As

---

<sup>119</sup> Hino número 28 do hinário O Justiceiro.

crianças vieram com suas famílias participar do hinário, tomam o Santo Daime e se colocam em seus lugares no bailado para cantar.

Como elucidam as anotações do diário de campo citadas, as crianças dessa doutrina compartilham o caminho da espiritualidade. Padrinho Sebastião acreditava na força espiritual das crianças, e também são elas que vão dar



continuidade a essa tradição religiosa, desenvolvendo-se nesse aprendizado quando participam dos Trabalhos Espirituais. Na noite de São João, a presença das crianças é considerável na igreja e, nesse ínterim, são atraídas pelo fascínio do Daime, da musicalidade, do bailado, da fogueira...

As crianças vivenciam os Trabalhos Espirituais e, nesse contexto, são respeitadas suas especificidades, seu tempo de sono, de alimentação e outras necessidades. Para que as famílias, principalmente as que residem afastadas da Vila Céu do Mapiá possam participar das práticas rituais, existe um local apropriado para o cuidado das crianças. O espaço é conhecido como “Casinha das Crianças” e, na noite de São João, observei a rotina de funcionamento.

Hoje foi inaugurada a nova Casinha das Crianças. Na porta de entrada da Casinha há os seguintes dizeres fixados: “Viva São João”. E está enfeitada com as tradicionais bandeirinhas de São João. A Casinha das crianças é o lugar destinado ao descanso das crianças em noites de hinário, daquelas que moram distante da Vila. Observei as redes estendidas no seu interior para acomodar os pequenos, à medida que o sono vai chegando.





A noite de São João é festejada pela maioria dos moradores da Vila Céu do Mapiá, e o hinário é o momento de compartilhar as experiências espirituais desse dia. As crianças também experienciam a multiplicidade de sentidos, de valores, nesse ritual. No registro a seguir apresento como as crianças acompanhando esse movimento até o final do hinário.

No intervalo do hinário, são as crianças que mais vibram com a fogueira. Na madrugada, são poucas as crianças que permanecem no bailado, a maioria se retirou para descansar. Ao término do hinário, com o dia raiando, as crianças vão despertando e, devagarinho, procuram o aconchego de suas famílias. Lá fora, restam apenas alguns paus queimando na fogueira, e a alegria da criançada consiste em pular a fogueira.

Encontro no hinário do Padrinho Alfredo um dos seus hinos que mostra o sentimento que os daimistas consagram para aos festejos juninos.

### **Viva o nosso Festival**

Mônica Lessa

Viva o nosso festival  
Aqui na terra a onde está.  
Viva o sol lá na altura.  
Eternamente a brilhar.

Viva a noite de São João  
 E toda a festa junina.  
 Viva a lua prateada,  
 Viva a nossa Mãe Divina.

Viva a luz resplandecente,  
 Que a tudo resplandece.  
 Viva a luz fosforescente  
 Em todo globo terrestre.

Hinário O Cruzeiro  
 Padrinho Alfredo  
 Hino número 158.

#### **Diário de campo: 24 de junho de 2003**

Hoje, dia de São João. É realizado, na Vila Céu do Mapiá, mais um de seus rituais, o batizado das crianças, em homenagem a São João, que batizava no rio Jordão. Nessa ocasião, os batizados são feitos segundo ritual específico da doutrina. As famílias, os padrinhos, as madrinhas vieram batizar as crianças, na sua maioria bebês, que nasceram no último ano. É curioso observar que essa comunidade se caracteriza pelos laços afetivos de compadrio entre as famílias, típico das populações rústicas brasileira.

O hinário de São João é uma data que as crianças esperam com muita expectativa, uma noite especial, com fogueira, fogos, e a participação delas é muito expressiva. Muitas crianças se apresentam na igreja para bailar, usando suas roupas de festa ou a farda. O



fato de o hinário de São João ser uma das principais festas daimistas prestigiada por grande número de crianças reflete a sua importância do ponto de vista da espiritualidade, da força do Daime, contida na ritualidade da doutrina.

O menino Olmo, nas suas palavras, manifesta o seu entendimento acerca do hinário de São João.

*P – O que você aprende com a doutrina?*

*C – Aprendo a ter respeito.*

*P – Você gosta de tomar Daime?*

*C – Sim, gosto muito.*

*P – E dos hinos, o que percebe?*

*C – O hino que eu mais gosto é esse aqui do Padrinho Sebastião.*

### **Convite**

Júlia

Estou aqui eu vim para dizer,  
Estou aqui eu vim para ensinar,  
Eu digo para todos meus irmãos:  
É numa noite de São João,  
Que vamos se transformar.

O amor de Deus é a verdade,  
O amor de Deus é harmonia,  
O amor de Deus é o alimento sem tormento,  
Não existe sofrimento  
Aqui nesta família.

Eu convido os meus irmãos  
 Para irem ao trono de marfim.  
 Estou dizendo e todos fiquem sabendo  
 Que eu aqui estou sofrendo,  
 Mas eu não sou daqui.

Hinário Padrinho Sebastião  
 Nova Jerusalém  
 Hino número 1.

*P – O que significa esse hino para você?*

*C – Que numa noite de São João a gente vai se transformar.*

*P – O que é a noite de São João?*

*C – A gente canta hinário, baila, toma Daime.*

*P – E vai se transformar para quê?*

*C – Se transformar, sê tranqüilo, tê paz, se transformar em anjo. (Olmo, 11 anos)*

Conhecer as crianças da Vila Céu do Mapiá e tentar compreender seu pensamento, sua visão de mundo no contexto da cotidianidade da doutrina do Santo Daime, isto é, o significado que elas atribuem à realidade que as cerca e as ações que praticam é um grande desafio, que requereram uma atitude relativista da pesquisadora para lidar com essas diferenças.

### **3.4.2. O sentido da ingestão do Daime**

Para participar dos trabalhos espirituais, da ritualidade da doutrina do Santo Daime, o elemento central ocorre por meio da ingestão da bebida. As crianças, em suas falas, expressaram o seu sentimento quando tomam o Santo Daime.

*Tomar Daime quer dizer que estou em contato com Deus, com todos os seres bons. (José Bento, 10 anos)*

*A gente sente navegando por aí, a gente sente um negocinho rapidíssimo. É bom! (Rosana, 09 anos)*

*Eu sinto a força do Daime, é os espíritos que chegam na gente. (Jetúlio, 09 anos)*

*Daí eu tomei Daime, daí eu fiquei mirando. (Daiana, 08 anos)*

*Quando eu tomo Daime eu sinto alegria. (Cristalina, 11 anos)*



As vozes infantis presentes nesse contexto contam as sensações, percepções que sentem quando tomam Santo Daime. O efeito da bebida promove a expansão na consciência, sem que ocorra a perda da capacidade de ação voluntária, e permite àquele que ingere observar os próprios sentimentos e pensamentos. Ainda revela tensões existenciais e processos internos do ser humano. Ou seja, deve-se olhar para as crianças sob a luz da diferença, sob o ponto de vista da subjetividade, para compreender esse universo capaz de colocá-las imersas na realidade ontológica.

A ingestão da bebida Santo Daime desencadeia o processo de miração<sup>120</sup>, “(...) que é a dimensão que torna apto o ser humano a ter acesso a planos espirituais superiores”. (GROISMAN, 1991: 113) A fala da menina a seguir refere-se a esse momento muito peculiar e complexo desse sistema religioso, Couto aborda como “(...) momentos de acuidade máxima, o que está inconsciente passa a emergir na consciência”. (1989: 118) As crianças sabem que o processo de miração está interligado com a ingestão da bebida e, em suas falas, demonstram estar muito à vontade ao vivenciarem suas experiências perceptivas.

*C – Quando eu tomo Daime, eu miro, eu vejo bicho.*

*P – Que bicho você vê?*

*C – Eu vejo onça, preguiça, macaco.*

*P – Você gosta de tomar Daime?*

*C – Gosto. Quando eu tô com dor eu também tomo e tem vez que lá na igreja eu tomo dois copo de Daime.*

*P – E você não tem medo de tomar Daime?*

*C – Não.*

*P – Para que tomar Daime?*

*C – Pra mirar. (Leidiane, 07 anos)*

---

<sup>120</sup> Expressão utilizada para definir o estado de expansão da consciência, no vocabulário daimista.

A trajetória na doutrina daimista é marcada por um processo de busca



espiritual e de encontro com a bebida Santo Daime. Segundo essa perspectiva, o Daime é revestido de simbolismos e possibilita a miração, que faz parte da intimidade de cada pessoa. Para Couto, “(...) vão desde visões interiores até a

compreensão afetivo-intelectual de si mesmo, do universo e da relação entre ambos”. (1989: 118) As crianças, ao falarem de suas mirações, manifestam visões de imagens celestiais, dos seres da natureza, entidades espirituais, ou seja, interpretações significativas que proporcionam determinados ensinamentos dentro do processo ritual e que representam “(...) capacidades intrínsecas da mente humana”. (COUTO, 1989: 117)

*P – Para você, o que representa ser uma fardada da doutrina?*

*C – É legal, é vestir uma farda e ir para a igreja. Porque aqui no Mapiá a gente é de Deus, aqui é para ter uma vida diferente. Aqui todo mundo vai pra igreja nos dias de trabalho e nos hinários.*

*P – Você toma Daime?*

*C – Tomo todas as doses de Daime eu tomo.*

*P – Você mira muito?*

*C – Miro.*

*P – O que você mira?*

*C – Miro São Miguel falando pra mim tomar Daime todo dia, vejo todo mundo brilhando. Eu me sinto mole.*

*P – Sente vontade de dormir?*

*C – Não, sinto vontade de deitar e ficar acordada vendo tudo acontecer.*

*P – Qual o hino que expressa o que você sente quando toma Daime?*

*C – Eu venho da floresta.*

### **Flor de Jagube**

Eu venho da floresta  
Com meu cantar de amor.  
Eu canto é com alegria  
A minha Mãe que me mandou.

A minha Mãe que me mandou  
Trazer Santas Doutrinas.  
Meus irmãos todos que vem  
Todos trazem este ensino.

Todos trazem este ensino  
Para aqueles que merecer.  
Não estando nesta linha  
Nunca há de conhecer.

Estando nesta linha  
Deve ter amor.  
Amar a Deus no Céu  
E a Virgem que nos mandou.

Hinário O Cruzeiro  
Mestre Irineu  
Hino número 38.

*P – De que este hino fala para você?*

*C – Do Daime que vem da floresta e que é para cantá com alegria.*



*P – Você gosta de cantar?*

*C – Gosto de cantar os hinos, eles dizem coisas boas. Eu acho que a gente é a pessoa mais rica que existe.*

*P – Por que é a pessoa mais rica que existe?*

*C – Porque a gente tem o Daime.*

*P – Você gosta de tomar Daime?*

*C – Daime é minha bebida como vinho, é o meu vinho de Jesus. (Bartira, 11 anos)*

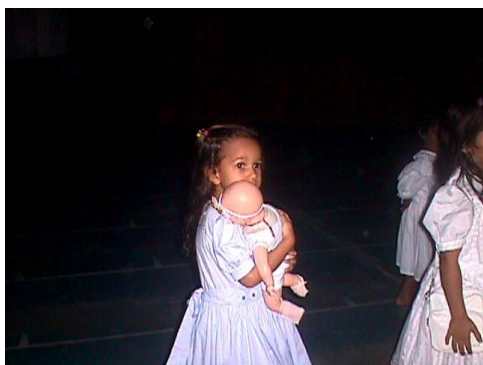


As crianças utilizaram em suas falas o conceito de miração. Mas o que significa mirar? O que é a miração para os seguidores do Santo Daime? Sob o ponto de vista conceitual, segundo Silva (2002), a miração é a categoria central do uso ritualístico da ayahuasca, no modelo do culto do Santo Daime. Esse autor considera que o termo miração possua influência de fronteirizos bolivianos e peruanos, remete a duas tradições distintas, as culturas indígenas americanas e as religiões afro-brasileiras, que tornam o estado alterado ou modificado de consciência para operar em suas práticas religiosas. Almeida compartilha com Silva a respeito da origem da palavra miração ser da língua castelhana das nações vizinhas ao Estado do Acre, “(...) mirar é a tradução de ver”. (ALMEIDA, 2002: 54)

Para Vera Fróes Fernandes, a miração “(...) é um estado de transe desencadeado pelo Daime, onde a pessoa pode ter visões com intensidade de cor, vidências, estabelecer contatos telepáticos com pessoas distantes, permitindo uma relação mais sensorial com o ambiente”. (1986: 26) A miração, segundo Groisman, é

definida como “(...) a sensação física e espiritual produzida pela ingestão do Daime, articulada com a prática dos ensinamentos doutrinários, na qual o indivíduo experimenta uma nova percepção do mundo”. (1991: 112) Ainda para explicar com mais profundidade o significado do termo *miração*, Groisman utiliza expressões das mensagens encontradas nos hinos dos praticantes, que relatam esse processo considerado relevante para os membros da doutrina e que também se fez presente na fala das crianças quando ingerem a bebida Santo Daime.

A *miração* está relacionada ao campo da emergência deste “Eu Superior”, que é a dimensão que torna apto o ser humano para ter acesso a planos espirituais superiores. O “Eu Superior” manifesta-se através de um conjunto de percepções que proporcionam ao indivíduo uma sensação de “transcendência”. Esta sensação traz consigo uma percepção diferente de si e do grupo e produz a revisão de seus atos no campo dimensional do “Eu Inferior”. Paralelamente e esta sensação de transcendência, a “*Miração*” ou percepção do “Eu Superior” revela ao indivíduo as experiências mais profundas da “Espiritualidade”, ou seja, o mergulho ou a ascensão aos “Planos Superiores”, ao “Astral Superior”. Ao “Palácio Juramidam”, aos Jardins Espirituais”, aos locais onde residem os “Seres Divinos da Corte Celestial”. E, ao entrar em contato com os “Seres Divinos”, deles ele recebe as mensagens que orientam a vida no Mundo da Ilusão. Passa assim a agir numa perspectiva “Espiritual”, ou seja, privilegia aquele comportamento instituído pelos “Seres Divinos, através dos “Ensinos” durante os “Trabalhos Espirituais” ou através da “Doutrina”.<sup>121</sup>(GROISMAN, 1991: 113)



Lucien Goldmann trabalha também com a categoria *visão de mundo*, afirmando que ela “(...) não é um dado empírico imediato, mas, ao contrário, um instrumento conceitual de trabalho, indispensável para compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos”. (1979: 17) Por ser um instrumento de trabalho essencial, exigiu que a

<sup>121</sup> As palavras foram mantidas em letra maiúscula e entre aspas, por opção do autor.

pesquisadora trabalhasse num processo de diálogo constante com as diversas opiniões, para a compreensão do pensamento das crianças mapienses. Para esse autor, “Uma visão de mundo é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais freqüentemente, de uma classe social) e os opõem a outros grupos”. (GOLDMANN, 1979: 20) Esclarece o autor que essa categorização não deve ser tomada de forma individualizada, uma vez que o ser humano estrutura-se, desde seu nascimento, nas suas diversas experiências e nas relações sócio-culturais, cabe aqui considerar a criança como parte desse contexto.

Não resta dúvida, porém, que toda visão de mundo expressa opiniões acerca da realidade social. Isso significa que, ao estudar a visão de mundo das crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá, está necessariamente articulado com as experiências vividas concretamente na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, no sentido de compreender o que são e o que pensam essas crianças.

É notório para todos a facilidade que as crianças mapienses têm para memorizar as letras dos hinos, as composições musicais que contêm as mensagens e os elementos doutrinários recebidos pelos praticantes. Em depoimento concedido a Geovânia Cunha (1986: 89), Padrinho Alfredo Gregório de Melo define o significado que o hino recebe no contexto da doutrina:

*Os hinos representam o Mestre expressando em palavras, miração, compreensão: os hinos são o registro de cada miração, que pode ser através de sonho ou revelação; aí começa o trabalho/desenvolvimento de cada um. É a força do nosso eu superior em contato com a matéria. Os hinos/chamadas são todos os seres superiores. Cada chamada é um ponto, chamadas de louvor eterno, são ensinamentos para vivos e mortos. (Padrinho Alfredo, 58 anos)*

Em relação aos hinos, Fernandes destaca sua importância por constituírem-se ensinamentos filosóficos nesse sistema religioso:

(...) os ensinamentos filosóficos da doutrina estão contidos nos hinos, que dão testemunho de fé, possibilitam o conforto espiritual, expressam devoção a Jesus Cristo, Nossa Senhora da Conceição, São João, entre outros santos e entidades divinas e descrevem as mirações proporcionadas pelo Santo Daime. Os hinos manifestam pedidos de força e ajuda espiritual, louvam a floresta que fornece a matéria prima da bebida ritual e exprimem também sentimentos de fraternidade e união entre os irmãos. (1986: 85)

A ingestão do Daime é um tema que produz muitas controvérsias. Das publicações, divulgados na literatura não acadêmica, que mais se destacam, por enfocarem críticas a esse sistema religioso, é da Argentina Alicia Castilha e do jornalista Jorge Mourão.

A versão de Alicia Castilha é documentada no livro “Santo Daime - Fanatismo e Lavagem Cerebral”<sup>122</sup>. Castilha aderiu a doutrina e, passou a freqüentar a igreja Céu da Montanha em Visconde de Mauá - RJ, em 1984, levando sua filha menor de idade a acompanhá-la. Nesse processo, ocorreu que a filha adolescente tornou-se cada vez mais devota, aos preceitos da doutrina. Por sua vez, a mãe, afastava-se da crença daimista, alegando a existência de aspectos manipulatórios em seu rituais. Houve conflito, bastante sério entre mãe e filha, culminando, na fuga da menor, no período que atingiria sua maioridade legal, para viver na Vila Céu do Mapiá. A mãe perdeu a guarda da filha, alegando que a mesma, foi alvo de seqüestro combinado com lavagem cerebral.

A jovem Verônica Castilha, atualmente, reside na Vila Céu do Mapiá, ao que parece, por livre vontade. Segundo Labate, a obra de Castilha, “(...) está impregnada

<sup>122</sup> CASTILHA, Alícia. Santo Daime – Fanatismo e Lavagem Cerebral. Rio de Janeiro: Imago.1995.

de contradições e preconceitos do senso comum”. (2002:259). O conflito de Alicia e Verônica, foi analisado também pelo CONFEN, como sendo um caso de “(...) uma inconformidade da mãe com relação a opção religiosa da filha”. (LABATE, 2002: 259)

O jornalista Jorge Mourão segue no caminho aberto por Castilha, onde relata em sua obra, “Tragédia na Seita Santo do Daime”<sup>123</sup>, a morte do rapaz, Jambo, que foi morar na Vila Céu do Mapiá. Em junho de 1992, aos 19 anos, Jambo, se suicidou nessa comunidade, de maneira trágica: encharcou um colchão com gasolina onde se sentou, e ateou fogo, padecendo entre as chamas.

Na obra de Mourão, é narrada a história do filho de sua esposa, acusando que a doutrina do Santo Daime influenciou negativamente o jovem, e também, que foi enterrado sem atestado de óbito em lugar desconhecido. Para Labate, o livro de Mourão, “(...) deixa transparecer as limitações de sua própria análise, dificultando a credibilidade das denúncias que ele pretende fazer”. (2002: 259) Os moradores da Vila Céu do Mapiá, contestam as acusações de Mourão, afirmando que os restos mortais de Jambo, nunca foram reclamados pela família, e estão sepultados no cemitério local.

Os dois casos relatos servem de ilustração, ao que poderíamos designar de paradoxo das religiões. De um lado, será que as confissões religiosas reforçam as carências psicológicas? E de outro, será que elas acolhem justamente aqueles que estão mais vulneráveis, as necessidades econômicas, sociais, psicológicas? Não pretendo realizar essa discussão, por não ser finalidade desse estudo, mas reconheço, o quanto é polêmica e paradoxal a questão.

---

<sup>123</sup> MOURÃO, Jorge. Tragédia na Seita do Santo Daime. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

### 3.4.3. As mensagens dos hinos

Uma das maneiras encontradas pela pesquisadora para conhecer os sentimentos, as idéias, o que pensam as crianças dessa pesquisa foi por meio das mensagens subentendidas que os hinos trazem para cada uma delas. Segundo Couto, os hinos

(...) são o principal alimento simbólico desse sistema religioso. Para seus seguidores, eles são como luzes acesas, que consubstancializam um caminho simbólico, traduzindo a comunicação superior na linguagem das palavras, revelam os mistérios da vida espiritual. (1989: 53)

Nas conversas gravadas, as crianças escolhiam os hinos que tivessem maior significado para elas, cantavam, pediam para escutar a gravação em que elas eram as protagonistas daquela ação e falavam sobre essas mensagens.

*P – O que os hinos falam para você?*

*C – Eu escuto e canto os hinos, eles dizem uma porção de coisas.*

*P – Que coisas?*

*C – Várias coisas, ensina a gente a ser educada. Algumas são coisas boas e algumas coisas ruins.*

*P – E as coisas boas?*

*C – Diz que a gente tem que viver em harmonia.*

*P – E as coisas ruins?*

*C – O hino quer dizer que a gente faz muita coisa errada.*

*P – Que hino você acha legal?*

*C – Admiro o Sol*

### **Admiro o sol**

Admiro o sol,  
Admiro a lua,  
Admiro as estrelas,  
Admiro o mar.

Admiro a Terra  
Com tudo que existe nela.  
Eu dou glória a Deus  
Que nos fez habitar.

Eu vou meditando  
Um pouco seu poder,  
Pra daqui da Terra  
Eu poder compreender.

Todo movimento  
Do infinito global,  
Sendo que pra Deus  
Tudo é igual.

Hinário do Padrinho Valdete de Melo  
Hino número 29.

***P** – Porque você acha legal esse hino?*

***C** - Por que fala da terra, do sol, da lua, das estrelas. Eu gosto mais da parte que canta “todo movimento do infinito global, sendo que pra Deus tudo é igual”.*

***P** – E o que significa isso para você?*

***C** – Eu não sei muito não, mas pra Deus todo mundo é igual.*

*P – E o que é o movimento do infinito global?*

*C – E a terra sempre girando.*

*P – Que mensagem traz para você?*

*C – Traz uma mensagem legal, eu acho legal de cantar esse hino. (Radarane, 12 anos)*

*P – E os hinos, o que dizem pra você, Jetúlio?*

*C – Dizem coisas, palavras.*

*P – E as palavras, o que significam?*

*C – Falam da floresta, do vento.*

*P – De que hino você gosta?*

*C – Da Rainha Iemanjá.*

Peço proteção a Rainha Iemanjá.  
Lavai o meu coração nas ondas do mar.  
Lavai, lavai nas profundezas,  
Mamãe natureza, Rainha do mar.

Peço sabedoria ao Rei da Ciência,  
Que é quem comanda nosso batalhão.  
Segura na sua mão, ele tem uma chave.  
Para chegar até ele tem que abrir o coração.

Essa chave de ouro é muito preciosa  
E abre a porta da revelação.  
Eu agradeço a esse bom companheiro  
Que traz nesse mundo essa direção.

Por minha família eu peço segurança



Ao Mestre Irineu e ao Padrinho Sebastião.  
 Eu agradeço a esse bom companheiro  
 Que traz nesse mundo essa direção.

*P – Esse hino fala do mar, você conhece o mar?*

*C – Não.*

*P – Como é que você imagina o mar?*

*C – O mar é enorme, as ondazonas grandonas, água salgada, as baleionas.*

*P – Tomar banho de mar, que jeito é?*

*C – Quando vem a onda tem que mergulhar, quando vem a outra tem que mergulhar, quando vem a outra ondazona tem que mergulhar<sup>124</sup>.*

*P – Você tem vontade de conhecer o mar?*

*C – Sim, não tem aquele negócio do mar que os bichos vem dentro e a gente coloca aqui na orelha e faz xiiii...*

*P – Quem é a Rainha Iemanjá?*

*C – É quem cuida do mar, é um ser divino.*

*P – Você sabe os hinos de memória, de cabeça, como é que você aprende?*

*C – Aprendendo, eu vou me lembrando deles. (Jetúlio, 09 anos)*

Um cenário bastante complexo que se consolida para a criança mapiense na cotidianidade da doutrina do Santo Daime. A dimensão espiritual expressa-se através da natureza, nos seres da floresta, nas divindades.

A doutrina sistematiza os ensinamentos recebidos do mundo espiritual, servindo como base iniciática e parâmetro de ação. A doutrina representa uma estruturação dos significados básicos para a compreensão da vida espiritual. (GROISMAN, 1991: 92)

<sup>124</sup> Jetúlio mostra com o movimento dos braços como deve ser essa experiência.

Padrinho Sebastião acreditava na grande força espiritual das crianças e realizava Trabalhos Espirituais com as crianças praticamente toda semana. Conta Vera Gall, nas suas memórias sobre o Padrinho, que certo dia ele chegou à Escola Cruzeiro do Céu para convidar as crianças a participarem de um Trabalho Espiritual, e falava assim:

*Olha crianças, vai chegar umas pessoas doentes lá do rio Purus, lá pra baixo do igarapé. E as crianças tem muita pureza, muita força espiritual para trabalhar com a cura, então eu quero fazer um trabalho de cura com esses doentes na presença das crianças, por isso estou convidando vocês para participarem. (Vera Gall, 43 anos)*

Vera Gall relata essa passagem das crianças com o Padrinho em participar do Trabalho Espiritual, pontuando:

*É incrível porque ninguém pensa em colocar criança no trabalho com doente, no entanto, o Padrinho acreditava nessa força que a criança traz no seu coração. (Vera Gall, 43 anos)*



A visão de mundo das crianças da Vila Céu do Mapiá está fortemente vinculada às situações concretas vivenciadas por elas, onde o cotidiano da doutrina assume papel primordial como possibilidade de referência para a estruturação de suas vidas. Pelo contexto em que as crianças encontram envolvidas na Vila Céu do Mapiá, constroem e

reconstroem maneiras peculiares de ver o mundo, mediadas pelas orientações espirituais contidas nos ensinamentos doutrinários que vêm principalmente nas mensagens dos hinos. “A importância do hino reside em sua origem espiritual, pois, segundo a visão do grupo, o indivíduo não compõe o hino, ele recebe do Astral. Esse receber o hino representa a confirmação da possibilidade de contato com o plano espiritual”. (GROISMAN, 1991: 130) As crianças também recebem seus hinos, eles não estão destinados apenas ao mundo do adulto; suas mensagens explicitam uma linguagem da infância. Segundo Couto, o hino, “Para quem o recebe, é discernimento, consciência e emoção”. (1989: 53)

*P – Que mensagens os hinos trazem para você?*

*C – A gente tem que agradecer a floresta, trabalhar e se a gente quiser ter a vida tem que agradecer a nossa mãe.*

*P – Quem é a nossa mãe?*

*C – É a mãe terra e a mãe santa também.*

*P – O que você sente quando canta?*

*C – Eu sinto muito prazer, gosto de ficar cantando os hinos.*

*P – Quando eu cheguei, você estava cantando; que hino era?*

*C – Era um do Salomão<sup>125</sup>; vou cantar de novo pra ti conhecer melhor.*

Borboletas azuis,  
Vós que tem amor,

---

<sup>125</sup> Salomão é um menino de aproximadamente treze anos e que sofre de paralisia motora e necessita, para locomover-se, de cadeira de rodas. Passa períodos na Vila Céu do Mapiá e outros em Brasília, onde é submetido a tratamento de fisioterapia. Quando está na Vila, frequenta a escola e participa dos Trabalhos Espirituais.

Vós sois quem vou amar  
E só a meu beija-flor.

O meu beija-flor  
É do Rei Tupinambá,  
Da rainha da floresta,  
Da rainha Iemanjá.

*P – Porque você gosta desse hino?*

*C – Ele é um hino que fala da borboleta, do beija-flor. Que a borboleta sempre anda com o beija-flor e isso eu já vi, né. Quando a borboleta aparece, o beija-flor tá por perto, eu acho muito legal isso.*

*P – O que você acha da natureza, de viver na floresta?*

*C – A gente vê muitos animais, vê muitas coisas da floresta, é importante não poluir a floresta, porque nela mora os seres da doutrina e o Daimê. (Mariana, 12 anos)*

*P – Xavier, eu vejo que você sempre participa dos trabalhos espirituais, bailando e cantando. Você gosta de cantar?*

*C – Gosto do hinário da Madrinha Cristina, do Padrinho Valdete. Eu vou falar pra ti do meu hino que é sobre a paz, disciplina e o amor.*

Meus olhos vão se abrindo,  
Meus ouvidos podem escutar.  
Estudo fino, estudo fino,  
Me dê firmeza para poder caminhar.

*P – O que significa estudo fino de que fala seu hino?*

*C – É o estudo que a gente faz na doutrina, é o que a gente aprende, é os ensinamentos que vêm do céu.*

*(Xavier, 09 anos)*



A vida das crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá é fortemente marcada pela dinamicidade dos trabalhos espirituais da doutrina, que seguem um calendário de eventos rituais específicos, juntamente com as festas do calendário cristão.

São as comemorações dos santos, dos aniversários, em que a comunidade se reúne para refletir, meditar, cantar, louvar, saudar os seres divinos do Império Juramidam. O registro a seguir aborda justamente a realização do hinário em comemoração a um aniversário.

### **Diário de campo: 25 de junho de 2003**

Hoje na Vila Céu do Mapiá comemora-se o aniversário da Madrinha Rita, que irá completar setenta e oito anos. Essa data é festejada por toda a comunidade, cantando o hinário do Padrinho Sebastião. O trabalho inicia pela manhã e transcorre durante todo o dia, até ao anoitecer. Na primeira parte do trabalho, as crianças que compareceram foram poucas, somente as maiores, que não necessitam de acompanhante, se fizeram presentes.

Durante o período da pesquisa de campo participei do hinário de comemoração pelo aniversário da Madrinha Rita<sup>126</sup>, de que trago o registro no diário

<sup>126</sup> Madrinha Rita é a viúva do Padrinho Sebastião.

de campo. É para que o leitor ou leitora conheçam um pouco da sistematização dos Trabalhos Espirituais dessa doutrina.



Dia de festa! Dia de hinário! O ritual de celebração do hinário justifica por si mesmo os laços de amizade, alegria, um tipo de confraternização, com objetivo de agregar a irmandade, os moradores da Vila Céu do Mapiá, para revigorar a espiritualidade. E todos se encontram para comemorar o aniversário da Madrinha Rita, à qual lhe é conferida pelo grupo a liderança espiritual. E as crianças, mais uma vez, marcam sua presença, dessa vez no almoço para os participantes do hinário.

No intervalo do hinário, foi oferecido um almoço comunitário para a Madrinha e os participantes, à sombra das mangueiras, no terreiro da igreja. O cardápio do almoço era composto por alguns pratos típicos regionais e mais a alimentação básica do morador mapiense. Para o almoço, as crianças compareceram, dia de festa!!!



As crianças estão integradas nas práticas rituais da doutrina. Esse processo é educativo na troca de experiências, na construção dos ensinamentos no campo da

espiritualidade. Entretanto, não há rigidez na participação das crianças, mas respeito as suas especificidades. Através do registro a seguir, é possível perceber a dinâmica que circunda as crianças nesse contexto, especificamente no hinário de comemoração do aniversário da Madrinha Rita.

Ao iniciar a segunda parte do hinário, o número de participantes, inclusive as crianças, foi maior. Poucas crianças vieram de farda, a maioria estava com suas roupas de festa. Participaram do hinário no bailado, no canto e também realizavam suas brincadeiras nas varandas e no pátio da igreja. No momento, observo Alexandre, Isabel, Mariana, Jasmine, Maria Rosa conversando. Escutam o estrondo de um foguete e aplaudem gritando viva! Viva!!! Como o hinário é de dia, as mães ou os irmãos mais velhos acompanham o movimento das crianças. Após o encerramento do trabalho espiritual, todos os participantes do hinário cantaram parabéns para a Madrinha Rita com um grande bolo, com velinhas de aniversário. As crianças rodearam a Madrinha para acompanhar a cantoria do parabéns da aniversariante com grande entusiasmo, alegria e muitas palmas.

Ao longo desse capítulo, não foi uma tarefa simples entrecruzar observações, vozes das crianças, pensamentos e pensadores, para inferir na categoria revisitada - visão de mundo e compreensão dessa construção pelas crianças da pesquisa, por intermédio das fronteiras dos saberes vivenciados pelas mesmas nessa singularidade local. Comparo essa tessitura tal qual a urdidura do tear, em que as crianças mapienses experimentam fio por fio, texturas e cores. Constitui um tecido elaborado por muitos fios, muitas texturas, muitas cores, que se mostram

entrelaçados, mas que deixam aparecer as brechas das múltiplas experiências de ser criança na Vila Céu do Mapiá.

Nesse percurso que atravessei na Vila Céu do Mapiá, as crianças deixaram transparecer, em suas falas, os valores de participação, de solidariedade, de acolhimento, de aprendizado de vida, de envolvimento na construção dos saberes, de desenvolvimento espiritual, que se encontra no reconhecimento de suas existências.









## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Finalizando o estudo e a pesquisa, teço algumas considerações, que não têm a pretensão de encerrar o debate acerca da visão de mundo construída pelas crianças na cotidianidade da doutrina do Santo Daime. Apenas uma brecha se abriu nessa tessitura de muitos fios. Ou seja, os múltiplos aprendizados que se apresentam diariamente às crianças na Vila Céu do Mapiá, presentes na Escola Cruzeiro do Céu, no projeto Nossa Guia a Lua, na Tecelagem e nos Trabalhos Espirituais, ainda estão sendo edificados nesse processo, tal qual as pedras que se alinham para a estrutura de uma construção.

Para adentrar no mundo da criança, a caminhada empreendida assumiu uma perspectiva de “(...) um olhar a partir de dentro”. (FLEURI e COSTA, 2001: 100) Como pesquisadora, me coloquei na posição de compartilhar os Trabalhos Espirituais da doutrina do Santo Daime, constituída por diferentes sujeitos em relação. A criança como membro dessa comunidade encontra-se embricada nas relações sociais, portanto, está em relação com todas as pessoas desse contexto. Ao mesmo tempo se fez necessário uma interpretação do fenômeno social, “(...) a partir do alto” (FLEURI e COSTA, 2001: 100), que proporcionou explicar os sentidos construídos na interação dos diversos olhares, diálogos e encontros. Em todos os momentos da pesquisa procurei olhar as crianças “de dentro e do alto”<sup>127</sup>, que revelaram aprendizado de saberes e fazeres que a elas pertencem, “(...) pois o construíram com suas próprias descobertas” (PEREIRA,

---

<sup>127</sup> Expressão usada por Fleuri e Costa (2001: 100).

1997: 200) significativas em suas vidas, assim demonstrando profunda sabedoria do universo infantil.

Nesses encontros de observação e conversas com as crianças, elas iam deixando transluzir a singularidade de viver na Vila Céu do Mapiá e os enfrentamentos de situações que envolvem suas vidas, capazes de construir estratégias e soluções possíveis. Singularidades essas, que se mostram nas brincadeiras, na maioria das vezes, relacionadas as características das populações ribeirinhas amazonenses. A construção dos saberes e fazeres, que perpassam pelo conhecimento sistematizado no espaço da escola, a participação nos projetos e a vivência das crianças nos Trabalhos Espirituais, mediadas pelos ensinamentos contidos na ritualidade da doutrina do Santo Daime. Os enfrentamentos sentidos pelas crianças estão presentes na precariedade da estrutura física do prédio da escola, na fragilidade da formação acadêmica de seus professores, refletindo na sua prática pedagógica, com isso, dificultando a apropriação do conhecimento e o prazer do aprender.

As crianças retrataram em suas falas, as tensões e contradições, que se apresentam para elas, entre a forma muito simples da realidade vivida na floresta e os desejos do consumo, transmitidos principalmente pela televisão. Por outro lado, destacaram a importância da doutrina nas suas vidas, como espaço de aprendizagem e de ensino.

O universo da criança é amplo, e aqui trago apenas um recorte do que pude conhecer. É sempre possível ouvir o que elas têm a dizer do seu próprio mundo, que verbalizam e explicitam experiências que os adultos não fazem mais.

Esse estudo defrontou-se com a complexidade da criança interagindo num contexto religioso, permitindo-lhes acesso a toda intrincada teia simbólica, cultural e

social presente no cotidiano da doutrina do Santo Daime, uma realidade absolutamente singular, em que vivenciam a universalidade da infância. Pois, existe em cada cultura um capital específico de crenças, idéias, valores, levar em consideração as singularidades, mas jamais esquecer as totalidades integradoras.

Desejei deixar evidente, no que registrei até aqui, como tenho olhado as crianças da pesquisa, como crianças que são, que se expressam através das brincadeiras até mesmo quando contribuem nas atividades familiares, nas experiências concretas relacionadas às fronteiras dos saberes e no seguimento da espiritualidade por entre a vivência da doutrina daimista.

Nessa pesquisa meu olhar para as crianças foi fundamentado em um referencial teórico, que concebe a infância como categoria social, entendendo as mesmas como sujeitos da história, produtoras de cultura.

As crianças da Vila Céu do Mapiá compartilham com os demais membros da comunidade um contexto religioso. Com isso, a fala de cada criança “(...) é claramente fragmento de um enredo mais amplo, que ela protagoniza com os outros”. (MARTINS, 1993: 58) Quando trouxe nessa investigação, a voz das crianças, as apresentei como autoras de suas falas, que revelaram em muitos momentos o que pensam, sentem e imaginam da vida e do mundo, portanto, não foram mantidas no anonimato. Para além, da concepção de considerar as crianças apenas objeto de pesquisa, o marco teórico-metodológico, que orientou esse estudo se sustentou em referendá-las como sujeitos e autoras. Dessa maneira, optei em manter os verdadeiros nomes das crianças, tendo como pressuposto central as suas reais condições de existência, a partir das experiências que vivenciam no espaço das brincadeiras, na construção dos saberes e nas práticas religiosas evidenciando a sua visão de mundo.

A vivência das crianças nos Trabalhos Espirituais da doutrina do Santo Daime foi demarcada por elas, como fonte de conhecimento e aprendizagem, segundo a menina:

*O Daime ensina a gente. (Rosane, 09 anos)*

A fala de Rosana está inserida no contexto real da doutrina daimista, mostrou os valores que ela constrói para si, amalgamados pela dinâmica cultural desse cotidiano, em que a dimensão espiritual constitui elemento de compreensão do conhecimento.

Em meu encontro com as crianças, o outro, elas falaram dentre tantas coisas, da importância das mensagens que os hinos tem para suas vidas, no qual estruturam seu imaginário a partir dessas representações que internalizam, formando assim, quase uma segunda natureza. Nesse sistema religioso os hinos se traduzem como orientações espirituais.

Acredito que “Em Roda dos Meninos<sup>128</sup>”, promoveu a visibilidade da visão do mundo dos parceiros dessa pesquisa - as crianças - na cotidianidade da doutrina do Santo Daime. Prática ritualística essa muitas vezes marginalizada pela lógica hegemônica, que desconsidera as tradições culturais engendradas pelo uso da bebida Santo Daime, contestando “(...) a espiritualidade como prática social e filosofia essencial para a trajetória da humanidade, superando o imediatismo materialista das relações estabelecidas exclusivamente sobre as bases econômicas, sociais e políticas da vida material”. (TRAMONTE, 2001: 502)

---

<sup>128</sup> Título dado a essa dissertação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria de Fátima Henrique. Santo Daime: A Colônia Cinco Mil e a Contracultura (1977-1983). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. UFPE: Recife, 2002.

ALVERGA, Alex Polari. O Guia da Floresta. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ANTONIO, Mariana de Paiva e AMARO, Jefferson. Plano de Desenvolvimento Comunitário - PDC. Relatório de Atividades - Viagem 2. Floresta Nacional do Purus, Vila Céu do Mapiá, Secretaria de Coordenação da Amazônia / Ministério do Meio Ambiente (SCA/MMA), Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), Instituto Nawa, 2003.

ARENHART, Deise. A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na Fronteira: significações e produções infantis. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC: Florianópolis, 2003.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O Significado da Infância. Anais do I Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

AURAS, Marli. Guerra do Contestado: A organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC: Assembléia Legislativa; São Paulo: Cortez, 1984.

BASTIDE, Roger. Sociologia. São Paulo: Ática, 1979.

\_\_\_\_\_. Terra dos Contrastes. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.



- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação. São Paulo: Sumus, 1984.
- BOLSANELLO, Débora Pereira. Busca do Graal Brasileiro: a Doutrina do Santo Daime. Rio de Janeiro: Bartrand Brasil, 1995.
- BARBOSA, Marialva. A Comunicação Transfronteiras e Interculturalidade. In: PERUSSO, Cicília Maria Krohling e PINHO, José Benedito. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CEMIN, Arneide Bandeira. O Livro Sagrado do Santo Daime. Labirinto – Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia, 20003. Disponível na Internet em [www.unir.br/~cei/artigo11.html](http://www.unir.br/~cei/artigo11.html)
- CHARLOT, Bernard. A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CASTRO, Lucia Rabello.(Org.). Crianças e Jovens na Construção da Cultura. Rio de Janeiro: NAU - FAPERJ, 2001.
- CÉU DO MAPIÁ 20 anos - Uma comunidade Espiritual no coração da Floresta. Acre- Governo da Floresta / Fundação Elias Mansour, CTA- Centro de Trabalhadores da Amazônia, Ida-Cefluris / Cedoc- Instituto de Desenvolvimento Ambiental- cefluris / Centro de Documentação, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COHN, Gabriel. (Org.) Max Weber. São Paulo: Ática, 1999.
- COPPETE, Maria Conceição. Janelas Abertas: Uma Experiência de Educação no Mont Serrat. Florianópolis (1996-2002). Dissertação apresentada a Universidade Estadual de Santa Catarina no Mestrado em Educação e Cultura - UDESC. Florianópolis, 2003.

- \_\_\_\_\_. Currículo. Caderno Pedagógico. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2003.
- CORAZZA, Sandra Mara. Infância e Educação-Era uma vez... Quer que conte outra vez? Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. História da Infância Sem Fim. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- COUTO, Fernando La Roque. "Santos e Xamãs". Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia. Universidade de Brasília, 1989.
- \_\_\_\_\_. Santo Daime: Rito de Ordem. In: Labate, Beatriz Caiuby e ARAUJO, Wladimir Sena. (Org.) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: São Paulo: Fapesp, 2002.
- CUNHA, Geovânia Corrêa Barros. O Império do Beija-Flor. Monografia sobre folclore. Instituto Nacional do Folclore – FUNARTE, 1986.
- DIAS JR., Walter. Diário de Viagem... In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAUJO, Wladimir Sena. (Org) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- FANTIN, Mônica. No Mundo da Brincadeira. Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FAZENDA, Ivani.(Org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERNANDES, Vera Fróes. História do Povo de Juramidam. Manaus: SUPRAMA, 1986.
- FERREIRA, Maria Nazareth. Globalização e Identidade Cultural na América Latina. São Paulo: CELEBA, 1995.
- FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.) Intercultura e Movimentos Sociais. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

\_\_\_\_\_. Intercultura: estudos emergentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

FLEURI, Reinaldo Matias e COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica em educação. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

FORQUIN, Jean Claude. Escola e Cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária Ltda, 1975.

GARCIA, Regina Leite. (Org.) Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LCT Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GOLDMANN, Lucien. Dialética e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOULART, Sandra Lúcia. O contexto do surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena. (Org.) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

GROISMAN, Alberto. “Eu venho da Floresta”: Ecletismo e Práxis Xamânica Daimista no Céu do Mapiá. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC: Florianópolis, 1991.

\_\_\_\_\_. Eu venho da Floresta. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org). O Brincar e suas Teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KRAMER, Sonia. LEITE, Maria Isabel. (Org). Infância: Fios e Desafios da Pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, nº 16, p.41-59, julho de 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena. (Org.) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena. (Org.) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. LARA, Nuria Pérez. (Orgs.) Imagens do Outro. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. O que falam de escola e saber as crianças da área rural? In: KRAMER, Sonia. LEITE, Maria Isabel. Infância: Fios e Desafios da Pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LIMA, Donizeti José. "Só Sangue Bom" – Construção de Saberes e Resistência Cultural como Expressão do protagonismo Juvenil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC: Florianópolis, 2003.

MALUF, Sônia Weider. Les Enfants Du Verseau Au Pays Des Terreiros Les cultures thérapeutiques et spituelles alternatives au Sud du Brésil. Thèse de Doctorat em Anthropologie Sociale et Ethnologie. École des Hautes Études em Sciences Sociales. Paris, 1996.

MARTINS, José de Souza. O Massacre dos Inocentes. A criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, K. e ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Hucitec, 1999.

MCLAREN, Peter. Rituais na Escola. Petrópolis: Vozes, 1992.

MONTE, Nietta Lindenberg. Escolas da Floresta: entre o passado oral e o presente letrado; diários de classe de professores Kaxinawá. Rio de Janeiro: Multiletra, 1996.

MONIZ, Edmundo. Canudos: A luta pela terra. São Paulo: Global, 1984.

MORAIS, Anaruez Ferreira. O Ethos Social e o Futuro na Vila Céu do Mapiá, Amazonas, Brasil. Exame de Qualificação do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, nível de doutorado da Universidade de São Paulo.USP: São Paulo, outubro de 2003.

MORIN, Edgar. Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

\_\_\_\_\_. Da Necessidade de um Pensamento Complexo. In. Para Navegar no Século XXI. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

\_\_\_\_\_. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001-a.

\_\_\_\_\_. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001-b.

\_\_\_\_\_. Tierra – Pátria. Argentina: Ediciones Nueva Visión SAIC, 1993.

MORTIMER, Lúcio. Bença, Padrinho. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.

NEGRÃO, LÍSIAS Nogueira & CONSORTE, Josildeth Gomes. O Messianismo no Brasil Contemporâneo. São Paulo: FFLCH - USP/CER, 1984.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta. A infância sob o olhar de crianças no interior da creche. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós Graduação em Educação. UFSC: Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, José Aldemir. Amazônia: Sociedades Diversas e Culturas Múltiplas. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohlíg e Pinho, José Benedito. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

ORO, Ari Pedro. Na Amazônia um Messias de Índios e Brancos. Para uma Antropologia do Messianismo. Petrópolis: Vozes - EDIPUCRS, 1989.

PELÁEZ, Maria Cristina. No Mundo se Cura Tudo. Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia. Florianópolis: UFSC, 1994.

PEREIRA, Angela Maria Nunes Machado. A sociedade das crianças A UWE-XAVANTE, por uma antropologia da criança. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997.

PIACENTINI, Telma Anita. Fragmentos de Imagens de Infância. Tese apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1995.

PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e Vida Privada. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. Domínus da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Messianismo no Brasil e no Mundo. São Paulo: Alfa - Omega, 1976.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Escola: uma relação marcada por preconceitos. Tese apresentada ao Programa de Pós - Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2000.

REVISTA DO CENTENÁRIO. Edição Comemorativa - 100 anos do Mestre Irineu. Rio de Janeiro: Beija-flor, 1992.

SARMENTO, Manuel Jacinto. PINTO, Manuel. AS crianças e a Infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel. SARMENTO. Manuel Jacinto. As Crianças Contextos e Identidades. Portugal: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Editora Bezerra, 1997.

SILVA, Clodomir Monteiro. O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena. (Org.) O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

SILVA, Marilene Corrêa. Mundialização da Amazônia: Processos, Contrastes e Expressões. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohlig e PINHO, José Benedito. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

SOUSA, Ana Maria Borges. Infância e violência: O que a escola tem a ver com isso? Tese apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS: Porto Alegre, 2002.

SOUZA, Maria Izabel Porto de. Construtores de Pontes: explorando limiares de experiência em educação intercultural. Dissertação de mestrado ao Programa de Pós Graduação em Educação. UFSC: Florianópolis, 2002.

\_\_\_\_\_. Fronteiras do cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite. Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

SPINK, Mary Jane P. (Org.) Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

TAVARES, Maria Teresa Goudard. Uma escola: texto e contexto. In: GARCIA, Regina Leite. Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

TRAMONTE, Cristiana. Com a Bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões da Grande Florianópolis. Itajaí: Univali, 2001.

\_\_\_\_\_. Meio Ambiente e Cultura: Compreendendo o Candomblé. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.) Intercultura: estudos emergentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes LTDA, 1974.

XAVIER, Márcia Rejania Souza. Educação e Religião. Os entre lugares da Educação de Adultos na ação educativa do PEACE. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.UFSC: Florianópolis, 2003.



## **ANEXOS**